

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS EM GESTÃO E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Mayra Resende Mendes de Oliveira Silva

**Entre a prescrição e a incorporação do tempo: o paradoxo do desempenho
na formação de jovens engenheiros**

Uma análise crítica das experiências de estudantes e egressos da Engenharia de
Produção no processo formativo e profissional

Sorocaba

2026

Mayra Resende Mendes de Oliveira Silva

**Entre a prescrição e a incorporação do tempo: o paradoxo do desempenho
na formação de jovens engenheiros**

Uma análise crítica das experiências de estudantes e egressos da Engenharia de
Produção no processo formativo e profissional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção para obtenção do título de Mestre em
Engenharia de Produção.

Orientação: Prof. Dra. Patrícia Saltorato

Financiamento: Capes

Sorocaba

2026

Silva, Mayra Resende Mendes de Oliveira

Entre a prescrição e a incorporação do tempo: o paradoxo do desempenho na formação de jovens engenheiros: Uma análise crítica das experiências de estudantes e egressos da Engenharia de Produção no processo formativo e profissional / Mayra Resende Mendes de Oliveira Silva -- 2026.
126f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Patrícia Saltorato
Banca Examinadora: Andréa Regina Martins Fontes,
Thais Joi Martins
Bibliografia

1. Tempo social. 2. Desempenho. 3. Engenharia de produção. I. Silva, Mayra Resende Mendes de Oliveira.
II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

MAYRA RESENDE MENDES DE OLIVEIRA SILVA

Entre a prescrição e a incorporação do tempo: o paradoxo do desempenho na formação de jovens engenheiros. Uma análise crítica das experiências de estudantes e egressos da Engenharia de Produção no processo formativo e profissional.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção. Sorocaba, 22 de abril de 2026.

Orientador(a)

Dr. (a) Patrícia Saltorato
UFSCar

Examinador(a)

Dr. (a) Andréa Regina Martins Fontes
UFSCar

Examinador(a)

Dr. (a) Thais Joi Martins
UFRB

A Deus, aquele que me indicou este caminho como parte daquilo que ele projetou para minha vida mesmo sem que eu soubesse bem onde tudo isso me levaria.

Ao meu marido Leandro, por me apoiar com a demanda do lar e das crianças quando eu precisava ler intermináveis textos.

À minha mãe Marta e ao meu pai José Paulo que mesmo sem ter avançado nos estudos sempre sonhou e encorajou em suas filhas o ardente desejo pelo conhecimento. Meu pai queria uma filha doutora. *“Estamos quase lá, painho!”*

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha querida orientadora Prof Dra. Patrícia Saltorato pela compreensão, suporte e paciência durante todo o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção pelo constante suporte ao longo destes vários meses na pessoa do Técnico Administrativo Felipe Marques.

Agradeço ao Ministério da Educação, em especial à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo patrocínio de fomento desta pesquisa.

“A maior recompensa para o trabalho do homem não é o que ele ganha com isso, mas o que ele se torna com isso.” John Ruskin

RESUMO

MENDES, M. Entre a prescrição e a incorporação do tempo: o paradoxo do desempenho na formação de jovens engenheiros. Uma análise crítica das experiências de estudantes e egressos da Engenharia de Produção no processo formativo e profissional. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de São Carlos, *campus Sorocaba*, 2026.

A organização social do tempo constitui um elemento central na conformação do trabalho moderno e na produção de subjetividades orientadas ao desempenho. No capitalismo contemporâneo, a intensificação da racionalidade temporal atravessa não apenas os espaços produtivos, mas também os processos formativos, especialmente em áreas técnico-científicas como a Engenharia de Produção. Tendo isto em vista, este trabalho tem como interesse, investigar como jovens estudantes e egressos do curso de Engenharia de Produção UFSCAR experienciam a relação entre tempo prescrito e tempo vivido em suas trajetórias formativas e profissionais. A pesquisa é relevante por analisar o tempo como construção histórica, técnica e moral em um campo marcado pela racionalidade e metrificação. A fundamentação articula estudos sobre a história social do tempo, sociologia do trabalho, teoria crítica do capitalismo e psicodinâmica do trabalho. Adotou-se uma abordagem qualitativa, com análise prosopográfica unida à leitura bourdieusiana de trajetórias a partir de trinta entrevistas semiestruturadas com agentes socialmente situados no campo de estudo. Os resultados indicam a internalização do tempo como princípio moral de desempenho gerando paradoxos e tensões reforçados pelo processo formativo. A prescrição do tempo é gradualmente transmutada em incorporação do tempo, tornando-se parte integrante do *habitus* do jovem engenheiro. Conclui-se que a formação na Engenharia de Produção pode estar se configurando como uma ferramenta estruturante e estruturada de formação temporal com vias a formar um exímio gestor de sistemas que, paradoxalmente, tende a permanecer prisioneiro de um tempo que ele mesmo ajuda a acelerar.

Palavras-chave: Tempo social; Racionalidade temporal; Desempenho; Subjetividade; Engenharia de Produção;

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

MENDES, M. Between the prescription and the internalization of time: the performance paradox in the education of young engineers. A critical analysis of the experiences of students and graduates in Production Engineering during their educational and professional trajectories. Master's Dissertation (MSc in Production Engineering) – Federal University of São Carlos, Sorocaba campus, 2026.

The social organisation of time constitutes a central element in shaping modern work and in the production of performance-oriented subjectivities. In contemporary capitalism, the intensification of temporal rationality permeates not only productive spaces, but also formative processes, particularly in technical-scientific fields such as Production Engineering. With this in mind, the present work aims to investigate how young students and graduates of the Production Engineering course at UFSCar experience the relationship between prescribed time and lived time throughout their formative and professional trajectories. The research is relevant insofar as it analyses time as a historical, technical, and moral construction within a field marked by rationality and metrification. The theoretical framework draws upon studies in the social history of time, sociology of work, critical theory of capitalism, and the psychodynamics of work. A qualitative approach was adopted, combining prosopographic analysis with a Bourdieusian reading of trajectories, based on thirty semi-structured interviews with agents who are socially situated within the field of study. The findings indicate that the internalisation of time as a moral principle of performance generates paradoxes and tensions, which are further reinforced by the formative process. The prescription of time is gradually transmuted into the incorporation of time, becoming an integral part of the young engineer's habitus. It is concluded that training in Production Engineering may be configuring itself as a structuring and structured instrument of temporal formation, aimed at producing an accomplished manager of systems who, paradoxically, tends to remain a prisoner of the very time he himself helps to accelerate.

keywords: Social time; Temporal rationality; Performance; Subjectivity; Production Engineering

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Haab'. calendário solar de 365 dias utilizado pela civilização Maia	21
Figura 2: A Merkheth (Instrumento astronômico fundamental do Antigo Egito)	21
Figura 3: Tábuas astronômicas no templo Hathor	21
Figura 4: Triunfo do tempo de Jacopo di Sellaio	22
Figura 5: Vista da Rua Gros-Horloge em Ruão, Normandia	24
Figura 6: Imagem amplificada do relógio Gros	24
Figura 7: O relógio astronômico de Praga	25
Figura 8: A figura do esqueleto no relógio de Praga	25
Figura 9: Disco com a Caminhada dos Apóstolos no relógio de Praga	25
Figura 10: Catedral de Wells, Inglaterra	26
Figura 11: Imagem ampliada do relógio da Catedral de Wells	26
Figura 12: Vista do alto da Catedral de Orvieto, na Itália	27
Figura 13: O autômato Maurizio	27
Figura 14: Relógio francês de mesa em bronze	29
Figura 15: Relógio de Bolso Estilo Steampunk	29
Figura 16: Relógio de Pulso	29
Figura 17: Os moinhos de algodão de Arkwright à noite de Joseph Wright of Derby	31
Figura 18: <i>Print Screen</i> da Tabela de fichamento no google sheets	47
Figura 19: Modelo Sistemático de Análise de Citações	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Disciplinas da matriz curricular UFSCAR Sorocaba	44
Tabela 2: Disciplinas profissionalizantes e de formação específica UFSCAR Sorocaba	45
Tabela 3: Classificação das Citações por Eixos e Subtemas - Guias	53
Tabela 4: Participante P13 - EIXO 1	56
Tabela 5: Participante P29 - EIXO 1	56
Tabela 6: Participante P30 - EIXO 1	57
Tabela 7: Participante P12 - EIXO 2	59
Tabela 8: Participante P21 - EIXO 2	59
Tabela 9: Participante P30 - EIXO 2	60
Tabela 10: Participante P13 - EIXO 3	61
Tabela 11: Participante P25 - EIXO 3	62
Tabela 12: Participante P27 - EIXO 3	63
Tabela 13: Participante P25 - EIXO 4	64
Tabela 14: Participante P25 - EIXO 4	64
Tabela 15: Participante P26 - EIXO 4	65

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	15
1.2 OBJETIVO GERAL	16
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
1.4 IMPORTÂNCIA DA PESQUISA	17
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 O TEMPO NA SOCIEDADE	18
2.2 O TEMPO, A TERRA E A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	27
2.3 TEMPO NATURAL E TEMPO PRODUTIVO	30
2.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E O SUJEITO DE DESEMPENHO	32
2.5 O SUJEITO DE DESEMPENHO E AS ORGANIZAÇÕES	35
2.6 O CUSTO DO DESEMPENHO	37
2.7 A ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, ESTUDANTES E EGRESSOS	40
2.7.1 Origem da Engenharia de Produção	40
2.7.2 Perfil dos Estudantes	41
2.7.3 Objetivo e Grade Curricular	42
3. PERCURSO METODOLÓGICO	46
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	54
4.1. EIXO 1 — DA PRESCRIÇÃO À INCORPORAÇÃO DO TEMPO	55
4.2. EIXO 2 — O DESEMPENHO COMO MEDIAÇÃO ENTRE EXIGÊNCIA EXTERNA E VALOR MORAL	58
4.3 EIXO 3 — A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL COMO VETOR DE INCORPORAÇÃO DA PRESCRIÇÃO	61
4.4 EIXO 4 — O PARADOXO VIVIDO DE FORMA DESIGUAL (PRIVILÉGIO, AMORTECIMENTO DO RISCO E INVISIBILIZAÇÃO)	63
5. CONCLUSÃO	67
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICE	75
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO PESQUISA DE CAMPO	75
APÊNDICE B: EIXOS E CITAÇÕES	77
EIXO 1	77
EIXO 2	78
EIXO 3	79
EIXO 4	80
APÊNDICE C: PROSOPOGRAFIA	82
DADOS BIOGRÁFICOS	82
DADOS LINKEDIN	97

1. INTRODUÇÃO

A transformação do tempo em recurso produtivo, no contexto do capitalismo contemporâneo, tem gerado implicações significativas sobre o modo de viver, trabalhar e exercer subjetividade dentre diferentes indivíduos em diferentes contextos. A lógica da performance, intensificada pela hiperconectividade e pela gestão individualizada da carreira, impõe aos indivíduos a obrigação de serem constantemente produtivos, eficientes e bem-sucedidos. (Boltanski; Chiapello, 2009; Rosa, 2019; Thompson, 1998)

Nesse cenário, o tempo não é apenas vivido, mas também gerido, monetizado e moralizado — e sua suposta má utilização é transformada em culpa. Tais exigências recaem com força particular sobre os jovens em fase de transição entre a formação acadêmica e o ingresso no mercado de trabalho, especialmente em áreas tecnicamente orientadas, como a Engenharia de Produção, que reproduzem com maior intensidade os discursos da eficiência, da racionalidade e do desempenho (Dejours, 2004; Elias, 2006; Rosa, 2019).

Esse trabalho se dedica a estudar a genealogia do tempo mensurado, sua incorporação na organização do trabalho, sua naturalização no campo da Engenharia de Produção e a subsequente interiorização subjetiva por estudantes e egressos de engenharia de produção socialmente situados (Bourdieu, 2012; Foucault, 1987; Thompson, 1998).

Para tal, o desenvolver-se do trabalho transpassou a análise prosopográfica e a leitura bourdieusiana de trajetória articulando-se com variados autores e referências da psicodinâmica e da crítica do desempenho. Trata-se, portanto, de um estudo sobre a produção social do tempo e seus efeitos sobre a formação de indivíduos em um campo específico, introduzindo uma leitura sociológica crítica do tempo dentro de um campo dominado pela racionalidade instrumental e tratando estudantes e egressos como indivíduos socialmente situados, atravessados pelo tempo enquanto construção histórica, técnica, simbólica e moral no interior do capitalismo contemporâneo (Boltanski; Chiapello, 2009; Bourdieu, 2004, 2012; Dejours, 2004).

Ou seja, espera-se demonstrar como o tempo, enquanto construção histórica e organizacional, é incorporado na formação de engenheiros e passa a operar como princípio moral de desempenho, valor e identidade profissional, mobilizando debates que atravessam a Engenharia de Produção, a Sociologia do Trabalho, os Estudos do Tempo, a Educação

Superior e a crítica do capitalismo contemporâneo (Boltanski; Chiapello, 2009; Bourdieu, 2012; Rosa, 2019).

Esses jovens, mesmo dotados de capital cultural e técnico, enfrentam um paradoxo: ao mesmo tempo que são convocados à autonomia, autenticidade e propósito, são submetidos a pressões estruturais que os moldam como “*agentes de desempenho*” e os expõem a riscos psíquicos e emocionais. Diante disso, a presente pesquisa se propõe a investigar como jovens estudantes e egressos do curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos experienciam a relação entre tempo prescrito e tempo vivido em suas trajetórias formativas e profissionais (Boltanski; Chiapello, 2009; Bourdieu, 2004, 2012; Dejours, 2004).

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A transformação histórica do tempo, em princípio organizador da vida social, produziu efeitos que ultrapassam o âmbito da produção econômica e atingem diretamente a formação das subjetividades. Ao longo desse processo, o tempo deixa de ser apenas um meio de coordenação das atividades coletivas e se converte em critério normativo, capaz de hierarquizar práticas, distinguir sujeitos e produzir expectativas sobre o que significa viver “bem”, “corretamente” ou “com sucesso”.

Essa racionalidade temporal, inicialmente associada ao espaço fabril, expande-se para outros domínios da vida social e se infiltra nos sistemas educacionais, nos discursos sobre carreira e nas formas contemporâneas de organização do trabalho. No campo da formação superior, especialmente em áreas fortemente marcadas pela racionalidade técnica e produtivista, como a Engenharia de Produção, o tempo assume um papel central na estruturação das experiências formativas.

A organização curricular, os prazos, as métricas de desempenho acadêmico, as jornadas duplas ou triplas entre universidade e grupos estudantis (empresa Júnior, por exemplo) e a valorização da eficiência podem operar como dispositivos que antecipam, no interior da universidade, lógicas típicas do mundo do trabalho. Os estudantes por um lado, são convocados a demonstrar autonomia, proatividade e capacidade de autogestão; por outro, enfrentam estruturas organizacionais que reforçam a aceleração, a competição e a responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso.

Nesse contexto, o tempo prescrito — aquele definido por cronogramas, metas e exigências institucionais — tende a se impor como referência dominante, frequentemente em tensão com o tempo vivido, marcado por ritmos subjetivos, limites corporais e necessidades de elaboração pessoal.

A profundidade desta análise, marcada pela centralidade do desempenho e pela ampliação das exigências de disponibilidade, nos mostra que o problema em voga tende a produzir formas específicas de sofrimento silencioso, que nem sempre se expressam como ruptura explícita, mas como desgaste contínuo, sensação de inadequação ou perda de sentido. Investigar essas experiências permite compreender como o tempo, enquanto construção histórica e organizacional, opera como mediador fundamental entre trabalho, subjetividade e identidade profissional no capitalismo contemporâneo.

1.2 OBJETIVO GERAL

Compreender como jovens estudantes e egressos do curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos experienciam a relação entre tempo prescrito e tempo vivido em suas trajetórias formativas e profissionais.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Investigar como estudantes e egressos de engenharia de produção percebem e experienciam a pressão por desempenho e produtividade ao longo da formação acadêmica até o início da trajetória profissional;
2. Compreender as vivências subjetivas do tempo relatadas por estudantes e egressos, identificando como percebem, sentem e significam o ritmo, a aceleração e a escassez temporal em suas trajetórias formativas e profissionais.
3. Examinar a relação de tensão e conflito entre o tempo prescrito e o tempo vivido, bem como analisar as estratégias desenvolvidas pelos jovens engenheiros para lidar com essas exigências no cotidiano acadêmico e laboral.
4. Investigar as continuidades e rupturas na relação com o tempo ao longo das diferentes fases da trajetória — da formação universitária à inserção profissional — analisando o papel da universidade na preparação, intensificação ou anestesia dessas tensões.

5. Analisar os efeitos dessas experiências sobre o sentido atribuído ao trabalho, a construção identitária e as vivências de exaustão, pertencimento e frustração relatadas pelos agentes.

1.4 IMPORTÂNCIA DA PESQUISA

Este trabalho contribui para o campo da Engenharia de Produção, dos estudos do trabalho e da educação superior ao demonstrar que o tempo, longe de constituir um recurso neutro ou uma variável meramente técnica a ser otimizada, opera como uma construção social historicamente produzida, moralmente carregada e incorporada aos agentes ao longo de seus processos formativos e de inserção profissional, estruturando disposições, expectativas e formas legítimas de avaliação do desempenho.

Ao articular a genealogia da mensuração do tempo, a consolidação das formas modernas de organização do trabalho desde a Revolução Industrial e a emergência contemporânea de regimes de desempenho e produtividade, o estudo dialoga com um campo tradicionalmente instrumental que raramente é lido por meio de autores centrais da crítica social do trabalho, como Thompson (1998), Elias (2006), Dejours (2004), Boltanski e Chiapello (2009) e Rosa (2019), demonstrando como tais racionalidades temporais são progressivamente naturalizadas e legitimadas no interior da formação universitária

Metodologicamente, a pesquisa amplia o repertório de investigações qualitativas no campo ao adotar procedimentos sistemáticos de classificação e transparência analítica quando constrói o campo da engenharia de produção na ótica da análise prosopográfica, classificação sistemática de trajetórias e tratamento integral do material empírico (entrevistas, categorias e tabelas) gerando um corpus denso e rastreável.

Portanto, este trabalho contribui ao demonstrar que o tempo, na formação e na inserção profissional em Engenharia de Produção, não é apenas um recurso a ser gerido, mas uma construção social que estrutura práticas, valores, identidades e formas de avaliação do desempenho.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O TEMPO NA SOCIEDADE

A história do tempo não pode ser compreendida apenas como uma sucessão de avanços técnicos na medição das horas, mas como a expressão simbólica de como diferentes sociedades perceberam, temeram, organizaram e moralizaram a experiência temporal ao longo da história. Antes de se tornar uma abstração matemática homogênea, o tempo foi vivido como ciclo, como ordem cósmica, como vontade divina e como força que governa a vida e a morte.

Desde o início da civilização o homem criou formas de medir o tempo e utilizou diferentes artifícios para isso: a observação dos ciclos da natureza, as estações do ano ou as colheitas foram aos poucos agregando socialmente a comunidade em torno de celebrações para marcos de passagens regulares e comemorados através de rituais religiosos, solstícios, festividades e até sacrifícios. O tempo passou a ser usado para definir, além disso, censos, impostos, campanhas militares e afins. Desta forma, a medição do tempo se tornou cada vez mais útil para sobrevivência, produção e governos dos povos. (Elias, 2006; Foucault, 2008).

As primeiras formas de marcação do tempo, como os calendários agrícolas e rituais, estavam profundamente vinculadas à observação da natureza e aos ritmos do mundo físico. O calendário Haab', utilizado pela civilização maia, estruturado em ciclos de 365 dias, expressa uma concepção de tempo essencialmente circular e cosmológica, na qual o passar dos dias estava intrinsecamente ligado aos movimentos celestes, às colheitas e à manutenção da ordem do mundo.

Nessa perspectiva, o tempo não era algo a ser dominado, mas algo a ser seguido, respeitado e interpretado, funcionando como um mediador entre o humano, a natureza e o sagrado. Essa mesma lógica orienta o uso de instrumentos como a clepsidra, difundida em diferentes civilizações da Antiguidade, que media o tempo por meio do escoamento da água, reforçando a ideia de um tempo contínuo, fluido e irreversível, associado aos ciclos naturais e à observação sensível do mundo, e não à exatidão mecânica. (Sobel, 1995; Mumford, 1973)



Figura 1: Haab'. calendário solar de 365 dias utilizado pela civilização maia pré-colombiana e outras culturas mesoamericanas. Ele funcionava como um calendário civil ou agrícola, determinando as épocas de plantio, colheita e eventos cotidianos, diferindo do *Tzolkin*, que era o calendário religioso de 260 dias. Fonte da Imagem: <https://www.foxnews.com/science/the-real-deal-how-the-mayan-calendar-works>



Figura 2: A Merkhete era um instrumento astronômico fundamental do Antigo Egito, utilizado para medir o tempo durante a noite, ao contrário do relógio de sol, que funcionava durante o dia. Fonte da Imagem: <http://museudetopografia.ufrgs.br/museudetopografia/index.php/equipamentos/286-merkhete-egipcio>



Figura 3: Tábuas astronômicas no templo Hathor.
Fonte da Imagem: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3g41xzy0lvo>

A grande questão é que o tempo sempre foi vinculado aos aspectos geográficos e por isso, o calendário sempre foi uma característica tão distinta dos estados agrários. Os Maias e astecas o basearam na astronomia, egípcios no calendário solar de 365 dias conectado com ciclo do

Nilo, os Chineses com o calendário lunissolar e hebraicos, babilônios e hindus todos aderiram aos seus próprios métodos de medição temporal. Porém, ainda nesse momento, segundo Giddens (1991) ninguém poderia dizer a hora do dia sem referência a outros marcadores socioespaciais como quando ou "onde".

De recurso coletivo e cíclico organizado pelos ritmos da natureza (estações, colheitas, nascer e pôr do sol e ciclos religiosos) das sociedades tradicionais pré-modernas onde o mercado girava em torno da produção agrícola e não havia relógio controlando a vida cotidiana, o tempo era vivido, não cronometrado e a experiência de tempo era ligada ao ritmo da vida comunitária e natural. O camponês seguia as estações, não o relógio. (Elias, 2006; Thompson, 1998)

Na passagem para a Idade Média, o tempo assume progressivamente um caráter moral e teológico, tornando-se objeto de disciplina espiritual e social. A pintura “O Triunfo do Tempo”, de Jacopo di Sellaio, datada de aproximadamente 1480–1490, representa de forma emblemática essa transição ao retratar Cronos como uma figura alada que rege o mecanismo do relógio e segura a ampulheta, simbolizando o domínio absoluto do tempo sobre a vida humana.



Figura 4: Triunfo do tempo de Jacopo di Sellaio. Tela à Óleo de 1480-1490, mostra Cronos, o deus do tempo segurando uma ampulheta e regulando o mecanismo de um relógio que, doravante, marcará os limites de seu domínio. Os cães representam o dia (branco) e a noite (preto) que se devoram. Museu Bandini, Fiesole. Fonte da Imagem: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2011/Isabel%20Hargrave%20Goncalves.pdf>

Nessa obra, o tempo aparece como força soberana, que tudo consome e ordena, associada diretamente à finitude, à morte e ao julgamento moral, como evidenciado pelos cães que representam o dia e a noite devorando-se mutuamente. Aqui, o tempo deixa de ser apenas um ciclo natural e passa a ser uma instância que governa o destino humano, antecipando a centralidade que assumirá na organização da vida social ocidental.

Essa moralização do tempo se intensifica com o surgimento dos grandes relógios públicos mecânicos a partir do final da Idade Média, que transformam radicalmente a experiência cotidiana (um fenômeno que data do final do século XVIII). Agora era possível quantificar a dimensão uniforme de tempo "vazio" de forma a permitir a designação precisa de "zonas" do dia (jornada de trabalho, por exemplo). Foi exatamente na uniformidade da organização social do tempo que ocorreu a expansão da modernidade e contribuíram para a consolidação de uma temporalidade concebida como linear, fragmentada e passível de mensuração.

Conforme demonstrado por Lewis Mumford, a invenção decisiva da modernidade não foi a máquina a vapor, mas o relógio mecânico, pois ele instaurou uma nova relação entre tempo, trabalho e coordenação social, dissociando o tempo dos ritmos orgânicos e naturais e submetendo-o a uma lógica abstrata de mensuração regular (Mumford, 1973).

Os primeiros relógios mecânicos, instalados em torres de igrejas e edifícios públicos, não tinham como finalidade principal a precisão cronológica, mas a sincronização coletiva das atividades sociais, funcionando como instrumentos de disciplina temporal comunitária. E. P. Thompson observa que esse tempo imposto do alto das cidades inaugura uma nova moral do tempo, na qual a pontualidade, a regularidade e a previsibilidade passam a ser socialmente valorizadas, preparando o terreno para a futura racionalização do trabalho (Thompson, 1998).

O Gros Horloge de Rouen, cujo mecanismo foi construído em 1389 e cuja fachada foi adicionada em 1529, é um exemplo paradigmático desse momento histórico. Ao exibir não apenas as horas, mas também os dias da semana e as fases da lua, o relógio integra o tempo mecânico ao tempo cósmico e religioso, tornando visível e público aquilo que antes era vivido de forma difusa.



Figura 5: Vista da Rua Gros-Horloge em Ruão, Normandia. Fonte da Imagem: <https://www.descobrindoanormandia.com.br/vida-na-franca/visite-a-normandia-em-maio/>



Figura 6: Imagem ampliada do relógio Gros. Um relógio astronômico do século XIV, instalado num arco renascentista sobre a Rua Gros-Horloge e cujo mecanismo é um dos mais antigos da França, ativado em 1389. Fonte da Imagem: <https://www.patrimoine-horloge.fr/lu-rouen.html>

A presença do relógio no espaço urbano simboliza a crescente necessidade de sincronização social e antecipa a transição para um tempo regulado, coletivo e normativo. De modo semelhante, o relógio astronômico de Praga, conhecido como Orloj, instalado em 1410, explicita a fusão entre tempo, cosmos e moralidade ao articular movimentos astronômicos, ciclos calendáricos e representações simbólicas da vida e da morte.

A figura do esqueleto que marca as horas reforça a associação entre o passar do tempo e a finitude humana, enquanto os acréscimos realizados no século XVII, como o disco da Caminhada dos Apóstolos, evidenciam a permanência do tempo como instrumento pedagógico e moralizante.



Figura 7: O relógio astronômico de Praga, conhecido como “orloj Praga”. Durante a Segunda Guerra Mundial, o relógio foi quase destruído pelos bombardeios nazistas. A população empenhou-se em salvar a maioria das peças e o relógio foi aos poucos reconstruído até 1948. Fonte da Imagem: <https://www.avantgarde-prague.com.br/cidade-velha/>



Figura 8: A figura do esqueleto (no alto, à direita) simboliza a Morte marcando as horas e o passar do tempo. Fonte da Imagem: <https://www.flickr.com/photos/andrebn/2892503215>



Figura 9: No século XVII, novos acréscimos enriqueceram a peça: um disco com a Caminhada dos Apóstolos e outras estátuas. Fonte da Imagem: <https://www.flickr.com/photos/andrebn/2892503215>

Já o relógio da Catedral de Wells, construído entre 1380 e 1390, apresenta uma concepção medieval do universo em que a Terra ocupa o centro e o Sol gira ao seu redor, reforçando uma visão teológica do tempo como expressão da ordem divina. O mecanismo, ao indicar as 24 horas necessárias para completar a volta solar, contribui para a consolidação de um tempo uniforme, mensurável e previsível, ainda que profundamente ancorado em uma cosmologia religiosa.



Figura 10: Catedral de Wells, Inglaterra. Fonte da Imagem:
https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g186374-d218507-Reviews-Wells_Cathedral-Wells_Somerset_England.html



Figura 11: Fotografia ampliada do relógio da Catedral de Wells. É um relógio astronômico localizado no transepto norte da Catedral de Wells, na Inglaterra. O mostrador representa a visão geocêntrica do universo, com o Sol e a Lua girando em torno de uma Terra fixa no centro (modelo filosófico do universo pré- copernicano). Fonte da Imagem:
<https://ensinarhistoria.com.br/tempo-na-idade-media-invencao-do-relogio/>

O autômato Maurizio, do relógio mecânico da Catedral de Orvieto, na Itália, acrescenta a dimensão antropomórfica à experiência do tempo, corporificando o ato de marcar as horas e reforçando a ideia de vigilância contínua e presença permanente do tempo na vida social.



Figura 12: Vista do alto da Catedral de Orvieto, na Itália. Fonte da Imagem: <https://ensinarhistoria.com.br/tempo-na-idade-media-invencao-do-relogio/>

Figura 13: O autômato Maurizio é uma estátua de bronze de 1348 que atua como um "homem do relógio" (*jaquemart*) ao bater as horas no sino. Fonte da Imagem: <https://ensinarhistoria.com.br/tempo-na-idade-media-invencao-do-relogio/>

Conjuntamente, essas obras e dispositivos são o indicativo de que o tempo, antes de se tornar uma abstração neutra e instrumental, foi historicamente construído como uma experiência estética, simbólica e moral, profundamente entrelaçada às formas de organização social, às crenças religiosas e às estruturas de poder.

Ao tornar o tempo visível, audível e público, os relógios e as representações artísticas não apenas mediam a passagem das horas, mas produzem subjetividades, disciplinam comportamentos e instauram uma nova relação entre o indivíduo, o coletivo e o futuro, preparando o terreno para a racionalização temporal que marcará a modernidade e que se encontra no centro das tensões analisadas neste trabalho.

Nesse estágio, o tempo permanece externo ao indivíduo: ele é ouvido, anunciado e compartilhado, mas ainda não apropriado subjetivamente como responsabilidade individual. Com o avanço da tecnologia dos mecanismos e a progressiva miniaturização dos componentes, entre os séculos XV e XVI, os relógios passam a ocupar o espaço doméstico, consolidando-se sob a forma de relógios de mesa e de parede.

Esse deslocamento do espaço público para o privado representa uma inflexão decisiva: o tempo deixa de ser apenas um marcador coletivo e passa a estruturar a vida cotidiana no interior das casas. Norbert Elias interpreta esse movimento como parte do longo processo civilizador, no qual os indivíduos aprendem, de maneira gradual, a regular suas condutas a partir de referências temporais cada vez mais estáveis e internalizadas (Elias, 2006).

O tempo doméstico não apenas organiza rotinas familiares, mas contribui para a formação de um *habitus* temporal, no qual a gestão das horas se torna um aprendizado social silencioso, incorporado desde a infância. A partir do século XVI, com o surgimento dos relógios acionados por mola, o tempo torna-se portátil, dando origem ao relógio de bolso e inaugurando uma relação inédita entre temporalidade e subjetividade. Ao carregar o relógio consigo, o indivíduo passa a acessar o tempo de forma contínua e personalizada, sem mediação institucional direta. Jacques Le Goff destaca que essa transição sinaliza a passagem

de um tempo socialmente partilhado para um tempo progressivamente individualizado, no qual o sujeito se torna responsável por sua própria organização temporal (Le Goff, 1980).

O tempo deixa de ser apenas uma ordem externa e passa a operar como princípio de autogoverno, reforçando valores como autodisciplina, controle e antecipação. Essa mudança prepara o terreno para a consolidação de uma ética do tempo diretamente associada ao valor do trabalho e à produtividade individual, aspecto que Max Weber identifica como central na formação do espírito do capitalismo moderno (Weber, 1905/2004). No início do século XX, o relógio de pulso radicaliza esse processo ao fixar o tempo diretamente ao corpo, tornando-o permanentemente visível e imediatamente acessível.

Popularizado em contextos militares e industriais, o relógio de pulso responde à necessidade crescente de sincronização precisa em sociedades cada vez mais complexas e aceleradas. Hartmut Rosa interpreta essa incorporação do tempo como parte do processo de aceleração social, no qual o ritmo da vida se intensifica e o tempo passa a ser vivido como recurso escasso e pressionado (Rosa, 2019).



Figura 14: Relógio francês de mesa de bronze e porcelana azul turquesa, laterais com figuras femininas. Fonte da Imagem: <https://www.arrematearte.com.br/cristinagoston/167/lote/308>



Figura 15: Relógio de Bolso Estilo Steampunk inspirado na era vitoriana e na estética industrial do século XIX. Fonte da Imagem: <https://www.capadocialeiloes.com.br/peca.asp?ID=1611179#simple1>



Figura 16: Relógio de Pulso. Tornou-se popular durante a I Guerra Mundial, porque os soldados precisavam acessar as horas de forma rápida e coordenar ataques. Fonte da Imagem: <https://relogiosmecanicos.com.br/curiosidades/a-historia-do-relogio-de-pulso/>

O gesto de consultar o relógio deixa de ser episódico e se torna quase automático, integrando-se aos movimentos do corpo e às decisões cotidianas. Nesse estágio, o tempo não

apenas organiza a ação: ele vigia, orienta e avalia continuamente o sujeito. A trajetória histórica que conduz o tempo das torres às casas, das casas aos bolsos e dos bolsos aos braços apontam, portanto, um movimento contínuo de interiorização e moralização do tempo.

O que se inicia como um dispositivo coletivo de coordenação social transforma-se progressivamente em um princípio subjetivo de valor, desempenho e identidade. Essa genealogia permite compreender como o tempo, longe de ser uma dimensão neutra ou natural da experiência humana, constitui-se como uma construção histórica, técnica e simbólica profundamente vinculada às formas de organização do trabalho, à racionalidade instrumental e à produção de subjetividades no capitalismo moderno.

2.2 O TEMPO, A TERRA E A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A Revolução Industrial não inaugurou apenas um novo modo de produzir bens, mas consolidou uma mutação profunda na experiência social do tempo. A partir do final do século XVIII, especialmente na Inglaterra, o tempo passa a ser progressivamente abstraído de seus referenciais naturais e reconfigurado como unidade homogênea, contínua e mensurável.

Essa transformação não ocorre de maneira abrupta, tampouco exclusivamente técnica. Ela resulta da convergência entre avanços mecânicos, reorganização do trabalho e novas exigências de coordenação social impostas pelo sistema fabril. Como observa David Landes, a industrialização pressupõe um tempo capaz de ser sincronizado, repetido e comparado (condição sem a qual a produção em larga escala seria impraticável) (Landes, 2005). O relógio mecânico, que já existia antes desse período, assume então uma função inédita: deixa de ser apenas um instrumento de marcação das horas e passa a operar como eixo organizador da vida produtiva.

Nesse contexto, o tempo perde gradualmente seu caráter qualitativo, vinculado à duração das tarefas ou aos ritmos corporais, e passa a ser tratado como quantidade divisível. Horas, minutos e segundos tornam-se unidades universais e independentes da atividade realizada.

A introdução do cronômetro é decisiva nesse processo. Desenvolvido por John Harrison em 1737 para resolver o problema da longitude na navegação marítima, o cronômetro não foi concebido originalmente para o controle do trabalho. No entanto, sua capacidade de medir o tempo com precisão em contextos de movimento abriu possibilidades que rapidamente extrapolaram o campo náutico. Ao permitir a decomposição do tempo em frações cada vez

menores, essa tecnologia contribuiu para uma nova forma de olhar o movimento humano, o esforço e a produção como passíveis de cálculo objetivo (Sobel, 1995). O tempo deixa de ser apenas contado; passa a ser analisado, medido e transformado em ferramenta moral de desempenho.

No final do século XIX, essa racionalidade encontra sua expressão mais sistemática na chamada organização científica do trabalho. Frederick Winslow Taylor propõe que toda atividade produtiva pode ser decomposta em gestos elementares, cada um associado a um tempo ótimo de execução. O cronômetro, neste modelo, torna-se instrumento central de observação, mensuração e normalização dos corpos no trabalho (Taylor, 1995). O que está em jogo não é apenas a eficiência técnica, mas a imposição de um ritmo externo ao trabalhador, que passa a submeter sua atenção, seus movimentos e sua fadiga à cadência da máquina e do cálculo. O tempo, assim, não apenas mede o trabalho: ele o governa.

Paralelamente, a Revolução Industrial redefine a relação entre trabalho e vida cotidiana. O trabalho se separa do espaço doméstico e se concentra na fábrica, organizando-se em jornadas rigidamente delimitadas. E. P. Thompson demonstra que esse processo exigiu a construção de uma nova disciplina temporal, frequentemente imposta de forma coercitiva, na qual atrasos, pausas e ritmos próprios passam a ser moralmente condenados (Thompson, 1998).

A passagem do regime industrial clássico para formas mais avançadas de organização capitalista pode ser observada não apenas nos dispositivos técnicos de produção, mas também na transformação simbólica da noite e da vigília. A obra *Os moinhos de algodão de Arkwright à noite*, de Joseph Wright of Derby, pintada em 1772, oferece uma imagem particularmente reveladora desse deslocamento histórico. No contraste intenso entre luz e sombra, a pintura antecipa visualmente a ruptura entre o tempo natural e o tempo produtivo, expondo uma paisagem em que a fábrica iluminada se impõe sobre o entorno escuro, rural e adormecido.



Figura 17: Os moinhos de algodão de Arkwright à noite de Joseph Wright of Derby. Fonte da Imagem: <https://historicalportraits.com/artworks/1002-joseph-wright-of-derby-ara-arkwrights-cotton-mills-by-night-1790s/>

O que está em jogo não é apenas a introdução da iluminação artificial, mas a possibilidade inédita de prolongar indefinidamente o tempo de trabalho, dissolvendo a fronteira entre dia e noite. A fábrica iluminada à noite sinaliza, assim, a colonização progressiva do tempo que antes era reservado ao descanso, ao sono e à recomposição dos corpos. O conflito entre lentidão e aceleração ou repouso e atividade contínua, aparece na obra como tensão visual; mas, também como prenúncio de uma nova moral temporal em formação.

Jonathan Crary interpreta esse movimento como parte de um processo mais amplo de mercantilização da vigília, no qual o capitalismo passa a operar não apenas sobre o tempo de trabalho, mas sobre a totalidade da experiência temporal dos indivíduos. Em *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*, Crary argumenta que a expansão dos regimes de funcionamento contínuo — vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana — representa uma etapa qualitativamente distinta da racionalização industrial clássica.

A célebre máxima “tempo é dinheiro”, atribuída a Benjamin Franklin, sintetiza essa nova moralidade: o tempo improdutivo deixa de ser apenas um intervalo e passa a ser interpretado como perda econômica e falha individual. Jornadas de trabalho extensas, frequentemente entre 12 e 14 horas, tornam-se comuns, e o desempenho do operário passa a ser avaliado em função da quantidade produzida por unidade de tempo.

Michel Foucault interpreta esse regime como parte das tecnologias disciplinares modernas, nas quais o controle do tempo se articula ao controle dos corpos. A fragmentação da jornada em sequências ordenadas, repetitivas e mensuráveis permite uma vigilância contínua e uma normalização dos comportamentos, produzindo sujeitos simultaneamente úteis e dóceis (Foucault, 1987).

Observe-se que aqui, o tempo industrial não é apenas uma ferramenta organizacional; ele é um operador de subjetivação. Esse movimento se intensifica com a padronização do tempo em escala mundial, especialmente a partir do século XIX, quando a unificação dos calendários e fusos horários se torna condição para a expansão dos transportes, do comércio e das comunicações.

Para Giddens, essa padronização é elemento central da modernidade, pois possibilita a coordenação de ações entre indivíduos espacialmente distantes, ao custo de um crescente distanciamento entre o tempo vivido e o tempo organizado pelos sistemas abstratos (GIDDENS, 1991). A Revolução Industrial, portanto, não apenas acelera o tempo; ela o transforma em infraestrutura-base da vida social moderna, criando os fundamentos para a lógica de desempenho, produtividade e controle que atravessa o trabalho contemporâneo.

2.3 TEMPO NATURAL E TEMPO PRODUTIVO

Se, no século XIX, o objetivo era maximizar a produtividade dentro da jornada de trabalho, no capitalismo tardio a lógica se desloca para a eliminação de qualquer intervalo improdutivo, incluindo o sono, a espera e a atenção dispersa (Crary, 2016). A noite deixa de ser um limite natural e passa a ser concebida como obstáculo a ser superado, um resíduo biológico que resiste à lógica da disponibilidade permanente. A iluminação das fábricas, das cidades e, posteriormente, das telas não apenas estende o tempo produtivo, mas redefine o que significa estar acordado, atento e disponível.

Esse processo se intensifica com a consolidação das cidades iluminadas e com a expansão dos meios de comunicação de massa ao longo do século XX. A iluminação urbana, inicialmente associada à segurança e ao progresso, passa a operar como condição material para a continuidade das atividades econômicas, do consumo e da circulação de informações. Para Crary, a massificação dos meios de comunicação — especialmente a televisão — inaugura uma forma específica de relação com o tempo e com a atenção, na qual os indivíduos deixam

de ser agentes ativos da experiência e passam a ocupar a posição de receptores contínuos de estímulos (Crary, 2016).

A televisão, nesse sentido, não apenas transmite conteúdos, mas organiza uma temporalidade em que o tempo de espera, o silêncio e a pausa passam a ser vivenciados como falhas, gerando sensações difusas de tédio, infelicidade e apatia. A atenção, antes distribuída de maneira intermitente ao longo do cotidiano, torna-se progressivamente capturada, direcionada e explorada (as campanhas de marketing, são também um excelente exemplo disso).

Nesse regime, a vigília deixa de ser apenas um estado fisiológico e se transforma em recurso econômico. Estar acordado, atento e conectado passa a ser condição para participar plenamente da vida social, do consumo e do trabalho. A lógica que se inicia com a fábrica iluminada à noite encontra, assim, sua radicalização nas economias contemporâneas da atenção, nas quais cada fração de tempo desperto pode ser monetizada.

Uma vez que o tempo é quantificado, mensurado e medido, novos bolsões de vazio e improdutividade ficam mais evidentes e a culpa e a satisfação sentidos por utilizar como se deseja esse período marcado pelo relógio começa a dar margem a uma angústia ou ansiedade (seja boa ou ruim). Um destes períodos de inatividade é exatamente aquele em que nosso corpo repousa durante a noite e o mesmo que representa uma barreira que resiste (leia-se resistiu) imponente contra o capitalismo sem que este a possa eliminar ou vender por se tratar de uma "condição insubstituível e naturalmente humana".

Jonathan Crary em *Capitalismo Tardio e os Fins do Sonos*, comenta que pesquisas recentes, já confirmaram que cresce de forma exponencial o número de pessoas que acordam uma ou mais vezes durante a noite para consultar mensagens ou acessar dados. Inclusive, existe uma expressão recorrente e inspirada nas máquinas chamadas de *sleep mode* (modo soneca) utilizada para adjetivar essa prática “comprada” das máquinas pelos humanos (ou seja, transfere-se aspectos de um objetivo inanimado em modo de gasto de energia reduzido e de prontidão para o ser humano). Essa forma de agir supera a lógica do desligado/ligado que se percebia no momento de descanso para abstraí-lo como algo que não está de fato “desligado” ou num estado real de repouso. (Crary, 2016)

Essa perspectiva é amplamente reforçada por Cray (2016) quando menciona o paradigma neoliberal globalista que afirma: “*Dormir é, acima de tudo, para os fracos!*”. Todas estas incursões se posicionaram para transformar o sono em um ladrão de tempo a ser combatido

com armas criadas e vendidas a um bom preço - assim como ocorreu com várias necessidades insubstituivelmente humanas como a fome, sede, desejo sexual e, recentemente, a necessidade de amizade.

O adulto norte-americano médio não dorme mais o patamar de oito horas de sono do começo do século e a afirmação de que passamos um terço de nossas vidas dormindo passou de uma certeza axiomática para algo sistematicamente minado pela realidade em que se dorme agora cerca de seis horas e meia por noite segundo Crary (2016).

O que se perde nesse processo não é apenas o sono, mas a própria possibilidade de um tempo não instrumentalizado, não orientado à performance ou à recepção contínua de estímulos. Ao conectar a imagem dos moinhos de Arkwright à crítica de Crary, torna-se possível compreender a longa duração de um mesmo movimento histórico: a expansão contínua da racionalidade produtiva sobre a vida, que transforma a vigília em mercadoria e a atenção em objeto de disputa central no capitalismo contemporâneo.

2.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E O SUJEITO DE DESEMPENHO

Essa erosão do sono não é um fenômeno isolado nem recente, mas a expressão contemporânea de um processo histórico mais amplo, no qual o tempo passa a ser progressivamente reorganizado segundo critérios de utilidade, rendimento e extração de valor. Trata-se de um movimento de longa duração, no qual o tempo deixa de ser vivido como ritmo social compartilhado e passa a ser administrado como recurso econômico escasso.

Tudo se amplifica com as sociedades pós-industriais (1960/70 até hoje), em que a administração do tempo fundou-se sobre uma racionalidade técnico-instrumental e impôs não apenas o controle dos corpos, mas a aparente colonização da subjetividade, passando o tempo à condição de métrica individual, linear, acumulável e, sobretudo, monetizável.

Também chamadas de sociedade da informação, do conhecimento ou pós-fordista, estas transformam o tempo em velocidade, disponibilidade constante e multitarefa, passando o desempenho a ser medido não só em quantidade produzida, mas também em respostas rápidas, inovação e engajamento. Aqui, um programador ou um consultor não é avaliado por “horas na cadeira”, mas pela rapidez em resolver problemas, cumprir prazos e gerar inovação.

Dejours (2004, *Subjetividade, trabalho e ação*) aponta que a pressão do tempo e das metas não atinge apenas o corpo, mas coloniza a subjetividade. O tempo deixa, assim, de ser apenas

uma coordenada externa da atividade e passa a operar como princípio moral de avaliação do sujeito. O que se observa no capitalismo tardio é a internalização subjetiva de mecanismos que, no início do século XX, eram predominantemente externos, visíveis e institucionais.

Para compreender como essa racionalidade temporal se consolida e ganha densidade histórica, é necessário recuar ao momento em que o tempo passa a ser sistematicamente organizado, mensurado e imposto como norma no interior do trabalho.

Para Frederick Taylor, o “pai da organização científica do trabalho”, o foco está no aumento da eficiência e, por isso, organizar o trabalho significava separar concepção e execução, padronizar tarefas e tempos e substituir a “improvisação” do trabalhador pela gestão racional baseada em métodos científicos. O Taylorismo é a expressão científica de que o agente deve trabalhar com a regularidade de uma peça de máquina. Ou seja, expressa um tipo de manufatura que racionaliza os tempos e movimentos, isto é, “realiza com a obsessão de uma neurose o que o sistema tende a produzir por sua própria natureza”. Quando o Taylorismo advém de um sistema mecânico, temos, portanto, o fordismo. A esteira se torna a mecanização do Taylorismo (Martins, 2015).

A organização do trabalho, nesse sentido, é uma estrutura calculada para controlar e otimizar cada movimento do trabalhador. “O objetivo de um bom sistema deve ser o de obter o melhor trabalho possível do homem, com o mínimo esforço, por meio da melhor organização possível do trabalho” (Taylor, 1995). Ele propõe, então, no início do século XX, a O.C.T. (Organização Científica do Trabalho) com vistas a aumentar a eficiência produtiva, produzindo uma ruptura profunda na relação entre trabalhador, tempo e sentido do trabalho.

Podemos dividir essa organização em três pontos:

- Divisão do modo operatório: que constitui a fragmentação do conjunto de operações e movimentos que um trabalhador usa para cumprir sua função e repete de forma padronizada, diminuindo a autonomia. Aqui, o tempo do trabalho deixa de ser contínuo e significativo e passa a ser decomposto em unidades mínimas mensuráveis.
- Divisão do organismo entre órgãos de execução: que separa os que atuam na concepção da ideia e na execução. Antes, no trabalho artesanal, a mesma pessoa concebia, planejava e executava. Com o Taylorismo, o pensar é deslocado para fora do corpo que executa.

- Divisão dos homens: surgem camadas hierárquicas de chefia e controle, responsáveis por vigiar, avaliar e comparar os trabalhadores com base em objetivos fragmentados. A temporalidade do trabalho passa a ser coletiva e interdependente, de modo que qualquer atraso individual afeta o rendimento do conjunto.

“O homem no trabalho, artesão, desapareceu para dar à luz a um aborto: um corpo instrumentalizado — operário de massa — despossuído de seu equipamento intelectual e de seu aparelho mental” (Dejours, 1987).

Assim, para Dejours (2002), o sujeito criador da sociedade pré-industrial pode ter se tornado uma peça da engrenagem produtiva que pode ter perdido, além do sentido incorporado em seu trabalho, a autonomia e o vínculo de cooperação, substituídos por vigilância e competição constante.

Na visão de Dejours, a organização do trabalho produz uma diferença estrutural entre o trabalho prescrito (o que está nas normas) e o trabalho real (o que efetivamente se faz), evidenciando como a organização impacta diretamente a saúde mental e o sofrimento psíquico. A organização do trabalho designa o conjunto das prescrições que regem a divisão do trabalho entre os indivíduos e a coordenação entre estas tarefas, compreendendo também os sistemas de controle, avaliação, normas de produção e sanções (Dejours, 2022).

Esse deslocamento é fundamental para entender o capitalismo contemporâneo, pois aquilo que era vivido como coerção externa na fábrica industrial reaparece, no capitalismo contemporâneo ou tardio (Mandel, 1982; Jameson, 2021) - também denominado “hipermoderno” ou “capitalismo digital” (Dardot; Laval, 2016; Han, 2017) - , como autoc coerção subjetiva no qual o tempo é colonizado pela lógica da produtividade, disponibilidade permanente (24/7), financeirização, digitalização e monetização da atenção.

Desta forma, o tempo, em sua dimensão socialmente construída, pode ter se tornado um dos principais ativos do capitalismo contemporâneo. Harvey (2017) e Boltanski & Chiapello (2009) indicam que essa lógica exige flexibilidade, velocidade e desempenho contínuo, colonizando inclusive o tempo livre.

A transformação do trabalhador em “sujeito de desempenho”, conforme Byung-Chul Han, supõe a introjeção dos dispositivos de controle antes externalizados. A liberdade converte-se em obrigação de performar. O sujeito passa a se compreender como empresa de si mesmo, responsável por gerir tempo, emoções e capital humano. Aqui, o tempo prescrito já não

precisa ser imposto: ele é incorporado. O que antes se apresentava como disciplina externa passa a operar como autoexigência permanente, dissolvendo a fronteira entre coerção e liberdade. (Han, 2017)

É sob essas condições que Han identifica a passagem de uma lógica patológica-imunológica para uma lógica patológica-neuronal da sociedade contemporânea, na qual o sofrimento não vem mais de um inimigo externo, mas de uma implosão subjetiva. O tempo, antes instrumento de controle do trabalho, torna-se agora princípio organizador da subjetividade. A patologia desloca-se do corpo disciplinado para a mente sobrecarregada, produzindo formas específicas de adoecimento como exaustão, depressão e colapso do sentido. Neste momento, clarificamos uma possível concepção equivocada de que determinado tempo da sociedade era melhor ou pior que o outro; afinal, cada sociedade produz sua forma específica de sofrimento e não há o desejo de mensurar juízo de valor sobre isto.

Assim, o agente é interpelado a se compreender como uma empresa de si mesmo (*homo economicus*): um sujeito que deve investir em si, gerir seu tempo, capital humano e emoções como recursos de mercado. Isso implica autorresponsabilização — sucesso ou fracasso tornam-se “culpa” do sujeito —, competição permanente (com os outros e consigo mesmo), busca incessante por eficiência e produtividade e colonização da vida privada, na medida em que até o lazer passa a ser avaliado segundo critérios de rendimento. (Han, 2017)

Do trabalho, espera-se acima de tudo prazer e realização; tampouco se trata de seguir o chamado de um outro, mas de ouvir a si mesmo, desvinculando-se da negatividade das ordens externas. Han (2017, *Sociedade do Cansaço*) descreve esse sujeito neoliberal como o “empreendedor de si”, pressionado a performar até a exaustão.

2.5 O SUJEITO DE DESEMPENHO E AS ORGANIZAÇÕES

No plano organizacional, onde os agentes estudados por este trabalho estão inseridos ou serão inseridos à medida em que concluem suas carreiras universitárias, essa lógica se materializa na chamada empresa de desempenho. A expressão francesa *entreprise maigre* (empresa magra) deriva do conceito de *lean production* (produção enxuta), formulado nos anos 1990 a partir da observação das empresas japonesas, especialmente a Toyota (Womack Et Al., 2004). Entre seus princípios organizacionais destacam-se o *just-in-time*, a qualidade total, o melhoramento contínuo (*kaizen*), equipes autônomas e instrumentos voltados à intensificação do desempenho (Boltanski; Chiapello, 2009).

A promessa central é a eliminação de desperdícios — inclusive de tempo, pessoas e margens de erro. Nas condições oferecidas pelas grandes fábricas, tornou-se cada vez mais difícil ao empregado identificar-se com o produto final do próprio trabalho. Surgem, então, estímulos para que ele se identifique com os processos, com os fluxos e com os indicadores da máquina organizacional (Crary, 2016). O sentido do trabalho desloca-se do “o que se produz” para o “como se performa”.

A implantação acelerada de sistemas integrados de gestão, como o *Enterprise Resource Planning* (ERP), reforça esse movimento ao permitir o monitoramento em tempo real do desempenho individual e coletivo. Sob a ótica da modernização tecnológica, ampliam-se os controles à distância, integrando bancos de dados e tornando visível cada ação do trabalhador. Profissões antes caracterizadas por relativa autonomia passam a ser submetidas à rastreabilidade contínua, aprofundando a dissolução das fronteiras entre controle, avaliação e vigilância.

No limite, a empresa deixa de ser um espaço estável de pertencimento e se converte em um nó provisório em trajetórias fragmentadas, exigindo dos indivíduos flexibilidade, adaptabilidade e disponibilidade permanente. É nesse contexto que Boltanski e Chiapello formulam a noção de “cidade por projetos”: um mundo social organizado em torno de projetos sucessivos, redes temporárias e compromissos instáveis, nos quais o sujeito deve ser líder de si mesmo, gestor de suas conexões e responsável por sua própria empregabilidade.

O sujeito de desempenho vê na administração por projetos a vantagem de expor critérios claros e mensuráveis para a avaliação dos desempenhos, nos quais poderá basear-se a política de carreiras. A promoção será concedida àqueles que atingirem os objetivos — isto é, aos mais eficientes — e não com base em critérios considerados subjetivos ou arbitrários. Boltanski e Chiapello mostram como a literatura de gestão empresarial, desde os anos 1960, busca eliminar a arbitrariedade humana na avaliação, prometendo justiça, transparência e meritocracia, ao mesmo tempo em que intensifica os mecanismos de controle e comparação permanente.

A flexibilidade, aqui, não se associa mais à docilidade, mas à capacidade de ativação contínua. *O grande* da “Cidade por Projetos” é ativo, autônomo e permanentemente mobilizável, confirmando a passagem do sujeito de desempenho individual para a

consolidação de uma empresa — e de uma sociedade — estruturadas inteiramente pela lógica do desempenho.

Nesse sentido, partindo da percepção de que a mudança na economia capitalista a partir do neoliberalismo — e, como complemento, da reestruturação produtiva — formatou uma nova subjetividade, observa-se a transição de uma subjetividade repressiva, típica das sociedades disciplinares, para uma subjetividade do desempenho. A instância repressiva do outro se dilui, e a própria sociedade deixa de impor limites explícitos à realização pessoal: o sujeito torna-se simultaneamente executor, avaliador e explorador de si mesmo (Han, 2017).

“A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos da obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos” (Han, 2017). Essa formulação permite avançar da análise do sujeito para a análise da empresa e, posteriormente, desta para uma análise mais ampla da própria sociedade em que estes agentes estão inseridos.

2.6 O CUSTO DO DESEMPENHO

A incorporação do tempo prescrito como princípio moral do desempenho produz consequências que extrapolam o plano organizacional e incidem diretamente sobre as formas de viver e experimentar o trabalho.

Quando a liberdade de execução é restringida por ritmos, metas e prazos rigidamente definidos, o tempo deixa de ser apenas um recurso técnico e passa a operar como fonte permanente de tensão entre o que é exigido e o que é efetivamente possível realizar. É nessa fricção que se constitui o contraste entre tempo prescrito e tempo vivido, eixo central desta pesquisa de mestrado.

Sob tais condições, o trabalhador pode experimentar formas de adaptação que não se dão pela ampliação da autonomia, mas pela internalização simbólica das exigências temporais, produzindo aquilo que a psicodinâmica do trabalho denomina satisfação sublimatória (Dejours, 2015). Trata-se de uma satisfação paradoxal, obtida não pela liberdade real de ação, mas pela capacidade de suportar, compensar ou resignificar a pressão temporal imposta. O prazer no trabalho, nesse caso, não elimina o sofrimento, mas o torna funcional, permitindo que o sujeito continue performando apesar da compressão do tempo vivido.

Entretanto, essa forma de adaptação não é homogênea. Enquanto alguns sujeitos conseguem conformar-se às exigências temporais por meio de ajustes simbólicos, outros desenvolvem estratégias de resistência, ainda que limitadas e frequentemente invisíveis. Essas resistências não se expressam, na maioria das vezes, como oposição aberta, mas como lutas simbólicas em torno do uso do tempo, tais como microdesvios, desacelerações informais, ausências estratégicas ou recusa subjetiva à identificação plena dos critérios de desempenho (Bourdieu, 2001). O conflito não se dá contra o trabalho em si, mas contra a forma como o tempo do trabalho coloniza o tempo de vida.

Do ponto de vista organizacional, essa tensão entre tempo prescrito e tempo vivido gera custos que não se restringem à esfera individual. A intensificação dos regimes de trabalho e busca por “*máximo desempenho*” é marcada por metas rígidas, aceleração contínua e compressão dos prazos associa-se ao aumento de faltas, afastamentos, greves, rotatividade e perda de engajamento, expressando a dificuldade de sustentar, no longo prazo, formas de trabalho fundadas na aceleração permanente.

Mesmo quando a adesão ao desempenho é obtida, ela tende a ser instável, pois se apoia em equilíbrios subjetivos frágeis, continuamente ameaçados pela intensificação das exigências que são impostas (e sobrepostas continuamente) ao agente. (Rosa, 2019). Nesse sentido, o sofrimento não decorre apenas do volume de trabalho, mas da impossibilidade de apropriação do tempo de execução, isto é, da perda de margem de manobra para decidir como, quando e em que ritmo realizar a atividade.

Dejours (2015) demonstra que a liberdade de execução constitui condição fundamental para a saúde no trabalho justamente porque permite ao sujeito transformar o tempo prescrito em tempo vivido de modo singular. Quando essa transformação é bloqueada, o trabalho deixa de operar como mediação simbólica e passa a funcionar como fonte contínua de desgaste, independentemente do conteúdo da atividade.

Tornar dócil um corpo não é coisa simples, pois ele, normalmente, está submetido a seu chefe natural, chamado “personalidade”. A desapropriação do corpo só é possível graças a uma operação específica sobre a estrutura da personalidade e a submissão do corpo. É obrigatório que, de algum modo, a telefonista reprima suas intenções, suas iniciativas, sua linguagem (em outras palavras, sua personalidade - ao falar “P.T.T.”) como uma forma simbólica de proibição de ser ela mesma. (Dejours, 2015)

Essa restrição da liberdade no uso de seu próprio tempo e atividades dentro do trabalho implica também uma operação mais profunda sobre o sujeito. Isso porque para que o tempo

prescrito seja plenamente eficaz, torna-se necessário disciplinar não apenas os gestos, mas a própria expressividade, neutralizando iniciativas, afetos e variações individuais; aproximando o trabalhador de um funcionamento automatizado (Dejours, 2015).

É nesse contexto que o sujeito de desempenho, descrito por Byung-Chul Han, aproxima-se de seu limite. A obrigação permanente de performar, sem possibilidade de suspensão, intervalo ou desaceleração significativa, conduz ao esgotamento não como falha individual, mas como efeito estrutural de uma organização que parecer querer eliminar a negatividade e o repouso. O burnout, aqui, não deve ser lido prioritariamente como transtorno psicológico, mas como expressão corporal e psíquica de uma subjetividade submetida à aceleração contínua (Han, 2017; Rosa, 2019).

Assim, o esgotamento não resulta da ausência de sentido no trabalho isoladamente, mas da saturação do tempo, da impossibilidade de diferenciar ritmos, tempos sociais e esferas da vida. O sujeito de desempenho esgota-se porque já não dispõe de um tempo próprio a partir do qual possa negociar, resistir ou ressignificar as exigências externas. O *colapso subjetivo* aparece, portanto, como efeito extremo do embate forçado entre tempo prescrito e tempo vivido. (Han, 2017)

A coação ao desempenho força o sujeito a produzir sempre mais sem jamais alcançar um ponto de repouso da gratificação, instaurando um regime no qual o esforço não conduz à estabilização, mas à exigência de superação contínua. O sujeito concorre consigo mesmo, intensifica-se, acelera-se, até sucumbir. O esgotamento, nesse quadro, não é exceção, mas risco estrutural, inscrito na própria lógica temporal do desempenho.

Desse modo, a tensão entre conformação e resistência não se resolve de maneira uniforme. Enquanto alguns sujeitos conseguem sustentar-se por meio de ajustes simbólicos, satisfações sublimatórias ou adesão parcial às normas, outros entram em processos de desgaste, afastamento ou ruptura. É nesse ponto que o tempo parece se apresentar não apenas como variável organizacional, mas como operador central das desigualdades subjetivas e sociais no capitalismo contemporâneo.

Essa dinâmica não se restringe a grupos específicos atravessando diferentes categorias profissionais e setores econômicos, do operário ao executivo, inclusive no setor terciário, frequentemente percebido como menos exposto à intensificação do trabalho. Estudos mostram que executivos também relatam escassez de tempo, aumento da jornada e falta de

margens de apoio organizacional. Entre 1984 e 1991, por exemplo, cresceu significativamente a proporção de executivos com jornadas superiores a dez ou onze horas diárias (Boltanski;Chiapello, 2009).

2.7 A ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, ESTUDANTES E EGRESSOS

2.7.1 Origem da Engenharia de Produção

O campo técnico-científico que viria a ser conhecido como engenharia de produção (ou *Industrial Engineering*) emergiu com o *Scientific Management* no início do século XX, liderado por Frederick W. Taylor (1856–1915). O primeiro curso oficial em *industrial engineering* surgiu como eletiva na Pennsylvania State University em 1908. Já no Brasil, o campo começa a se estruturar na década de 1950, impulsionado pela industrialização tardia e pela presença de empresas multinacionais que demandavam profissionais capazes de gerir tempos, métodos e controle da produção (conforme consta no Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia de Produção da UFSCar (2023)).

Contudo, o que marcou mais fortemente o desenvolvimento da Engenharia de Produção no Brasil foi a instalação de empresas multinacionais que trouxeram no seu organograma 15 funções tipicamente desempenhadas por engenheiros industriais, tais como tempos e métodos, planejamento e controle da produção, controle de qualidade, por exemplo. Isso influenciou o mercado de trabalho que passou a demandar profissionais que ainda não eram formados pelas faculdades e escolas de engenharia da época.

Além da instalação das multinacionais, o crescimento das empresas nacionais e estatais criou uma maior demanda por administradores e engenheiros industriais. Isso culminou na criação da Escola de Administração de Empresas na Fundação Getúlio Vargas (FGV) no estado de São Paulo e do primeiro curso de Administração de Empresas, em 1954. Quatro anos depois foi criado o primeiro curso de graduação em Engenharia de Produção do país, na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). Inicialmente, era uma opção do curso de Engenharia Mecânica. Posteriormente foi criado o curso de graduação em Engenharia de Produção. (Universidade Federal De São Carlos, 2023).

Essa iniciativa foi seguida, no estado de São Paulo, pela criação, em 1959, do curso de Engenharia de Produção no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA). Entretanto, esse curso foi descontinuado. Em 1963, na Faculdade de Engenharia Industrial (FEI), em São

Bernardo do Campo, um dos primeiros pólos industriais do estado de São Paulo, foi criado o curso de graduação em Engenharia Industrial.

Entre os anos 1974 1975 a Universidade Federal de São Carlos, em um intento de ampliar seus cursos de engenharia e ao mesmo tempo impulsionada em manter seu projeto inovador de propostas curriculares projetou os cursos de Engenharia de Produção integrados aos cursos de Engenharia então existentes, resultando nos cursos de Engenharia de Produção opção Química e opção Materiais, com a primeira ingressando em 1976. Apenas em 2008, o curso de engenharia de produção (bem como outros vários) foi criado no Campus Sorocaba impulsionado pela demanda em sustentabilidade da região. (Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Engenharia de Produção UFSCar, 2008)

Durante a concepção dos cursos de Engenharia de Produção (EP) da UFSCar existiam três vertentes de posicionamento deste novo campo do saber: a) engenharia de métodos com ênfase de trabalho instrumental matemático, b) Engenharia da teoria dos sistemas ou de uma especialidade na fronteira entre o conhecimento dito técnico e c) Engenharia de Produção com um objeto de estudo próprio na “análise e projeto de sistemas integrados por homens, materiais, equipamentos e ambiente”, denominado de sistemas de produção. O curso de EP da UFSCar, foi claramente criado dentro dessa terceira ênfase. (Anais do I Encontro Nacional de Ensino de Graduação em Engenharia de Produção – ENEGEP, São Carlos, UFSCar, 1981).

2.7.2 Perfil dos Estudantes

O trabalho em questão centraliza-se nos jovens e egressos em formação ou formados em uma das áreas técnico-científicas orientadas pela racionalidade instrumental, a engenharia de produção. Este constitui-se como um campo fortemente alinhado à racionalização de processos e à busca por eficiência; e, por isso, acabou se configurando um espaço privilegiado para observar os efeitos dessa lógica sobre a construção subjetiva de jovens em transição da universidade para o mundo do trabalho.

Dentre os entrevistados para o desenvolvimento empírico deste trabalho, 26 (vinte e seis) estudantes/egressos eram da Universidade Federal de São Carlos Campus Sorocaba e os 4 (quatro) restantes do Campus São Carlos. Por este motivo, as informações seguintes (a saber, objetivo do curso, grade curricular, número de vagas anuais e conteúdo programático) levam em consideração apenas o Campus Sorocabano. Esta delimitação foi realizada para nos

distanciarmos de uma discussão comparativa entre os Campi, desfocando-nos da temática desta dissertação.

O curso de bacharelado em engenharia de produção tem duração de 10 semestres com carga horária de 4.240 horas em regime integral matutino/vespertino. São ofertadas anualmente 60 vagas. Desta forma, estima-se que existam 300 alunos ativos no curso (não existe um número exato sem evasão, reprovações ou trancamentos publicados pela universidade). Reforça-se, assim, que a saturação teórica desta pesquisa considerou aproximadamente 10% do número atual de alunos ativos.

2.7.3 Objetivo e Grade Curricular

O objetivo do curso foi delimitado através do PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional) da UFSCAR e características profissionais expressas por órgãos como ABEPRO (Associação Brasileira de Engenharia de Produção), MEC (Ministério da Educação e Cultura) e CREA-SP (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura de São Paulo).

Dentro do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Engenharia de Produção UFSCar Sorocaba descreve-se quais as habilidades adquiridas para este profissional ao longo do processo formativo universitário. Com base na revisão crítica dessas posições, o objetivo do curso de Engenharia de Produção da UFSCar Sorocaba é criar as condições necessárias para formar um profissional de Engenharia de Produção:

Com sólida formação científica e profissional geral que o capacite a identificar, formular e solucionar problemas ligados às atividades de projeto, operação e gerenciamento do trabalho e de sistemas de produção de bens e/ou serviços, considerando seus aspectos humanos, econômicos, sociais e ambientais, com visão ética e humanista em atendimento às demandas da sociedade. Esse profissional deve ser criativo e flexível, ter espírito crítico, iniciativa, capacidade de julgamento e tomada de decisão, ser apto a coordenar e atuar em equipes multidisciplinares, ter habilidade em comunicação oral e escrita e saber valorizar a formação continuada. (Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Engenharia de Produção UFSCar Sorocaba).

Importante notar que a definição menciona termos que posicionam a EP como um campo, de certo modo, equilibrado dentre o que se espera das áreas de humanas e exatas. Os termos *“solucionar problemas”*, *“gerenciamento do trabalho e de sistemas de produção”*, *“tomada de decisão”* contrastam diretamente com *“considerando seus aspectos humanos”*, *“visão ética e humanista”*, *“habilidade em comunicação oral e escrita”*. Isso demonstra claramente que a formação teoriza-se como um campo equilibrado dentro das engenharias.

A empiria deste conceito entra em um aparente choque quando observamos a grade curricular que, de acordo com as diretrizes curriculares para Engenharia de Produção elaboradas pela Pró-reitoria de Graduação e influenciada também por variáveis históricas e sociais, são as seguintes:

Tabela 1: Disciplinas do núcleo de conhecimentos básicos da matriz curricular do curso de engenharia de produção da UFSCAR Sorocaba (página 47).

Disciplina	Perfil	Créditos	Horas
Algoritmos e Programação	3	4	60
Avaliação de Impactos Ambientais	2	4	60
Cálculo Diferencial e Integral 1	1	4	60
Cálculo Diferencial e Integral 2	2	4	60
Cálculo Diferencial e Integral 3	3	4	60
Desenho Técnico	1	4	60
Energia e Instalações Elétricas	4	2	30
Fenômenos de Transporte	5	4	60
Filosofia e Ética	3	2	30
Física 1 - Teórico/Experimental	2	4	60
Física 2 Teórico/Experimental	3	4	60
Física 3	4	4	60
Geometria Analítica	1	4	60
Introdução à Ciência e Tecnologia de Materiais	3	4	60
Introdução à Economia	1	4	60
Introdução à Física Moderna	5	2	30
Linguística e Língua Portuguesa	1	2	30
Mecânica dos Sólidos 1	4	4	60
Mercados em Competição Imperfeita e Economia Ambiental	2	4	60
Metodologia de Pesquisa	1	4	60
Produção Sustentável	8	2	30
Psicologia das Relações Humanas	4	4	60
Química Geral- Teórico/Experimental	1	4	60
Total de créditos		82	1230

Fonte:

<https://www.prograd.ufscar.br/pt-br/assets/arquivos/cursos/cursos-oferecidos/engenharia-de-producao/engenharia-de-producao-so-ppc-2008-2025>

Ao avaliarmos as disciplinas da matriz curricular no curso, percebemos que a própria identidade da área está historicamente atada ao tempo como recurso produtivo, na medida em que engenheiros de produção são formados para enxergar processos, métricas e eficiência.

Nesse sentido, investigar como esses agentes percebem o tempo não é um recorte externo à área, mas um deslocamento crítico a partir de seu núcleo constitutivo e formativo. Avaliar a percepção desses agentes torna-se, portanto, particularmente relevante para compreender o embate entre racionalização do tempo e experiência humana do trabalho. Michel Foucault (2008), essa racionalidade incide diretamente sobre os processos de subjetivação, na medida em que os agentes internalizam modos de pensar, sentir e agir compatíveis com a lógica dominante de sua época.

Partindo-se para as Disciplinas profissionalizantes e de formação específica da matriz curricular do curso, vemos:

Tabela 2: Disciplinas profissionalizantes e de formação específica da matriz curricular do curso de engenharia de produção da UFSCAR Sorocaba (página 47).

Disciplina	Sub-área	Perfil	Créditos	Horas
Administração e Operações de Serviços	Gestão da Produção	8	2	30
Avaliação de Investimentos	Gestão Econômica	8	3	45
Contabilidade Básica	Gestão Econômica	5	2	30
Controles Estatísticos de Processo	Gestão da Qualidade	7	4	60
Custos Gerenciais	Gestão Econômica	6	2	30
Desenvolvimento de Plano de Negócios	Gestão Econômica	9	4	60
Ergonomia	Ergonomia e Segurança do Trabalho	7	4	60
Estratégia de Produção	Gestão Estratégica e Organizacional	9	4	60
Finanças Corporativas	Gestão Econômica	7	3	45
Gerenciamento de Projetos	Gestão da Produção	3	2	30
Gestão da Cadeia de Suprimentos	Gestão da Produção	9	4	60
Gestão da Qualidade	Gestão da Qualidade	5	3	45
Introdução à Eng. de Produção	Educação em EP	1	2	30
Introdução ao Estudo das Organizações	Gestão Estratégica e Organizacional	4	2	30
Logística Empresarial	Gestão da Produção	8	3	45
Marketing	Gestão Estratégica e Organizacional	5	3	45
Métodos e Ferramentas de Controle e Melhoria da Qualidade	Gestão da Qualidade	6	4	60
Métodos Estatísticos Aplicados à Engenharia de Produção (*)	Gestão da Qualidade	4	4	60
Modelos Probabilísticos Aplicados à Engenharia de Produção	Pesquisa Operacional	3	4	60
Organização do Trabalho	Ergonomia e Segurança do Trabalho	6	3	45
Pesquisa Operacional 1	Pesquisa Operacional	4	3	45
Pesquisa Operacional 2	Pesquisa Operacional	5	3	45
Planejamento e Controle de Produção 1	Gestão da Produção	5	4	60
Planejamento e Controle da Produção 2	Gestão da Produção	6	4	60
Práticas em Engenharia de Produção 1	Educação em EP	4	4	60
Práticas em Engenharia de Produção 2	Educação em EP	6	4	60
Práticas em Engenharia de Produção 3	Educação em EP	9	4	60
Princípios de Operações Logísticas	Gestão da Produção	7	3	45
Projeto de Instalações Produtivas	Gestão da Produção	8	4	60
Projeto do Trabalho	Ergonomia e Segurança do Trabalho	5	4	60
Projeto e Desenvolvimento de Produtos e Processos Sustentáveis	Gestão do Produto	6	4	60
Simulação de Sistemas	Pesquisa Operacional	2	4	60
Sistemas de Informação	Gestão do Conhecimento Organizacional	8	4	60
Sistemas de Produção	Gestão da Produção	2	4	60
Teoria das Organizações	Gestão Estratégica e Organizacional	5	3	45
Tópicos em Pesquisa Operacional	Pesquisa Operacional	6	3	45
Tópicos em Planejamento e Controle da Produção	Gestão da Produção	7	2	30
Tópicos Especiais em Gestão da Inovação Tecnológica	Gestão do Conhecimento Organizacional	8	2	30
Tópicos Especiais em Gestão da Produção	Gestão da Produção	10	2	30
Tópicos Especiais em Gestão Estratégica e Organizacional	Gestão Estratégica e Organizacional	10	2	30
Total de créditos			129	1935

Fonte:

<https://www.prograd.ufscar.br/pt-br/assets/arquivos/cursos/cursos-oferecidos/engenharia-de-producao/engenharia-de-producao-so-ppc-2008-2025>

Percebe-se, um aparente contraste entre a teoria do profissional que se pretende formar *versus* a empiria das disciplinas de curso mostrando que os estudantes e egressos investigados encontram-se em uma posição singular: são simultaneamente formados por uma matriz técnico-racional e atravessados por uma ordem social marcada pela aceleração, pela competição e pela gestão de si. Suas falas (e não somente elas) tornam-se, nesse sentido, expressão privilegiada das contradições da modernidade tardia: eficiência *versus* exaustão, disciplina *versus* liberdade, otimização *versus* sentido.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa parte do pressuposto de que o tempo não é uma variável neutra ou técnica, mas uma construção social que organiza hierarquias, expectativas e formas de sofrimento. Sendo assim, o percurso metodológico desta pesquisa foi construído de forma gradual e articulada, acompanhando a própria maturação do problema investigado uma vez que a pesquisadora desvelou a “*variável de interesse*” de estudo a medida em que diferentes conceitos, autores e pontos de vistas foram sendo incorporados ao longo da trajetória de desenvolvimento do projeto de pesquisa.

A primeira etapa consistiu na leitura sistemática da literatura relacionada ao tema, com o objetivo de delimitar o campo teórico e sustentar analiticamente a investigação empírica. Optou-se por uma revisão narrativa de caráter teórico e intencional, fundamentada na seleção de autores de reconhecida relevância nos campos da sociologia do trabalho, da crítica ao capitalismo contemporâneo e da psicodinâmica do trabalho. Essa revisão não teve caráter meramente descritivo, mas orientou a formulação das questões de pesquisa e forneceu os referenciais conceituais mobilizados ao longo da análise. Trata-se, portanto, de uma etapa estruturante, que antecede e informa as escolhas metodológicas subsequentes.

[illegible]

Figura 18: *Print Screen* da Tabela de fichamento no google sheets onde foram dispostas as citações das leituras classificadas por tipo de obra, nome, referência bibliográfica e página. Fonte da Imagem: Próprio autor.

O processo de organização desse material teórico envolveu a realização de fichamentos sistemáticos em planilhas estruturadas e a elaboração de mapas conceituais, permitindo identificar convergências, tensões e lacunas no debate acadêmico. Esse trabalho de sistematização foi fundamental para a construção do quadro teórico-analítico que orientou a

leitura do material empírico, auxiliando a manutenção da centralidade do tempo como conceito-chave de interesse.

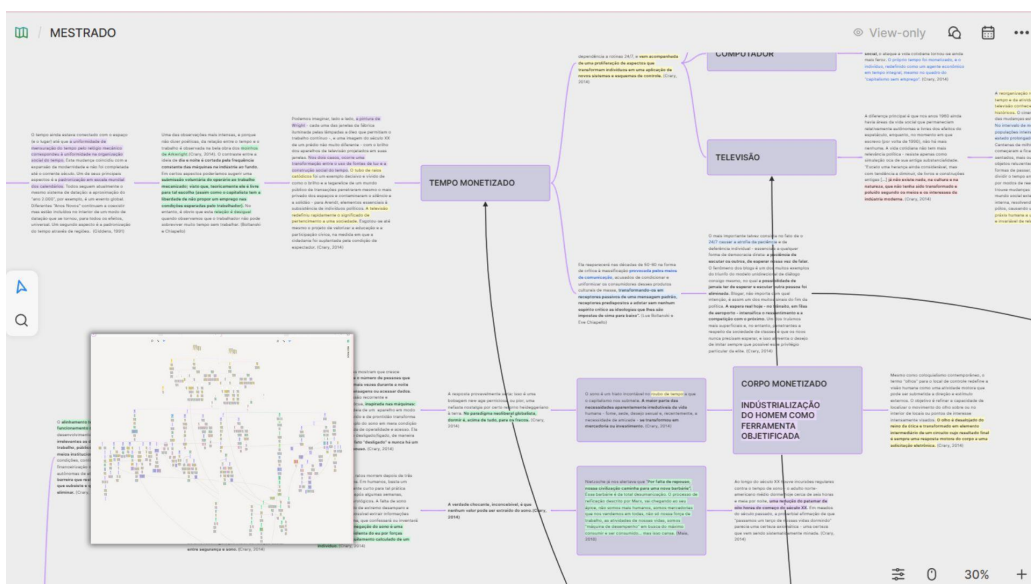


Figura 19: mapa mental abrangente onde foram destacadas manualmente os conceitos-chave e conexões entre citações. Essas conexões foram organizadas em macro e microtemas, permitindo identificar convergências, tensões e lacunas teóricas e fugas do tema. Fonte da Imagem: Próprio autor.

A etapa empírica da pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, conduzidas por videoconferência, com estudantes e egressos do curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba. A opção por entrevistas qualitativas mostrou-se adequada à investigação de experiências, percepções e sentidos atribuídos ao trabalho, ao tempo e ao desempenho, porque os participantes puderam narrar suas trajetórias de forma reflexiva e situada (em anexo encontra-se o questionário utilizado nas entrevistas).

Os participantes foram selecionados a partir de perfis públicos na rede social LinkedIn (2025), considerando estudantes regularmente matriculados no curso e egressos com até três anos de conclusão da graduação. Os critérios de convocação de entrevistados contemplaram: (a) vínculo atual ou recente com o curso investigado; (b) disponibilidade para entrevista individual; e (c) aceitação voluntária da participação por meio de encontros realizados por videochamada. Esses critérios visaram garantir a coerência entre o recorte empírico e os objetivos da pesquisa.

As entrevistas tiveram duração média de uma hora e foram realizadas por meio da plataforma Google Meet vinculadas ao email institucional da UFSCAR. Esse procedimento permitiu

acessar sujeitos inseridos em diferentes momentos da transição entre formação acadêmica e mercado de trabalho.

Mediante consentimento prévio, todas as entrevistas foram gravadas, convertidas de .mp4 para .mp3 e posteriormente transcritas com apoio de ferramentas computacionais em ambiente *Whisper do Google Collab*. As transcrições foram exportadas em arquivos .txt e após isso foram formatadas em formato de parágrafos por meio de prompt de comando via Gemini para facilitar a leitura e análise a posteriori (o arquivo .txt retorna o texto sem tabulação).

Foi assegurado o sigilo das informações, bem como a anonimização dos dados, mediante o uso de códigos (a saber, P1, P2, ..., P30) e a supressão de elementos que pudessem permitir a identificação direta ou indireta dos participantes. As gravações e transcrições foram armazenadas em ambiente digital seguro, com acesso restrito à pesquisadora, sendo utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e descartadas de forma segura após a conclusão deste estudo.

O encerramento da coleta de dados foi orientado pelo critério de saturação teórica, compreendido como o momento em que novas entrevistas deixam de acrescentar elementos substantivamente novos às categorias analíticas em construção (Minayo, 2014). Ao longo do processo, observou-se que os relatos passaram a reiterar padrões interpretativos já identificados, reforçando núcleos de sentido previamente construídos, sem introduzir novas dimensões relevantes para a compreensão do fenômeno investigado. Esse critério orientou de maneira pragmática e analítica a decisão de encerrar a fase empírica.

A saturação foi alcançada após a realização de 30 entrevistas, número suficiente para apreender a diversidade de experiências e posições no campo, bem como as regularidades estruturais que atravessam as narrativas dos participantes. Conforme as contribuições de Minayo (2014) e Bourdieu (1996), a entrevista não é vista como um espelho transparente da realidade, mas como uma prática social situada, atravessada por trajetórias, posições no campo e relações de poder.

É importante salientar, conforme se espera de uma análise com rigor bourdieusiano, que a pesquisadora que se debruçou sobre este trabalho ocupa uma posição de proximidade relativa com o campo investigado, tanto por sua trajetória acadêmica (formada em Engenharia de Produção) quanto por sua inserção no debate sobre trabalho, desempenho e subjetividade.

Essa posição oferece vantagens analíticas, como maior sensibilidade às categorias nativas e aos códigos simbólicos do campo, mas também impõe riscos de naturalização e sobreinterpretação.

Assim, a pesquisa adotou uma postura reflexiva inspirada em Bourdieu (2014), buscando objetivar a própria posição da pesquisadora no processo investigativo. Tal reflexividade foi mobilizada como estratégia de vigilância metodológica, permitindo explicitar escolhas analíticas e tensionar pressupostos incorporados. Essa postura atravessou todo o percurso da pesquisa, da coleta à interpretação dos dados.

O primeiro movimento analítico consistiu em uma leitura integral e reiterada das entrevistas, orientada não pela identificação imediata de temas, mas pelo reconhecimento de regularidades nas formas de enunciação. Buscou-se apreender modos recorrentes de falar sobre tempo, desempenho, cobrança e sofrimento, atentando para justificativas mobilizadas, naturalizações operadas e silêncios produzidos. Esse procedimento permitiu identificar e selecionar regimes discursivos por meio de citações dos estudantes e egressos como formas socialmente compartilhadas de significar a experiência (Foucault, 2008; Orlandi, 2012).

Diante da extensão e da riqueza do material empírico obtido a partir das transcrições das entrevistas, optou-se por um processo de seleção de excertos que privilegiasse a densidade analítica, e não critérios quantitativos. Em um primeiro movimento procedeu-se à identificação e ao destaque das falas que apresentavam aderência direta ao tema central da pesquisa e que evidenciavam tensões, ambivalências, contradições ou rupturas nos modos de relação dos sujeitos com o tempo, o desempenho e a trajetória formativa e profissional, conforme orienta a tradição da pesquisa qualitativa interpretativa (Minayo, 2017; Ricoeur, 1986).

Assim, foram extraídas citações de todos os entrevistados sem qualquer preocupação com a uniformidade ou com o número de ocorrências por participante. Apenas o teor e ligação direta ao tema central do título deste estudo foram levados em consideração nesta etapa.

Ao privilegiar a aderência temática e a densidade expressiva das falas, este procedimento busca escapar tanto da ilusão de neutralidade quanto da redução do empírico a ilustrações pontuais, assumindo explicitamente o caráter construtivo, relacional e interpretativo do conhecimento produzido nas pesquisas qualitativas (Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2014).

No entanto, mesmo após esse primeiro recorte, o conjunto de citações selecionadas permaneceu ainda bastante numeroso. Diante disso, optou-se por um segundo nível de organização analítica, no qual as falas foram classificadas em eixos temáticos de análise. Esses eixos não foram definidos a posteriori de forma arbitrária, mas construídos em coerência direta com o título e o problema de pesquisa, funcionando como operadores analíticos capazes de articular empiria e teoria (Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2014).

Foram estabelecidos quatro eixos: Eixo 1 — Relação com a ordem temporal (*habitus temporal*); Eixo 2 — Produção e legitimação do desempenho (*capital simbólico em disputa*); Eixo 3 — Socialização profissional antecipada (em diálogo direto com a análise prosopográfica, considerando trajetórias, origem social, redes, plataformas como o LinkedIn (2025) e heranças simbólicas); e Eixo 4 — Desigualdades invisibilizadas e privilégio, compreendido como expressão da posição social dos agentes e de seus efeitos simbólicos.

Tabela 3: Classificação das Citações por Eixos e Subtemas - Guias

Eixo 1 — Relação com a ordem temporal (<i>habitus temporal</i>)	Incorporação da urgência Naturalização da aceleração Conflito entre tempo institucional e tempo vivido Culpa, atraso e autovigilância Gestão de si como projeto
Eixo 2 — Produção e legitimação do desempenho (<i>capital simbólico em disputa</i>)	Autovalorização pelo rendimento Comparação social implícita Meritocracia silenciosa Desempenho como identidade Trabalho como prova moral
Eixo 3 — Socialização profissional antecipada (<i>relação direta com prosopografia, LinkedIn, origem social, redes e herança simbólica</i>)	Empresa júnior como laboratório de <i>habitus</i> corporativo Estágio como rito de passagem Consultoria como forma dominante de excelência Distanciamento da engenharia ‘clássica’ Universidade como meio, não como fim
Eixo 4 — Desigualdades invisibilizadas e privilégio (<i>posição social falando</i>)	Reconhecimento explícito do privilégio Capitais herdados pela família como amortecedor do risco Liberdade de escolha como privilégio Mobilidade percebida vs mobilidade real

Esse processo de categorização implicou, necessariamente, a exclusão ou o não enquadramento de determinadas citações que, embora presentes no material empírico, não contribuíam diretamente para a problematização central proposta. Tal escolha se ancora na compreensão de que a construção do objeto de pesquisa envolve operações de recorte,

hierarquização e organização do material empírico, sendo inseparável de uma postura reflexiva e teoricamente orientada do pesquisador (Bourdieu, 2011).

Concluída essa etapa, as citações de cada participante passaram a estar classificadas dentro de um dos eixos de análise, conforme apresentado nos anexos. Em um terceiro movimento analítico, foram selecionadas, a partir de cada eixo, três citações consideradas particularmente expressivas, as quais foram submetidas a uma análise aprofundada e cruzada com os dados da análise prosopográfica.

Essa articulação buscou compreender as falas não como enunciados isolados, mas como produções situadas, atravessadas por trajetórias sociais, disposições incorporadas e posições ocupadas no espaço social, permitindo uma leitura relacional entre discurso, biografia e estrutura exposta apresentada publicamente pelos estudantes e egressos (Bourdieu, 1990; Lahire, 2002).

Sendo assim, somente após a extração e consolidação desses enxertos discursivos é que os dados prosopográficos foram incorporados de modo sistemático à análise. Nesse contexto, a prosopografia foi mobilizada como instrumento de contextualização social das falas e trajetórias objetivas dos participantes. (Charle, 2006; Bourdieu, 1996).

A análise prosopográfica foi operacionalizada a partir da construção de um corpus biográfico estruturado, composto por dados provenientes de duas fontes principais: (i) questionário biográfico aplicado aos participantes e (ii) informações públicas disponíveis em perfis profissionais na plataforma LinkedIn.

O questionário biográfico foi elaborado com o objetivo de mapear elementos estruturais das trajetórias individuais, contemplando variáveis como: escolaridade dos participantes (incluindo trajetória no ensino superior), nível de escolaridade dos pais e avós, idade, indicadores de origem social e tipo de formação escolar (rede pública ou privada). Esses dados permitiram a construção de um panorama comparativo das condições de origem e dos percursos educacionais dos sujeitos investigados.

Esse cruzamento possibilitou identificar regularidades na distribuição social dos regimes discursivos, evidenciando que determinadas formas de naturalização da sobrecarga, por exemplo, tendem a aparecer com maior recorrência entre sujeitos posicionados em trajetórias marcadas por menor capital cultural herdado ou maior vulnerabilidade econômica. Tal

procedimento reforça a recusa de leituras psicologizantes e desloca a análise para o plano das desigualdades estruturais que organizam as experiências de tempo e desempenho (Lahire, 2024).

Nessa perspectiva, as falas dos participantes foram analisadas não apenas em seu conteúdo explícito, mas também à luz das condições sociais que as tornam possíveis, buscando apreender tensões, silêncios e contradições entre discurso narrado e experiência vivida. Para tanto realizou-se a triangulação com informações que atribuísse às falas um caráter interpretativo-reflexivo.

Essa triangulação não teve como objetivo validar empiricamente as falas, mas tensioná-las simbolicamente, explorando as distâncias entre sofrimento narrado e performance pública exibida. O LinkedIn foi compreendido como espaço privilegiado de encenação da *illusio* do desempenho e da adesão às normas dominantes do campo profissional (Bourdieu, 2001; Boltanski; Chiapello, 2009).

Na construção do corpus prosopográfico via LinkedIn(2025) foram observados elementos como: uso de fotografia profissional (e.g., imagens produzidas em estúdio), presença de descrições em língua inglesa, exposição de certificados e cursos, bem como níveis de engajamento na rede (publicações, interações e visibilidade). A partir da sistematização desses dados, foi construída uma matriz prosopográfica, permitindo a identificação de padrões, recorrências e distinções entre os participantes. Inspirada na definição clássica de Lawrence Stone, a análise buscou ultrapassar a descrição individual, focalizando regularidades nas formas de inserção, posicionamento e autoapresentação dos sujeitos em relação ao mundo do trabalho. (Stone, 2011)

A análise dessas informações concentrou-se em elementos como linguagem mobilizada, densidade de certificações, ritmo das trajetórias e capital simbólico exibido. Esses dados foram utilizados exclusivamente na etapa interpretativa, como contraponto às narrativas produzidas nas entrevistas, sem citação literal, imagens ou elementos identificáveis. Tal procedimento permitiu evidenciar formas de violência simbólica que operam na exigência de coerência entre sofrimento vivido e sucesso performado (Goffman, 2014).

Os casos que destoaram das regularidades observadas foram tratados como dados privilegiados, e não como exceções residuais. Tal estratégia reforça a potência analítica dos desvios, ao invés de neutralizá-los em nome da média (Passeron 2005; Revel, 2005).

A organização dos resultados seguiu, portanto, uma lógica progressiva, partindo da identificação dos regimes discursivos dominantes, avançando para sua distribuição social e culminando na análise das tensões, contradições e rupturas que atravessam as trajetórias. Os dados empíricos foram apresentados sempre em diálogo com o referencial teórico, evitando a separação artificial entre resultados e discussão, conforme recomendado em abordagens qualitativas de inspiração sociológica (Minayo, 2017).

Cada escolha metodológica foi orientada pela necessidade de apreender a tensão entre tempo prescrito e tempo vivido não como vivência individual isolada, mas como experiência socialmente produzida e por isso a triangulação adotada não teve como objetivo a validação cruzada dos dados no sentido positivista, tampouco a constituição de um corpus analítico paralelo. Tratou-se de uma triangulação interpretativa e relacional, orientada à contextualização social das narrativas, por meio do diálogo entre o material das entrevistas e informações públicas disponibilizadas nos perfis profissionais dos participantes na rede social LinkedIn (2025) e outros dados prosopográficos complementares colhidos durante as entrevistas por meio de questionário-guia.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo analisa os discursos de estudantes e egressos da Engenharia de Produção a partir de uma perspectiva sociológica, articulando análise de discurso, triangulação de fontes e prosopografia, a fim de compreender como as experiências de tempo, desempenho e sofrimento se produzem na interseção entre trajetórias individuais e estruturas institucionais.

No total foram entrevistados 30 estudantes/egressos do curso de engenharia de produção da UFSCAR (Sorocaba/São Carlos). Dentre os trinta entrevistados, 14(catorze) mulheres e 16 (dezesseis) homens. A idade dos entrevistados variou entre 19 a 27 anos, tendo a maior parte (23%) 21 anos. Também buscou-se uma variedade de períodos de estudo a fim de observar as diferenças em relação ao início e conclusão da graduação.

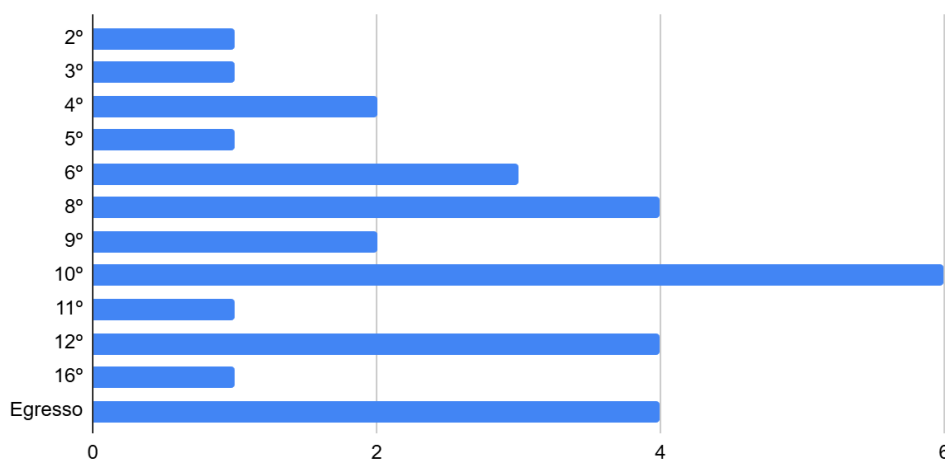


Gráfico 1: Número de estudantes e egressos entrevistados por semestre. Fonte: Próprio autor.

A análise dos dados empíricos foi conduzida com foco na relação entre discursos produzidos, posições sociais ocupadas e estruturas institucionais de forma a afastar as leituras individualizantes e permitir compreender as falas como práticas socialmente situadas, atravessadas por disposições incorporadas e constrangimentos objetivos. O foco desloca-se, assim, do sujeito psicológico para as condições sociais de produção do discurso (Bourdieu, 2017).

Tal escolha se ancora em uma concepção epistemológica que reconhece o discurso como produção situada de sentido, atravessada por condições sociais, históricas e subjetivas, e não como simples reflexo transparente da realidade (Bourdieu, 1990; Fairclough, 2001). As citações, portanto, não são tratadas como evidências isoladas ou exemplares, mas como

manifestações singulares de processos sociais mais amplos, cuja inteligibilidade emerge no movimento interpretativo da análise, e não de sua mera extração do contexto empírico (Ricoeur, 1986; Minayo, 2014).

A partir do entrecruzamento entre discursos, posições sociais e performances públicas, foi possível identificar tensões estruturais entre promessa de autonomia e experiências concretas de heteronomia temporal. Essas tensões se manifestam tanto na internalização da cobrança quanto em movimentos de desgaste, afastamento ou ruptura. A análise privilegiou, nesse ponto, a compreensão dos custos subjetivos do engajamento, sem reduzi-los a categorias clínicas, mas situando-os como efeitos sociais da organização contemporânea do trabalho (Dejours, 2004; Rosa, 2019).

4.1. EIXO 1 — DA PRESCRIÇÃO À INCORPORAÇÃO DO TEMPO

Este eixo organiza empiricamente a passagem da prescrição temporal institucional — expressa nos ritmos acadêmicos, nas expectativas de produtividade e na valorização da ocupação constante — para sua incorporação como *habitus* temporal, isto é, como disposição durável que orienta a percepção, a avaliação e a ação dos sujeitos sem necessidade de coerção explícita (Bourdieu, 1990).

As falas apontam que o tempo não é vivido como imposição externa, mas como virtude internalizada: a urgência, a aceleração e a autovigilância apresentam-se sucessivamente neutralizadas, não questionadas e aceitas quase como virtudes dos agentes.

O paradoxo anunciado no título emerge justamente na ausência de conflito explícito: quando o tempo prescrito falha em ser cumprido, a sanção não é institucional, mas moral, manifestando-se como culpa, sensação de atraso ou insuficiência pessoal. Ou seja, diferentemente do eixo 2, visto a seguir, aqui estamos abordando o paradoxo vivenciado pelo agente sobre si mesmo e as consequências disso em forma de urgência, aceleração, autovigilância e gestão de si.

Interessante notar que o processo formativo central, age como instrutor da “vida laboral futura” pois age e incorpora momentos antes da entrada plena no campo profissional, moldando desde cedo um modo de relação com o tempo que será posteriormente reconhecido como “perfil adequado” ao mundo do trabalho.

Tabela 4: Participante P13 - EIXO 1

Camada de Dados	Indicadores de P13
Prosopografia (Origem)	Classe média; Escola Privada; Primeira em universidade federal; Mãe contadora.
LinkedIn (Performance)	Estética de autenticidade; Foco técnico (Melhoria Contínua); Ativa na Empresa Júnior (Líder Jr.).
Citação (Subjetividade)	"Eu não consigo ficar parada. (...) Parece que eu só estou vegetando ali, existindo."

Fonte: Próprio autor.

O relato de P13 materializa a formação de um *habitus* de classe média em ascensão, onde a entrada em uma Universidade Federal é vivida como um marco de distinção que precisa ser validado por uma performance ininterrupta. Para Bourdieu (1996), o investimento no jogo social (*illusio*) exige que o agente acredite que o jogo vale a pena; no caso de P13, a sensação de que estar parada equivale a "*vegetar*" demonstra que sua identidade foi integralmente colonizada pela lógica da produtividade, onde o tempo não dedicado ao acúmulo de capital (seja ele cultural ou profissional) é percebido como uma *morte simbólica*.

No LinkedIn, a postura "*passiva/reativa*" de P13 contrasta com seu cargo de "*Golden Leader*" na Empresa Júnior, sugerindo que sua autovigilância não busca apenas o marketing digital, mas uma validação interna de competência. A necessidade de ser "referência no mercado" mencionada durante suas falas é o motor de um autogoverno que pode estar transformando o descanso em angústia. Aqui, o paradoxo do desempenho parece se apresentar: a estudante utiliza o capital cultural herdado da escola privada para ascender, mas torna-se refém de uma necessidade de "*fazer o tempo render*" para justificar sua posição no campo da elite industrial.

Tabela 5: Participante P29 - EIXO 1

Camada de Dados	Indicadores de P29
Prosopografia (Origem)	Família com histórico de trabalho duro; Mãe Contadora; Escola Pública no Ensino Médio.
LinkedIn (Performance)	Perfil focado em Logística; Cursos técnicos (Excel/Lean); Uso funcional da plataforma.
Citação (Subjetividade)	"Anotar as coisas que eu tenho que fazer no dia e ir dando checkzinho."

Fonte: Próprio autor.

A trajetória de P29 exemplifica o esforço de um *habitus* que busca segurança através da racionalização técnica. Vinda de um contexto de "*trabalho duro*" e escola pública, a estudante utiliza as ferramentas de gestão (o "*checkzinho*") como uma forma de ordem para lidar com a

incerteza de um campo altamente competitivo. Segundo Bourdieu (2009), a disciplina é uma forma de capital incorporado que permite ao sujeito de origem menos favorecida diminuir a segurança dos herdeiros. O ato de *"anotar e dar check"* é a internalização da lógica da Engenharia de Produção na gestão da própria vida, transformando a rotina em uma *linha de montagem existencial*.

O LinkedIn (2025) de P29, embora técnico e em desenvolvimento, reflete uma estratégia de *"ajuste de rota"*. Ao focar em certificações de Logística e Lean, ela tenta converter seu esforço individual em capital simbólico reconhecível por grandes empresas. O paradoxo reside no fato de que, para encaixar em um campo de elite vindo da escola pública, a estudante impõe a si mesma uma vigilância métrica constante. O prazer dopaminérgico do *check* esconde a pressão de um tempo que não pode ser desperdiçado, pois, para quem não herda o tempo, cada minuto deve ser meticulosamente produzido.

Tabela 6: Participante P30 - EIXO 1

Camada de Dados	Indicadores de P30
Prosopografia (Origem)	Elite (Colégio Etapa); Pai Engenheiro/Empresário; Carro e apartamento próprios.
LinkedIn (Performance)	Multinacional Fortune 500; Histórico de liderança estudantil; Perfil de alta credencial.
Citação (Subjetividade)	<i>"Hoje eu acordei cinco horas, trabalhei até às oito e meia... o meu dia se torna mais leve."</i>

Fonte: Próprio autor.

P30 representa o "herdeiro" do campo, cujo habitus foi forjado em colégios de elite (Etapa) e em uma estrutura familiar de alto capital econômico e cultural (pai engenheiro). Para Bourdieu (2001), o herdeiro tem uma relação de proximidade natural com as exigências do campo, o que explica sua ambição auto-cobrada. O paradoxo atinge seu ápice na inversão lógica de sua fala: a "leveza" não vem do repouso, mas do sacrifício matinal. Ao trabalhar das 5h às 8h30, P30 antecipa a pressão externa, transformando a submissão ao tempo produtivo em uma sensação ilusória de domínio e autonomia.

Apesar de se sentir adiantado socialmente — possuindo bens materiais que o distinguem de seus pares (carro, apartamento) —, P30 sofre com o "atraso acadêmico". Essa dissonância gera uma crise na *illusio*: o medo de não corresponder à trajetória de sucesso prescrita por sua linhagem familiar deixa evidente uma falsa confiança em si. O LinkedIn de P30, exibindo passagens por multinacionais (CNH Industrial), funciona como a vitrine de uma promessa de

poder, mas sua rotina de acordar às 5h indica que, mesmo para o privilegiado, a permanência no topo do campo exige uma autovigilância implacável. Ele é, simultaneamente, o carrasco e o beneficiário do sistema, trazendo a hipótese de que o desempenho, na engenharia, é um imperativo moral que não admite pausas.

Estes três casos indicam que, independentemente da origem (seja a classe média de P13, o esforço de P29 ou a elite de P30), a Engenharia de Produção atua como um campo de força que impõe a incorporação de um tempo acelerado. O LinkedIn (2025) atua como o espelho dessa exigência, forçando os jovens a performarem uma segurança técnica que, conforme sugerem as entrevistas, é sustentada por ansiedade, privação de sono e uma vigilância obsessiva sobre si mesmos.

4.2. EIXO 2 — O DESEMPENHO COMO MEDIAÇÃO ENTRE EXIGÊNCIA EXTERNA E VALOR MORAL

Neste eixo, o desempenho aparece como o principal operador simbólico que transforma exigências objetivas do campo educacional e organizacional em critérios de valor pessoal. A prescrição do desempenho — notas, entregas, cargos, produtividade — não se apresenta como coerção, mas é incorporada como dimensão identitária, fazendo com que o rendimento deixe de ser apenas um resultado mensurável e possa passar a funcionar como prova moral de mérito.

Desta forma, este eixo fixa-se de maneira pujante sobre a perspectiva da comparação simbólica social implícita do desempenho como balizador de sucesso/fracasso entre o agente e os seus semelhantes. De forma que esta comparação simbólica é analisada, medida e solucionada de forma subjetiva e proativa pelo agente sem que haja, necessariamente, agente externo envolvido nesta mobilização.

O paradoxo do desempenho se manifesta quando a avaliação externa se torna desnecessária, pois o próprio sujeito passa a se autoavaliar continuamente, comparando-se implicitamente aos pares e legitimando desigualdades sob a forma de mérito silencioso (Bourdieu & Passeron, 2014). Essa dinâmica é constitutiva da formação dos jovens engenheiros, na medida em que o campo profissional é antecipado simbolicamente: aprende-se, ainda na universidade, que “ser alguém” implica performar continuamente, mesmo sem garantias de reconhecimento futuro.

Tabela 7: Participante P12 - EIXO 2

Camada de Dados	Indicadores de P12
Prosopografia (Origem)	Classe média; Pai e irmãs com curso superior; Estudou em escola privada; Histórico familiar rural ("caipirão").
LinkedIn (Performance)	Perfil Bilingue; Foto de estúdio; Multinacional de Elite (Unilever); URL Limpa; Altas Certificações (Six Sigma).
Citação (Subjetividade)	<i>"Se eu tivesse me organizado certinho daria tempo... Acredito que o que mais complicava... é procrastinação mesmo."</i>

Fonte: Próprio autor.

O caso de P12 ilustra a face mais insidiosa da violência simbólica: a autoculpabilização. Embora possua um capital cultural e econômico que lhe permitiu o trunfo de um estágio em uma multinacional "Fortune 500" (Unilever), P12 interpreta a sobrecarga estrutural do curso como uma falha moral individual, rotulando-a de "procrastinação". Para Bourdieu (2001), a dominação é plena quando o indivíduo incorpora as categorias do dominador para julgar a si próprio. Ao ignorar que o tempo de formação na Engenharia de Produção é objetivamente saturado, P12 recorre à doxa meritocrática para justificar seu mal-estar, transformando um problema de gestão de campo em uma deficiência de caráter.

No LinkedIn (2025), o investimento massivo na estética da competência (foto de estúdio, bilinguismo, certificações de elite) funciona como um antídoto simbólico ao sentimento de atraso que ele relata na entrevista. P12 vive o paradoxo de ser um sucesso métrico aos olhos do mercado, enquanto internamente se sente em dívida com um cronograma idealizado. Essa pressão advém de sua origem de classe média, onde o diploma não é apenas educação, mas a manutenção de um status familiar que não admite o ócio. O LinkedIn é a armadura que ele constrói para esconder o medo de ser menos que seus pares ou familiares já graduados.

Tabela 8: Participante P21 - EIXO 2

Camada de Dados	Indicadores de P21
Prosopografia (Origem)	Classe média/alta; Família com tradição em ensino superior (Direito/Adm); Background cristão/conservador.
LinkedIn (Performance)	Perfil Bilingue; Foto profissional; Trajetória linear e consistente na Unilever; Letramento digital elevado.
Citação (Subjetividade)	<i>"Não importa você como pessoa. Importa se você conseguiu entregar ou não."</i>

Fonte: Próprio autor.

A fala de P21 indica a forma mais pura da reificação do sujeito dentro do habitus da engenharia. Ao afirmar que o *eu* não importa diante da *entrega*, o participante demonstra ter

incorporado a lógica mercantil de que o valor do agente é estritamente instrumental. Bourdieu (2009) descreve como a "ilusão" do campo exige que o sujeito sacrifique sua singularidade em troca de reconhecimento. P21, vindo de uma família com alto capital escolar e valores familiares, entende que o *sacrifício da pessoa* é o preço para a manutenção da posição de classe, culminando em sua efetivação como analista em uma gigante global conforme relato na entrevista.

Seu LinkedIn é o espelho desse pragmatismo: bilíngue, limpo e voltado para resultados técnicos. Não há espaço para a subjetividade; a *marca de si* é construída sobre a competência fria. O paradoxo do desempenho manifesta-se no fato de P21 ter estendido a graduação para manter o estágio (um privilégio de quem possui suporte familiar), mas descrever essa trajetória sob uma ótica resultadista e desumanizada. Ele aceita a violência simbólica da corporação porque ela valida seu *habitus* de vencedor e provedor de resultados, um traço herdado de sua socialização em um ambiente de empresários e advogados.

Tabela 9: Participante P30 - EIXO 2

Camada de Dados	Indicadores de P30
Prosopografia (Origem)	Elite (Etapa); Pai Engenheiro/Dono de empresa; Apartamento e carro próprios; Privilegiado.
LinkedIn (Performance)	Multinacional Fortune 500 (CNH Industrial); Foto autêntica ("mão na massa"); URL Padrão (menor foco em marketing).
Citação (Subjetividade)	"Eu acho que a hora de ter essa vida corrida é agora."

Fonte: Próprio autor.

P30 encarna a figura do herdeiro que utiliza a juventude como um capital biológico a ser exaurido. Sua fala naturaliza a sobrecarga como uma necessidade temporal ("a hora é agora"), sugerindo uma legitimação geracional da exaustão. Para Bourdieu, o *habitus* de elite de P30 (provindo do Colégio Etapa e de um pai engenheiro) lhe confere a segurança de que o sacrifício presente é um investimento de retorno garantido. Por possuir uma rede de segurança econômica (carro, apartamento, suporte financeiro), ele pode se dar ao luxo de se sentir frustrado pelo atraso acadêmico enquanto se sente adiantado socialmente, pois o tempo para ele é um recurso maleável.

Diferente de P12 e P21, o LinkedIn (2025) de P30 é menos polido e mais focado na manufatura e no chão de fábrica. Isso reflete uma segurança de classe que dispensa o marketing digital excessivo; ele não precisa *provar* que pertence ao campo, ele *é* do campo

por linhagem. O paradoxo aqui é que sua ambição auto-cobrada o faz acordar às 5h da manhã para antecipar o trabalho, não por necessidade financeira, mas para sustentar a identidade de *alfa* produtivo. A vida corrida é incorporada como um rito de passagem moral que o diferencia daqueles que não “aguentariam” tamanha pressão, transmutando cansaço em capital simbólico de elite.

4.3 EIXO 3 — A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL COMO VETOR DE INCORPORAÇÃO DA PRESCRIÇÃO

Este eixo explicita os mecanismos concretos por meio dos quais a prescrição temporal e performativa é incorporada durante a formação. Dispositivos como empresa júnior, liga de mercado financeiro, estágio e iniciação científica operam como instâncias privilegiadas de socialização antecipada, funcionando como verdadeiros laboratórios de *habitus* corporativo. Nesses espaços, o tempo acelerado, a disponibilidade constante e a centralidade do desempenho são apresentados como naturais e desejáveis, reforçando a ideia de que a universidade é apenas um meio instrumental para acessar o “mundo real”.

O paradoxo reside no fato de que essa socialização ocorre antes da inserção estável no campo profissional, produzindo sujeitos já ajustados às regras do jogo, mesmo sem ocuparem ainda posições consolidadas. Assim, a formação deixa de ser apenas acadêmica e passa a ser profundamente moral e disposicional.

Tabela 10: Participante P13 - EIXO 3

Camada de Dados	Indicadores de P13
Prosopografia (Origem)	Classe média; Escola Privada conservadora; Mãe com superior completo; Mobilidade internacional (EUA) precoce.
LinkedIn (Performance)	Estética de autenticidade; Cargo de "Golden Leader" na LÍDER;
Citação (Subjetividade)	<i>"Eu sou muito acostumada a ir dormir às duas e poucas da manhã. Por conta da rotina."</i>

Fonte: Próprio autor.

A fala de P13 sugere a naturalização da privação, onde o sofrimento físico (dormir às 2h da manhã) deixa de ser um evento esporádico para se tornar uma disposição durável. Para Bourdieu, o *habitus* é a história incorporada, e em P13, a socialização em uma escola conservadora e a liderança precoce na Empresa Júnior forjaram uma ética de prontidão absoluta. O termo *"muito acostumada"* indica que a violência simbólica do excesso de

trabalho foi transmutada em uma virtude identitária: a de quem *"aguentaria"* o que outros não suportam.

No LinkedIn, o título de "Golden Leader" na LÍDER (Empresa Júnior) funciona como o selo de aprovação dessa exaustão. A triangulação mostra que a segurança exibida na rede social é sustentada por um corpo que sacrificou seu ciclo circadiano para manter o status de referência no mercado. A socialização profissional em P13 atua como um laboratório onde a pressão institucional é internalizada de tal forma que o repouso passa a ser visto como um obstáculo à manutenção de seu capital simbólico.

Tabela 11: Participante P24 - EIXO 3

Camada de Dados	Indicadores de P24
Prosopografia (Origem)	Classe média/baixa; Escola Pública; 16º semestre (extensão da graduação); Restrição financeira.
LinkedIn (Performance)	Bilíngue; Foto de estúdio; Multinacional (Bosch); Alta densidade de certificações (Power BI/Scrum).
Citação (Subjetividade)	<i>"Quando eu trabalhei no banco tinha um momento que eu estava coringando."</i>

Fonte: Próprio autor.

O relato de P24 sobre "coringar" (expressão para surto/colapso mental) marca o ponto onde a incorporação do tempo de desempenho falha catastroficamente. Vindo de um contexto de escola pública e restrição financeira, P24 investe pesadamente no LinkedIn (2025) — com foto profissional e bilinguismo — como uma tentativa de compensar o "atraso" de estar no 16º semestre. Para Bourdieu, esse investimento excessivo na "estética da competência" é uma estratégia de quem precisa provar seu valor em um campo que não lhe deu o capital cultural de berço.

Entretanto, a triangulação sugere que o custo dessa tentativa de alcançar o mercado de elite (setor bancário). O termo "coringar" é a denúncia do corpo contra uma socialização profissional que exige a anulação da subjetividade. No LinkedIn, P24 é o estagiário bilíngue da Bosch; na entrevista, ele é o sujeito que atingiu o limite patológico da pressão. O colapso subjetivo ocorre quando o *habitus* não consegue mais processar a discrepância entre a necessidade financeira de permanência no campo e o esgotamento das energias vitais.

Tabela 12: Participante P27 - EIXO 3

Camada de Dados	Indicadores de P27
Prosopografia (Origem)	Classe média baixa; Pais operários no Japão; Escola pública; Avô engenheiro (linhagem interrompida).
LinkedIn (Performance)	Estética social/casual; Foco em "mão na massa" (ZF); Perfil menos focado em marketing pessoal.
Citação (Subjetividade)	<i>"E ainda eu tomo energético pós-almoço no trabalho, duas vezes por semana."</i>

Fonte: Próprio autor.

Em P27, o suporte químico (energético) surge como o mediador necessário entre o tempo biológico e o tempo da manufatura. Vinda de uma família de operários que buscou a vida no Japão, P27 traz consigo um *habitus* de esforço físico e disciplina industrial. Para Bourdieu, o corpo é o local de objetivação das estruturas sociais; aqui, a ingestão de estimulantes para "performar" após o almoço mostra que a engenharia de produção não apenas organiza a fábrica, mas organiza a biologia do trabalhador.

Seu LinkedIn (2025), com uma abordagem mais direta e menos "estética", reflete a pragmática de quem vive o chão de fábrica (ZF). A triangulação desvela uma biopolítica do desempenho: para manter a "versatilidade" e o "custo-benefício" que ela própria valoriza no curso, P27 intervém em si mesma. O energético é o insumo que garante que ela continue sendo produtiva em um ambiente que ela identifica como machista e hostil, funcionando como uma ferramenta de resistência e, simultaneamente, de submissão ao ritmo acelerado do mercado.

4.4 EIXO 4 — O PARADOXO VIVIDO DE FORMA DESIGUAL (PRIVILÉGIO, AMORTECIMENTO DO RISCO E INVISIBILIZAÇÃO)

O quarto eixo aponta para a incorporação da prescrição e a vivência do paradoxo do desempenho não ocorrem de maneira homogênea, sendo profundamente atravessadas pelas posições sociais dos sujeitos.

Nos casos em que o capital social vindo da família, as redes de apoio e a possibilidade de escolha existem, eles funcionam como amortecedores simbólicos de forma a permitir que a aceleração, a instabilidade e a autogestão sejam vividas como desafio formativo e não como ameaça. Já nos casos onde este suporte não se demonstra presente, a percepção de dificuldade

de permanência no campo e a possibilidade de vencer o jogo parecem ser profundamente abalados demonstrando um conflito pujante entre as percepções dos agentes em relação ao referencial. (BOURDIEU, 1996).

Tabela 13: Participante P24 - EIXO 4

Camada de Dados	Indicadores de P24
Prosopografia (Origem)	Classe média/baixa; Escola Pública e ETEC; 16º semestre; Restrição financeira severa.
LinkedIn (Performance)	Máscara de Elite: Foto de estúdio, bilinguismo, URL limpa e multinacional (Bosch).
Citação (Subjetividade)	<i>"Vou encarar isso por 3, 4 anos (...) exclusivamente pelo dinheiro."</i>

Fonte: Próprio autor.

P24 é o caso mais emblemático de um *habitus* em esforço constante para superar o "atraso" imposto pela carência de capital econômico. Sua trajetória de 8 anos na graduação (16º semestre) não foi uma escolha, mas uma imposição das distâncias geográficas e financeiras (Sorocaba-SP). Segundo Bourdieu, o tempo é um dos bens mais desigualmente distribuídos; para P24, o tempo de formação foi "roubado" pela necessidade de subsistência. O paradoxo manifesta-se no seu LinkedIn: um perfil esteticamente impecável e bilíngue, que funciona como uma estratégia de ocultamento das marcas da escassez, tentando camuflar o capital cultural de quem teve trajetórias lineares.

A subjetividade de P24, ao admitir que trabalhará "exclusivamente pelo dinheiro", aponta para um pragmatismo cínico necessário para quem não possui redes de segurança. Ele suspende seus desejos (como a aviação ou a docência) para acumular capital econômico rápido. Aqui, o desempenho não é uma busca por "propósito", mas uma ferramenta de resgate social. A "prescrição do tempo" para ele é uma barreira que ele tenta saltar através de uma performance digital de elite que seu corpo, exausto por 16 semestres, mal consegue sustentar.

Tabela 14: Participante P25 - EIXO 4

Camada de Dados	Indicadores de P25
Prosopografia (Origem)	Classe média-alta; Pais com superior e empresários; Suporte para morar fora e lazer caro.
LinkedIn (Performance)	Herdeiro Profissional: Trajetória consistente em consultoria estratégica e mercado financeiro.
Citação (Subjetividade)	<i>"Eu segurei o TCC pelo estágio. (...) por contexto familiar, isso era possível."</i>

Fonte: Próprio autor.

Diferente de P24, para P25 o tempo é um recurso elástico e manuseável. A decisão de "segurar o TCC" para estender o vínculo de estágio é um luxo permitido pelo capital social e financeiro incorporado pela família. Para Bourdieu (2001), o herdeiro tem o privilégio de "não ter pressa", transformando o que seria um "atraso" para outros em um movimento estratégico de acumulação de capital simbólico no LinkedIn (2025). P25 não está em uma corrida contra o relógio; ele está orquestrando sua entrada no campo das elites (Consultoria Estratégica) com a segurança de quem possui o suporte material necessário para postergar a autonomia financeira.

Seu perfil no LinkedIn reflete essa segurança: linear, focado e validado por instituições de prestígio. A "incorporação do tempo" em P25 é harmônica; ele não se sente esmagado pela estrutura porque a estrutura joga a seu favor. O paradoxo do desempenho, para ele, é um jogo de otimização de carreira, onde o sacrifício é planejado e recompensado com posições de gerência precoce. Enquanto P24 usa o desempenho para sobreviver, P25 o usa para se distinguir, indicando que a "meritocracia" da engenharia ignora os anos de suporte invisível que pavimentam o caminho dos herdeiros.

Tabela 15: Participante P26 - EIXO 4

Camada de Dados	Indicadores de P26
Prosopografia (Origem)	Baixa renda; Primeira geração na Federal; Pais com fundamental incompleto; Auxílio Permanência.
LinkedIn (Performance)	Letramento Inicial: Estética amadora, URL padrão, poucas certificações e foco reativo.
Citação (Subjetividade)	<i>"Algumas matérias (...) eu não tive, porque eu vim de escola pública. (...) Dá aquela vergonha."</i>

Fonte: Próprio autor.

O relato de P26 expõe a violência simbólica da base escolar. O sentimento de "vergonha" por não dominar conteúdos que seus pares trazem da escola privada aponta para uma desigualdade de origem que se manifesta como um "atraso cognitivo" autoimposto. P26 gasta seu tempo de graduação não apenas aprendendo a engenharia, mas "reparando" as lacunas de um ensino público precário. Para Bourdieu, o *habitus* de P26 entra em choque com as exigências do campo, gerando uma sensação de inadequação que o LinkedIn (2025), com sua estética simplória e reativa, acaba por transparecer.

Enquanto P25 usa o tempo para "segurar" o TCC e brilhar em consultorias, P26 luta contra a desorganização de líderes com os quais trabalhou em estágios e a falta de base técnica durante

o curso das disciplinas de graduação. Seu LinkedIn não possui a "blindagem" estética de P24, o que a torna mais vulnerável à triagem algorítmica do mercado. O paradoxo do desempenho é cruel com P26: ela atingiu o topo (Universidade Federal), mas a falta de capitais acessórios (econômico e social) faz com que ela sinta que está sempre "devendo" tempo ao campo. O tempo dela é o tempo da luta pela permanência, um esforço invisível que o mercado de engenharia raramente converte em valor.

5. CONCLUSÃO

A presente investigação buscou desvelar as camadas que sustentam o paradoxo do desempenho na formação do engenheiro de produção contemporâneo, tomando como ponto de partida a tensão dialética entre a norma imposta e a norma vivida. Ao confrontar as trajetórias objetivas mapeadas pela prosopografia, as personas digitais forjadas no LinkedIn (2025) e a crueza dos relatos subjetivos, apresenta-se que o processo formativo pode estar atuando como uma engrenagem de conversão antropológica: a prescrição do tempo — externa, institucional e corporativa — é gradualmente transmutada em incorporação do tempo, tornando-se parte integrante do *habitus* do jovem engenheiro.

A prescrição manifesta-se no currículo denso, nas metas das Empresas Juniores, Ligas de Mercado Financeiro e na disponibilidade total exigida pelos estágios em multinacionais. No entanto, a força dessa prescrição não reside na coação física, mas na sua aceitação moral como *doxa* do campo. Como aponta Bourdieu (2001), a violência simbólica é aquela que se exerce com a cumplicidade do próprio agente, que não a percebe como tal, mas como a ordem natural das coisas.

No ecossistema da Engenharia de Produção, os dados sugerem que essa prescrição não é neutra: ela é informada por uma lógica de mercado que, conforme Dejours (2022), exige o engajamento da subjetividade do trabalhador para suprir as lacunas da organização prescrita. Para os participantes, o prazo do projeto e a métrica do *Lean* são apresentados como a única via de salvação e distinção social, exercendo uma pressão que silencia as necessidades do corpo e da *psiqué* em nome de um ideal de excelência técnica.

O tempo deixa de ser um "mestre externo" para tornar-se uma "autovigilância" ininterrupta. Quando P29 descreve o prazer somático no "checkzinho" e P30 encontra "leveza" ao antecipar o labor às cinco da manhã, testemunhamos um possível triunfo da estrutura social sobre a biologia. O sujeito não necessita mais de uma vigilância externa; ele a internalizou. Conforme define Bourdieu (2009), o *habitus* funciona como uma estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das mesmas.

A incorporação do tempo prescrito opera uma transformação social: transforma a pressão externa em "senso de responsabilidade" e a sobrecarga estrutural em "falha de organização individual". O relato de P12 sobre a "procrastinação" é a indicação dessa captura: o estudante sente-se culpado por não atingir uma meta, isentando a estrutura de sua responsabilidade e

punindo apenas a si mesmo pela falha. O tempo incorporado é o tempo da aceleração, onde, segundo Rosa (2017), o indivíduo corre cada vez mais rápido apenas para permanecer no mesmo lugar, alimentando uma máquina de desempenho que não conhece o repouso.

O paradoxo central enunciado nesta dissertação reside na contradição irreconciliável entre a promessa de autonomia e a realidade temporal. O jovem engenheiro é treinado para ser o "mestre da eficiência", o agente capaz de otimizar processos e poupar o tempo das organizações. No entanto, o estudo sugere que, enquanto ele economiza o tempo do capital, ele pode estar desperdiçando o tempo individual e subjetivo sem perceber o que ele mesmo imputa sobre si ou a percebendo e aceitando com "satisfação" como parte do "jogo". A liberdade celebrada no LinkedIn (2025) através de fotos de estúdio e bilinguismo é, sob a ótica de Bourdieu (2001), uma estratégia de apresentação de si que visa esconder o custo da *illusio* — a crença de que o jogo vale o sacrifício.

O desempenho torna-se paradoxal pois pode estar ocasionando na anulação do bem-estar e a organização da vida em favor de outros parâmetros aparentemente mais importantes. O relato de P24 sobre "*coringar*" e a necessidade de suporte químico (P27) sugere que a eficácia celebrada na vitrine digital pode estar sendo sustentada por uma infraestrutura de *sofrimento simbólico*, conforme conceituado por Bourdieu (2001). O jovem engenheiro de produção não apenas "faz" a gestão de processos; ele *é* o processo gerido e parece só existir enquanto entrega resultados de forma que sua existência fora da produtividade é sentida como "vegetar" (P13).

Por fim, a análise crítica revelou que a incorporação do tempo não ocorre em um vácuo social. O tempo é, fundamentalmente, um capital de distinção (Bourdieu, 2011). A pesquisa demonstrou que o paradoxo do desempenho é vivido de forma assimétrica: o "atraso" de P25 é um luxo permitido pelo capital social e financeiro de sua família, enquanto o "atraso" de P24 é uma cicatriz imposta pela carência de infraestrutura econômica.

Sugere-se que a formação na Engenharia de Produção pode estar se configurando como uma ferramenta estruturante e estruturada de formação temporal onde o sucesso é visto como a capacidade de esconder a própria alienação do campo enquanto se joga com a *illusio* de vitória. Se fosse possível limitar a situação entre derrota ou a vitória, entretanto, poderíamos absorver suas hipóteses de resultado: A venda do tempo prescrito em execução eficiente e

remunerado (“bem ou mal”) e a perda do tempo vivido pormenorizado (por “necessidade ou estratégia”).

Esta lógica sugerida empiricamente por este trabalho não se destina apenas a generalizações no campo da engenharia de produção. Como reforçado por Han (2017) , estamos tratando de uma lógica absorvida pela sociedade do século XXI, a sociedade de desempenho. Dentro desta sociedade, os habitantes - engenheiros de produção, advogados, dentistas, médicos e tantos outros - não se chamam mais ‘sujeitos da obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos”.

O diploma, longe de ser apenas uma certificação de saberes, parece ser indicativo de que o corpo e a mente do engenheiro foram devidamente sincronizados ao cronômetro industrial. Este estudo deixa, portanto, uma sugestão: se o desempenho for a única métrica de valor humano no campo, o engenheiro continuará a ser um exímio gestor de sistemas que, paradoxalmente, pode falhar em gerir a sua própria humanidade, permanecendo “prisioneiro” de um tempo que ele mesmo ajuda a acelerar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação buscou desvelar as camadas que sustentam o paradoxo do desempenho na formação do engenheiro de produção contemporâneo, tomando como ponto de partida a tensão dialética entre a norma imposta e a norma vivida. Ao confrontar as trajetórias objetivas mapeadas pela prosopografia, as personas digitais forjadas no LinkedIn e a crueza dos relatos subjetivos, sugere-se que o processo formativo pode estar atuando como uma engrenagem de conversão antropológica: a prescrição do tempo — externa, institucional e corporativa — é gradualmente transmutada em incorporação do tempo, tornando-se parte integrante do *habitus* do jovem engenheiro.

A partir dos achados desta análise crítica, vislumbram-se caminhos para o enfrentamento dessa realidade e para o aprofundamento do debate acadêmico:

- **Reforma da Socialização Acadêmica:** Sugere-se que os cursos de Engenharia de Produção incluam em suas grades curriculares discussões sobre a sociologia do trabalho e a saúde mental, visando desconstruir a naturalização do "sacrifício" como rito de passagem e promovendo o desenvolvimento de uma postura crítica frente à gestão por metas.
- **Políticas de Apoio à Permanência:** Dada a desigualdade no "uso do tempo" entre herdeiros e estudantes de baixa renda (P24 e P26), é urgente a implementação de políticas que garantam não apenas o acesso, mas a viabilidade da formação, minimizando o impacto das carências infraestruturais no tempo de graduação.
- **Pesquisas sobre o Pós-Carreira:** Propõe-se o desenvolvimento de estudos longitudinais que acompanhem esses engenheiros dez anos após a formatura. O objetivo seria investigar se o *habitus* de aceleração incorporado na juventude se mantém estável ou se culmina em processos de ruptura total, como o *burnout* crônico ou o abandono da profissão.
- **Impacto das Novas Tecnologias:** Futuras investigações devem focar em como o uso de Inteligências Artificiais e algoritmos de gestão potencializam a "prescrição do tempo", tornando a vigilância sobre o desempenho ainda mais opaca e difícil de ser contestada pelo trabalhador.

A formação, conforme desenhada hoje, é um sucesso em termos técnicos, mas um paradoxo existencial que exige urgência em ser repensado.

REFERÊNCIAS

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução de Cássio Arantes Leite. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalinas**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sergio Miceli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reynaldo Bairão. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **As formas do capital**. Tradução de Magda Lopes. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). Escritos de educação. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2017 [1986]. p. 71-102.

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio Madureira (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 41-54.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

DEJOURS, Christophe. **Subjetividade, trabalho e ação**. Produção, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 027-034, set./dez. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prod/a/V76xtc8NmkqdWHD6sh7Jsmq/?lang=pt>> Acesso em: 1 fev. 2026.

DEJOURS, Christophe. Trabalho vivo, v. 1: Sexualidade e trabalho. Tradução de Franck Soudant. São Paulo: Editora Blucher, 2022.

EAGLEMAN, David. **Incógnito: as vidas secretas do cérebro**. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2012. 286 p. ISBN 9788532527127.

EINSTEIN, Albert. **A teoria da relatividade especial e geral**. Tradução de Silvio R. Dahmen. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015 [1916].

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 1., 1981, São Carlos. **Anais** [...]. São Carlos: UFSCar, 1981.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso no Collège de France (1978-1979)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOFFMAN, Erving. **A apresentação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Gelson Meira. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014 [1956].

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. 28. ed. São Paulo: Loyola, 2017.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução de Maria Elisa Cevalco e Marina Vargas. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural: os determinantes da ação**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Retratos individuais: a teoria da ação em perspectiva**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LANDES, David S. **Prometeu desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até os dias atuais**. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

STONE, Lawrence. **La prosopographie**. Rev. Sociol. Polit. 19 (39). Jun 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-44782011000200009>>. Acesso em: Nov 2025.

LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Lisboa: Estampa, 1980.

LINKEDIN. **Perfis profissionais de estudantes e egressos de Engenharia de Produção**. 2026. Disponível em: <https://www.linkedin.com/>. Acesso em: dez. 2025.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARTINS, Thais Joi. **Desejo, necessidade e realidade**: os marcadores culturais e econômicos e suas implicações ocupacionais para o grupo profissional de engenheiros de produção no Brasil. 2015. 245 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias**. Revista Pesquisa Qualitativa, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 01-12, abr. 2017.

MUMFORD, Lewis. **Técnica e civilização**. Tradução de Maria Georgina Segurado. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PASSERON, Jean-Claude; REVEL, Jacques. **Penser par cas**. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2005.

PROGRAD UFSCAR - Pró-reitoria de graduação. **Diretrizes Curriculares para Engenharia de Produção**. São Carlos - SP, 2021. Disponível em <<https://www.prograd.ufscar.br/pt-br/assets/arquivos/cursos/cursos-oferecidos/engenharia-de-producao/engenharia-de-producao-sorocaba-matriz-curricular.pdf>>

RICOEUR, Paul. **Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II**. Tradução de Alcides L. Furtado. Porto: Rés, 1986.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

SOBEL, Dava. **Longitude: a verdadeira história de um gênio solitário que resolveu o maior problema científico da sua época**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

TAYLOR, Frederick Winslow. **Princípios de administração científica**. Tradução de Arlindo Vieira Ramos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

THOMPSON, Edward Palmer. **Tempo, disciplina do trabalho e o capitalismo industrial**. In: THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304.

TSE, Peter Ulric *et al.* **Attention and the subjective expansion of time**. Perception & Psychophysics, [s. l.], v. 66, n. 7, p. 1171-1189, out. 2004. DOI: <https://doi.org/10.3758/BF03196844>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.3758/BF03196844>. Acesso em: 1 fev. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Engenharia de Produção - Campus Sorocaba**. Sorocaba: UFSCar/ProGrad, 2023. Disponível em:

<https://www.prograd.ufscar.br/pt-br/assets/arquivos/cursos/cursos-oferecidos/engenharia-de-producao/engenharia-de-producao-sorocaba-projeto-pedagogico.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2026.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WITTMANN, Marc *et al.* **The neural substrates of subjective time dilation**. *Frontiers in Human Neuroscience*, [s. l.], v. 4, p. 1-10, maio 2010. DOI: <https://doi.org/10.3389/fnhum.2010.00002>. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fnhum.2010.00002/full>. Acesso em: 1 fev. 2026.

WOMACK, James P.; JONES, Daniel T.; ROOS, Daniel. **A máquina que mudou o mundo**. Tradução de Ivo Korytowski. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

APÊNDICE

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO PESQUISA DE CAMPO

Bloco 1 — Identificação e Contexto Familiar

Ano de nascimento:

Gênero:

Cidade e estado de origem:

Religião:

Local de residência atual (cidade/estado):

Situação familiar: () solteiro(a) () casado(a)/união estável () outro

Escolaridade do(a) pai/mãe ou responsável principal:

Profissão do(a) pai/mãe ou responsável principal:

Profissão do(a) avós e Escolaridade:

Você é a primeira pessoa da família a cursar o ensino superior? () sim () não

Bloco 2 — Trajetória Educacional

Tipo de escola frequentada no ensino médio: () pública () privada () mista

Ano de ingresso no curso de Engenharia de Produção.

Por que escolheu engenharia de produção?

Durante a graduação, participou de alguma das atividades abaixo?

() Iniciação científica

() Empresa júnior

() Estágio profissional

() Programa de extensão

() Mobilidade acadêmica/intercâmbio

() Projetos voluntários

Durante o curso, precisou trabalhar para custear os estudos? () sim () não

Teve acesso a bolsas ou financiamentos (Prouni, FIES, bolsa mérito, etc.)? () sim () não

Bloco 3 — Percepções Subjetivas e Sentido do Trabalho

Quando pensa em “trabalho bem feito”, o que isso significa para você?

O que entende por “desempenho” no seu contexto profissional?

Você sente que o seu trabalho expressa quem você é? Explique.

Como se sente em relação ao reconhecimento do seu desempenho?

Em algum momento, sentiu que a pressão por resultados afetou seu bem-estar? () sim () não.

Se sim, de que forma?

Para você, qual é o sentido do trabalho hoje?

O que considera “ter sucesso” na carreira?

Quais são suas principais aspirações ou planos futuros?

Bloco 4 — Dados Complementares

Participou ou participa de coletivos, grupos de estudo, movimentos estudantis ou ações de voluntariado?

Possui outras formações (idiomas, cursos livres, especializações)?

Como avalia a transição entre o ambiente universitário e o mercado de trabalho?
Há algo mais que considere relevante sobre sua trajetória que não foi abordado neste questionário?

Bloco 5 — Percepção e organização do tempo

Como você organiza seu tempo entre trabalho, estudo e lazer?

Você utiliza ferramentas ou métodos de gestão do tempo (agenda, planner, aplicativos, listas etc.)? Quais?

Com que frequência sente que o tempo é suficiente para cumprir suas obrigações? (Escala Likert: nunca / raramente / às vezes / frequentemente / sempre)

Você costuma se sentir em atraso em relação às suas metas pessoais ou profissionais?

O que considera um dia produtivo?

Como você reage quando não atinge o que planejou?

Você se percebe sob pressão para estar sempre em alta performance?

Você sente que há equilíbrio entre vida pessoal e trabalho/estudo?

Você sente culpa ao descansar ou parar de trabalhar/estudar?

Qual o papel do lazer e do ócio na sua rotina?

APÊNDICE B: EIXOS E CITAÇÕES

EIXO 1

Cod	Citação e Contexto (Transcrição)
P1	“Eu já tive vontade antes. Mas... eu tinha muita dúvida da área... medo de não conseguir dar conta, assim.” (antecipação da sobrecarga)
P1	“Foi aos poucos... você vai se acostumando... Quando eu fui ver, já estava tudo, já.” (expressão de incorporação do ritmo progressivo)
P1	“Hoje é o melhor formato possível pra mim, porque eu consigo conciliar... o pouco de tempo livre que eu tenho...” (usou repetidamente a palavra “conciliar” na entrevista reforçando gestão de tempo.)
P1	“Eu vejo que será um grande desafio... eu sou uma pessoa meio workaholic, assim, sabe?” (o excesso de trabalho visto como identidade)
P10	“Tem que estudar, por preocupação.” (normalização do estudo como imperativo moral)
P11	“preciso ter uma agenda aqui, porque senão não dá tempo de fazer tudo” (o tempo é visto como recurso escasso e a organização, como exigência)
P11	“Como se fosse um robô. (...) A gente começa a viver um pouco nesse automático” (metáfora forte de alienação)
P12	“Eu me sinto mal se eu tiver parado sem fazer nada. (...) Se eu tô jogado no sofá, eu abro o celular e fico fazendo alguma coisa.” (culpa)
P12	“Às vezes você tem um dia produtivo só de você arrumar seu armário.” (expansão de performance para a vida privada)
P13	“Eu não consigo ficar parada. (...) Parece que eu só estou vegetando ali, existindo.” (mal-estar diante do ócio)
P14	“Na minha cabeça eu devia estar fazendo alguma coisa.” (interiorização da cobrança e autovigilância)
P15	“Eu estou em teoria no décimo semestre... Só que eu tive que trancar a disciplina.” (descompasso)
P16	“A grande questão do mestrado é a gestão do tempo.” (o campo acadêmico como ferramenta estruturante)
P17	“Eu tenho um grupo comigo no WhatsApp... Que eu anoto absolutamente tudo.” (vigilância permanente)
P18	“eu fiquei, meu Deus do céu, tipo, eu estou sendo muito inútil, eu não estou trabalhando, eu não estou estudando.” (culpa incorporada)
P19	“verdeando meu tempo, eu pensava dessa maneira” (culpabilização do ócio)
P2	“Foi a pior decisão que eu tomei, porque aí eu fiquei trancada lá, eu falei, meu Deus, eu vou atrasar, e agora?” (urgência e atraso vivido como falha)
P2	“Eu vivia na faculdade, praticamente.” (fusão entre tempo de vida e tempo institucional)
P2	“Você vai perder tempo do seu TCC.” (tempo como recurso escasso e estratégico)
P2	“Hoje em dia é tranquilo (...) agora eu já acostumei, né, então já nem ligo mais.” (submissão do corpo)
P20	“eu já não considerasse o almoço.” (suspensão do tempo biológico)
P21	“Eu estiquei a graduação para manter vínculo com o estágio.” (ajuste da trajetória às exigências do campo)
P22	“Eu iria mais pelo currículo, talvez... ter o mestrado é um grande diferencial.” (instrumentalização da formação)
P22	“Eu desenvolvi esse uso do Google Agenda.” (tecnologia como ferramenta de gestão temporal)

P26	“Nessa férias eu fiquei correndo atrás de emprego, não consegui descansar nada.” (supressão do descanso)
P27	“Eu sonho quase todo dia com trabalho. (...) parece que você não descansou.” (trabalho no inconsciente)
P29	“Anotar as coisas que eu tenho que fazer no dia e ir dando checkzinho.” (satisfação simbólica do desempenho)
P3	“Eu quis focar mais na faculdade para conseguir terminar no tempo.” (tempo como métrica central de sucesso)
P30	“Pressionado por mim mesmo a atingir ambições que fui eu que criei.” (interiorização da exigência)
P30	“Hoje eu acordei cinco horas, trabalhei até às oito e meia... o meu dia se torna mais leve.” (antecipação do tempo produtivo)
P4	“eu acordava às cinco horas da manhã e chegava em casa às onze e meia da noite. Essa era a minha rotina todo dia.” (naturalização da exaustão)
P5	“Eu divido meu dia em blocos, geralmente.” (disciplina incorporada)
P5	“E nos intervalos, encaixo outras coisas” (tempo vazio como desperdício)
P6	“Vou trabalhar nisso... deixa eu me organizar e ter essa responsabilidade.” (desempenho e identidade)
P7	“Desde o primeiro ano do ensino médio... era tudo pensado a longo prazo.” (contexto escolar e prescrição antecipada)
P8	“Bate até o lado pessoal, assim, de manter as coisas no controle.” (incorporação do controle)
P9	“Eu nunca fui a pessoa que estudava puramente por estudar. Eu estudava pensando no próximo passo.” (estudo subordinado ao futuro)

EIXO 2

Cod	Citação e Contexto (Transcrição)
P1	“Eu resolvi topar o desafio mesmo sendo custos que eu não conhecia muito... (...) eu tinha muita vontade de aprender e aí eu topei.” (fala associada à aceitação da intensificação)
P1	“É uma rotina bem... deve ser bem puxada... Poucas pessoas topam, assim, a rotina tão puxada.” (legitima a sobrecarga como traço de distinção)
P1	“Eu acho que a pressão... iam me prejudicar... (...) me deixou em burnout, sabe?” (projeção futura; associação entre desempenho e desgaste)
P2	“Eu sempre quis algo mais assim, não, quero mais a... paz, tranquilo, que não me dê tanta dor de cabeça.” (ruptura com a doxa do alto desempenho)
P2	“A carreira vai ser só para eu ter o dinheiro para poder viver a minha vida.” (deslocamento do sentido do trabalho)
P3	“Que sobreviverão até agora.” (uso do verbo “sobreviver”; trajetória acadêmica como processo seletivo)
P3	“Tanto é que me esforcei tanto e ainda fui recompensado com um e-mail dele falando que foi um dos melhores alunos da sala.” (relação direta entre esforço e reconhecimento)
P4	“você precisam passar numa federal” (fala reportada demonstrando a imposição do desempenho já campo educacional prévio à universidade)
P6	“Mas agora se eu precisar responder uma da manhã, beleza.” (assimetria temporal; tolerância à invasão do trabalho)
P8	“Não vai vir nada... é na base do esforço mesmo.” (naturalização do esforço; legitimação do desempenho)

P9	“A gente bateu uma meta, subi num palco. (...) É algo que me transforma muito mais.” (ritual de consagração acadêmico)
P10	“Eu tinha essa preocupação de não querer ganhar menos do que meus colegas iriam ganhar.” (competição incorporada; comparação como medida de valor)
P11	“vão ser uns cinco aninhos meio disponíveis, 100% disponíveis.” (projeção temporal naturalizada e sacrifício como rito)
P12	“Se eu tivesse me organizado certinho daria tempo... Acredito que o que mais complicava... é procrastinação mesmo.” (autoculpabilização; lógica meritocrática)
P13	“Estagiário ou pessoa iniciante precisa se mostrar mais.” (prescrição simbólica do desempenho; hierarquia internalizada)
P14	“É quase como se fosse um grande investimento para que no futuro você... tenha tempo que você não está tendo agora.” (metáfora temporal)
P15	“Meu ponto que eu gostaria de melhorar é conseguir fazer essa conciliação de horários.” (internalização do problema como falha individual)
P16	“Eu sei que o meu corpo, ele tem um limite, eu não posso transgredir o limite do meu corpo.” (choque entre desempenho e limite)
P18	“eu ia dormir, tipo, três, quatro horas da manhã para dar conta de tudo, sabe?” (sacrifício corporal)
P20	“se eu ficar ansiosa, eu vou perder tempo e não vou conseguir fazer aquilo.” (ansiedade vista como desperdício)
P21	“Não importa você como pessoa. Importa se você conseguiu entregar ou não.” (redução do sujeito ao resultado)
P22	“Foi um período bem castrativo.” (violência simbólica do tempo escolar)
P23	“Apesar de eu estar trabalhando bem mais, eu sinto que eu tenho mais flexibilidade.” (redefinição do valor do tempo)
P28	“Se for para se "ferrar", vamos se "ferrar" ganhando bem.” (aceitação explícita da exploração)
P28	“Eu não pretendo também constituir família e ter filho já agora... de início focar trabalho.” (adiamento biográfico)
P30	“Eu acho que a hora de ter essa vida corrida é agora.” (naturalização da sobrecarga)

EIXO 3

Cod	Citação e Contexto (Transcrição)
P1	“Estou fazendo estágio. (...) IC, estágio e faculdade.” (enumeração seca... naturalização do acúmulo)
P1	“Eles te colocam numa pressão absurda. Que eu não acho que seja necessário.” (juízo crítico; tensão entre vivência e justificativa institucional da universidade)
P2	“Quando eu comecei a estagiar eu senti que começou a dar um sentido na minha vida.” (marco temporal e passagem do abstrato ao prático)
P3	“Ele chegava a tomar quase um litro de energético pra aguentar a pressão do trabalho.” (corpo como marcador do excesso; denúncia de violência simbólica)
P4	“Posso não estar gostando? Posso. Mas se precisar sair às 7h, 8h, 9h da noite, eu fico.” (submissão ao tempo do trabalho)
P5	“tentei parar por quase um ano e quase enloueci.” (incorporação do ritmo produtivo; vazio sem trabalho)

P6	“É cansativo, às vezes durmo às duas da manhã, mas é prazeroso e evolutivo.” (naturalização do cansaço)
P7	“Então, tipo, onde me quisessem eu ia.” (disponibilidade total no momento de escolha de estágio)
P9	“Então é como se essa fosse uma espécie de estágio pro mercado de trabalho.” (antecipação do campo profissional via experiência de estágio)
P10	“É super comum você ver alunos na aula fazendo estágio o dia inteiro.” (normalização da sobreposição de tempos)
P11	“grade (...) continua muito densa (...) tira muita possibilidade de estágio, que é onde eu acredito realmente que o aluno tem para descobrir” (tom de denúncia; oposição teoria/prática)
P13	“Eu sou muito acostumada a ir dormir às duas e poucas da manhã. Por conta da rotina.” (habituação à exaustão)
P14	“Sei que eu vou ter que sacrificar meu tempo. E, assim, às vezes até minha paz... Só que o mercado de trabalho é isso.” (naturalização total da doxa (pressuposto incondicional e senso comum do campo de estudo))
P17	“Tomo, tomo muito café. (...) No fim eu acabei tendo uma rotina bem extensa também.” (suporte químico; paradoxo do campo)
P19	“eu vou dar a primeira prova pra vocês e vocês vão ver, todos vocês vão tirar zero.” (vivência de violência simbólica pedagógica)
P21	“Como já aconteceu algumas vezes até meia-noite... eu acho que isso faz parte da jornada.” (exceção como norma)
P23	“Eu senti uma cobrança maior da escola do que dos meus pais.” (instituição como agente disciplinador)
P23	“Se tiver que entrar madrugada dentro, eu vou ter que entrar.” (disposição à entrega total)
P24	“Quando eu trabalhei no banco tinha um momento que eu estava coringando.” (colapso subjetivo)
P25	“Eu já sabia que minha vida seria corrida, sabe?” (internalização antecipada da norma)
P27	“E ainda eu tomo energético pós-almoço no trabalho, duas vezes por semana.” (gestão artificial do desempenho)
P30	“Eu tomo muito café.” (corpo a serviço do ritmo)

EIXO 4

Cod	Citação e Contexto (Transcrição)
P1	“Até meus familiares às vezes comentam... ‘como é que você vai ter um filho se você quer trabalhar tanto?’” (relato de interdição simbólica externa)
P1	“Desde que ela foi escolher a carreira dela, ela já escolheu pensando que ela poderia trabalhar meio período e cuidar dos filhos.” (evidencia um modelo de carreira feminina)
P2	“Eu tentei, mas o mundo não colaborou comigo.” (externalização da responsabilidade; leitura estrutural do fracasso)
P3	“Trabalhar 8, 12 horas por dia agora pra ter conforto lá na frente.” (sacrifício presente; tempo como investimento)
P4	“Você tem que trabalhar. Você tem que vai trabalhar.” (fala reportada do pai; imposição objetiva)
P5	“Academia no Brasil é muito difícil financeiramente.” (condições objetivas limitando o desejo)

P7	“A partir do momento que o trabalho está me atrapalhando, eu vou mudar de trabalho, não de filhos.” (hierarquização de valores)
P8	“Eu acordo cinco da manhã, eu gasto uma hora e meia pra chegar no trabalho.” (tempo imposto por posição social e comparação social camuflada)
P12	“Vendo as pessoas ao meu redor, talvez eu me sinta um pouco atrasado.” (comparação social; tempo como capital)
P15	“Depois que eu entendi que a gente não está numa corrida.” (negação da metáfora dominante; ruptura com a narrativa do atraso)
P16	“Eu olho pros meus amigos... que saíram, já ganhando muito mais... e você fala assim, *****, mas o que eu tô fazendo, né?” (comparação social)
P18	“meu pai (...) foi pro Japão, trabalhar em fábrica.” (herança de disciplina temporal)
P19	“eu acho que eu sempre vou me considerar atrasada” (desalinhamento crônico)
P24	“Vou encarar isso por 3, 4 anos (...) exclusivamente pelo dinheiro.” (sacrifício planejado)
P25	“Eu segurei o TCC pelo estágio. (...) por contexto familiar, isso era possível.” (capital familiar viabilizando o tempo)
P26	“Algumas matérias (...) eu não tive, porque eu vim de escola pública. (...) Dá aquela vergonha.” (desigualdade estrutural)
P27	“No Japão a escola era extremamente rígida... Lá você tem que mostrar que você tá fazendo.” (incorporação de desempenho escolar transnacional)
P30	“Se você for olhar o tempo da vida padrão... eu acho que eu estou adiantado.” (comparação social)

APÊNDICE C: PROSOPOGRAFIA

DADOS BIOGRÁFICOS

P1 - P2 BIOGRAFIA

	P1	P2
Gênero	F	F
Idade	22	21
Semestre	9	9
Profissão Pai	Funcionário Público	Engenheiro
Profissão Mãe	Professora	Atua na área de Propaganda
Escolaridade Pai	Ensino Superior (concursado)	Ensino Superior Completo
Escolaridade Mãe	Ensino Superior (Licenciatura)	Ensino Superior Completo
Profissão Avós	Desconhece essa informação	Avó materna: Professora de Matemática
1ª Geração Superior?	NÃO	NÃO
Condições Socioeconômicas	Classe Média. Possui carro próprio e suporte familiar integral	Classe Média. Possui carro próprio e rede de apoio familiar forte
Escola Pública ou Privada?	Pública (cursou o Ensino Médio na ETEC)	Privada
Por que Eng. Produção?	Afinidade com exatas e a versatilidade (caráter generalista) do curso	Afinidade com matemática e exatas; busca por um curso generalista e menos "sufocante" que engenharias técnicas
Programas Universitários	IC (Finanças), Estágio (Projetos), Centro Acadêmico (Financeiro), Engenheiros Sem Fronteiras (Diretoria Financeira)	Liga de Mercado Financeiro por 1,5 ano (atuou no RH); Iniciação Científica (convertida em TCC devido à greve)
Mercado de Trabalho	Expectativa: Crescimento na Indústria. Frustração/Rejeição: Hierarquia e "status" tóxico do Mercado Financeiro (Liga)	Atualmente estagia em Vendas. Prefere áreas como Supply Chain, Análise de Dados ou Projetos. Rejeita 100% o modelo presencial e a gerência sobrecarregada
Hobbies	Esportes (Yoga, Luta, Musculação) e Leitura (Psicologia e Psicanálise)	Musculação em casa, leitura de Psicologia/Psicanálise e séries
Perspectivas Futuras	Carreira na Indústria, Pós-graduação após 2 anos de formada e maternidade	Casar com o namorado atual, ser mãe até os 30 anos (1 ou 2 filhos) e ter um trabalho 100% Home Office que garanta sua "paz"

P3 - P4 BIOGRAFIA

	P3	P4
Gênero	M	F
Idade	23	24
Semestre	8	Egresso
Profissão Pai	Líder/Gerente	Gerente Geral
Profissão Mãe	Administração escolar	Dona de Casa
Escolaridade Pai	Ensino Médio Completo	Ensino Superior Incompleto
Escolaridade Mãe	Ensino Médio Completo	Ensino Médio completo (Não cursou superior por limitações financeiras e familiares da época)
Profissão Avós	Desconhece essa informação	Desconhece essa informação
1ª Geração Superior?	SIM	SIM
Condições Socioeconômicas	Classe média ascendente (suporte familiar para morar fora e estudar)	Classe média (Pai financiou PUC; hoje possui estabilidade e foco em retorno financeiro)
Escola Pública ou Privada?	Pública (ETEC - Ensino Médio e Técnico em Logística)	Privada (Cursou com bolsa de estudos em escola particular de Jundiaí)
Por que Eng. Produção?	Afinidade com exatas e tecnologia (montava PCs na infância); influência de professores da ETEC e visão da Logística como pilar econômico	Aptidão por matemática e química, mas desejo por gestão e interação humana, fugindo do isolamento técnico da Engenharia Química
Programas Universitários	Centro Acadêmico (2 gestões); Processo Seletivo Liga Financeira (Hub); Projetos Práticos (PEP)	Empresa Júnior (Marketing/Projetos), Centro Acadêmico (RH), Monitorias de Cálculo e Iniciação Científica (Tecnologia Assistiva e ESG)
Mercado de Trabalho	Foco em Indústria Multinacional (Supply Chain/Logística). Rejeita bancos pela falta de qualidade de vida. Perfil híbrido (3x2)	Chão de fábrica ou Gestão de TI. Realidade: Analista de Vendas/Logística (Customer Service). Sente-se frustrada pela monotonia e falta de desafio técnico
Hobbies	Academia, esportes (futebol/basquete), música (eletrônica/sertanejo) e terapia	Games (Valorant, computador gamer), YouTube/OBS e gastronomia (conhecer restaurantes em SP)
Perspectivas Futuras	Tornar-se Gerente de Projetos; casar e ter 2 filhos aos 30 anos; abrir a própria transportadora	Cargo gerencial, Mestrado (na Aeronáutica), carreira internacional e transição definitiva para a área de TI

P5 - P6 BIOGRAFIA

	P5	P6
Gênero	F	F
Idade	24	19
Semestre	10	3
Profissão Pai	Advogado	Empresário
Profissão Mãe	Advogada	Médica
Escolaridade Pai	Ensino Superior Completo	Ensino Superior (concluído tardiamente)
Escolaridade Mãe	Ensino Superior Completo	Ensino Superior (Medicina)
Profissão Avós	Avó materna: Professora de Sociologia	Desconhece essa informação
1ª Geração Superior?	NÃO	NÃO
Condições Socioeconômicas	Classe média (Acesso a escola privada, viagens internacionais e plano de saúde)	Classe Média/Alta. Relata um período de "caos familiar" em 2017, mas mantém estabilidade financeira provida pelos pais.
Escola Pública ou Privada?	Privada (Mencionado que o pai garantiu a escola mesmo na crise)	Privada
Por que Eng. Produção?	Afinidade com padrões, logística e visão de processos (vê o padrão entre áreas distintas)	Afinidade com exatas e desejo de otimizar processos com contato humano.
Programas Universitários	Liga de Mercado Financeiro, Intercâmbio/Pesquisa na França, TCC com viés social/tecnológico	Empresa Júnior (Marketing/Projetos) e Atlética.
Mercado de Trabalho	Vê padrões de ineficiência na indústria e startups; sente que o mercado é instável	Foco em resultados práticos; desinteresse por matérias teóricas/reflexivas (filosofia).
Hobbies	Lutas (esporte), tricotar, assistir séries/TikTok, ouvir podcasts e viajar	Futebol, Igreja (foco principal), Videogame e Programação.
Perspectivas Futuras	Mestrado/Doutorado (possivelmente no exterior); carreira acadêmica ou indústria de alto nível	Primária: Carreira missionária. Secundária: Engenheira na indústria. Prioriza a vontade religiosa sobre a carreira (disposta a abandonar a faculdade se sentir um chamado).

P7 - P8 BIOGRAFIA

	P7	P8
Gênero	F	F
Idade	21	21
Semestre	10	10
Profissão Pai	Pequeno Empresário	Policia Civil
Profissão Mãe	Jornalista / Comunicação	Oficial Administrativa na penitenciária / Ex-professora
Escolaridade Pai	Ensino Médio	Ensino Superior Completo (Matemática e Direito/OAB)
Escolaridade Mãe	Ensino Superior (Jornalismo)	Ensino Superior Completo (Psicopedagogia)
Profissão Avós	Desconhece essa informação	Agricultura
1ª Geração Superior?	NÃO	NÃO
Condições Socioeconômicas	Elite consolidada. Histórico de viagens, escola de alto padrão e rede de apoio familiar robusta.	Classe média (confortável, mas "apertado" para manter 3 filhos estudando fora)
Escola Pública ou Privada?	Privada (Escola elitizada)	Mista (Fundamental I em pública; Fundamental II e Médio em particular com bolsa)
Por que Eng. Produção?	Afinidade com exatas e desejo de conectar pessoas/números. Forte influência da visão crítica e humanista de professor da escola.	Afinidade com exatas e humanas; influência do irmão; busca por área com rotina e abrangência.
Programas Universitários	Foco em Projetos Disciplinares; interesse latente em pesquisa acadêmica na área de "Pessoas e Organizações".	Programa de Educação Tutorial (PEN); Olimpíadas de Matemática e Astronomia.
Mercado de Trabalho	Busca uma carreira sólida que agregue valor, mas sem abrir mão da felicidade e da presença familiar.	Estagiária em PCP (Multinacional francesa); valoriza o modelo híbrido e cultura colaborativa.
Hobbies	Leitura (2ª Guerra), Hipismo, Beach Tênis e viagens.	Leitura reflexiva, séries de época (Bridgerton), cozinhar e Pilates.
Perspectivas Futuras	Carreira em PCP/Logística; ser mãe de 4 filhos (presente, mas trabalhando); deseja um parceiro que seja pai ativo.	Pós-graduação; conciliar carreira em engenharia com a maternidade e vida familiar.

P9 - P10 BIOGRAFIA

	P9	P10
Gênero	M	M
Idade	19	25
Semestre	5	11
Profissão Pai	Administrador e empresário	Técnico em Prótese Dentária
Profissão Mãe	Psicóloga	Proprietária de Creche/Escola Infantil (Ex-dançarina)
Escolaridade Pai	Ensino Superior completo (Graduado pela FEI).	Ensino Médio
Escolaridade Mãe	Ensino Superior completo (Graduada pela USP).	Ensino Médio
Profissão Avós	Desconhece essa informação	Desconhece essa informação
1ª Geração Superior?	NÃO	SIM
Condições Socioeconômicas	Alta / Privilegiada. Possui apartamento próprio em Sorocaba, carro e suporte financeiro total da família.	Classe média alta / Perfil de alto privilégio econômico
Escola Pública ou Privada?	Escola Privada (Colégio Porto Seguro, em São Paulo).	Privada (Básico) e Pública (Ensino Médio Técnico - ETEC)
Por que Eng. Produção?	Afinidade com exatas e por ser um curso "coringa" que permite decidir a carreira depois (visão pragmática).	Inicialmente pela mobilidade entre áreas e busca por estabilidade; apaixonou-se pela interseção entre exatas e o olhar humano/social (ergonomia e sociologia do trabalho).
Programas Universitários	Empresa Júnior (Líder Júnior), FEJESP, passagem curta pelo Centro Acadêmico (CA).	Iniciação Científica (parceria com Univ. de Coimbra), Centro Acadêmico (Diretor Acadêmico Social), Engenheiros Sem Fronteiras (ESF) e Projetos de Extensão (coleta de lixo eletrônico).
Mercado de Trabalho	Interesse em Consultoria ou Indústria (áreas de Estratégia ou PO). Rejeita Mercado Financeiro por ser "fechado" demais.	Expectativa: Atuar no chão de fábrica com foco em pessoas. Frustração: Dificuldade de conciliar grade horária puxada com estágio presencial; descrença na "filantropia" corporativa.
Hobbies	Tocar violão, vôlei, academia e leitura de ficção (praticados de forma irregular).	Videogames (em declínio por falta de tempo), Corrida e Esportes ativos.
Perspectivas Futuras	Estágio em 2027; foco no mercado corporativo inicial e desejo de empreender (abrir o próprio negócio) após cerca de 15 anos.	Desejo latente de seguir carreira acadêmica (Mestrado/Doutorado); pretensão de emendar uma Pós-graduação ou MBA em Finanças/Logística logo após a formatura; desejo de constituir família e ser um pai presente.

P11 - P12 BIOGRAFIA

	P11	P12
Gênero	M	M
Idade	22	23
Semestre	8	8
Profissão Pai	Comerciante (setor automotivo)	Profissional de Educação Física
Profissão Mãe	Comerciante (ex-professora)	Secretária / Recepcionista
Escolaridade Pai	Ensino Médio	Ensino Superior Completo (Educação Física)
Escolaridade Mãe	Superior Completo (Pedagogia)	Ensino Médio
Profissão Avós	Agricultura	Agricultura
1ª Geração Superior?	NÃO	NÃO
Condições Socioeconômicas	Classe média (Estudou em escola privada; possui rede de apoio familiar).	Classe média (Estudou em escola particular; família provê suporte)
Escola Pública ou Privada?	Privada	Privada
Por que Eng. Produção?	Perfil generalista; afinidade com estratégia, finanças e resolução de cases (PEP 1).	Curiosidade técnica infantil (desmontar objetos) + interesse em gestão de processos e visão ampla de mercado.
Programas Universitários	Atlética, Empresa Júnior (Líder), Liga e Interact (voluntariado).	Centro Acadêmico, Liga de Mercado Financeiro e República Estudantil.
Mercado de Trabalho	Expectativa: Consultoria pelo dinamismo. Frustração: Trabalho operacional "sem sentido" (robótico) e cultura workaholic do mercado financeiro.	Expectativa: Alta remuneração e crescimento acelerado no mercado financeiro/bancos. Frustração/Pressão: Sensação de estar "atrasado" por não trabalhar formalmente antes do 5º ano, comparado a familiares e colegas.
Hobbies	Academia (pilar de saúde mental), leitura (romances e neurociência) e violão.	Atividades físicas (musculação, corrida, natação), redes sociais (Instagram/TikTok), filmes e convívio na República.
Perspectivas Futuras	Ser consultor; atingir liberdade financeira aos 50 anos; casar e ter até 2 filhos (paternidade vista como "luxo").	Estágio em São Paulo, carreira em mercado financeiro/consultoria, estabilidade financeira aos 30 anos e constituir família (2 a 3 filhos).

P13 - P14 BIOGRAFIA

	P13	P14
Gênero	F	M
Idade	20	19
Semestre	4	2
Profissão Pai	CLT	Representante Comercial
Profissão Mãe	Contadora	Secretária
Escolaridade Pai	Ensino Superior incompleto	Superior incompleto (Contabilidade)
Escolaridade Mãe	Ensino Superior completo (embora infeliz na profissão)	Ensino Médio
Profissão Avós	Desconhece essa informação	Desconhece essa informação
1ª Geração Superior?	NÃO	Sim
Condições Socioeconômicas	Classe média (padrão de consumo inclui intercâmbio, escola privada e lazer)	Classe média baixa (histórico de restrição financeira)
Escola Pública ou Privada?	Privada	Privada
Por que Eng. Produção?	Afinidade com lógica/exatas e desejo de trabalhar com gestão de pessoas	Inclinação natural para otimização, processos e finanças; acredita que o curso é o "fit" perfeito para sua personalidade proativa.
Programas Universitários	Atlética e Empresa Júnior (Líder de RH/Financeiro - Golden Leader de Organização)	Liga de Mercado Financeiro (Setor de Negócios) e República Estudantil.
Mercado de Trabalho	Busca ser vista como referência no mercado; teme sentir-se "atrasada" caso mude de curso	Expectativa: Networking e preparo para alta pressão. Frustração: Vê o mercado financeiro tradicional como plano B por possuir "teto"; prefere a liberdade do empreendedorismo.
Hobbies	Academia, Dança (Balé, Jazz) e Viagens (já viajou sozinha para os EUA aos 16/17 anos)	Academia (fisculturismo), carros, dormir (nos fins de semana) e acompanhar notícias financeiras.
Perspectivas Futuras		

P15 - P16 BIOGRAFIA

	P15	P16
Gênero	M	M
Idade	24	25
Semestre	10	Egresso
Profissão Pai	Autônomo/Comerciante	Comerciante
Profissão Mãe	Dona de Casa	Comerciante
Escolaridade Pai	Ensino Médio	Ensino Médio completo
Escolaridade Mãe	Ensino Médio	Ensino Médio completo
Profissão Avós	Desconhece essa informação	Avó: Dona de casa; Avô: Comerciante (dono de bar). Ambos com origem rural (sítio)
1ª Geração Superior?	NÃO	SIM
Condições Socioeconômicas	Classe média emergente (Escola pública e bolsista; possui carro; foca em estabilidade)	Origem humilde (família rural/comerciante), com ascensão através do estudo
Escola Pública ou Privada?	Pública (Fundamental) e Particular com bolsa integral (Médio)	Híbrida: Pública até a 4ª série; Privada (com bolsa parcial) no restante do ciclo
Por que Eng. Produção?	Facilidade com matemática; busca por gestão e visão prática que não encontrou na Mecânica pura.	Flexibilidade e possibilidade de atuar com sustentabilidade e meio ambiente
Programas Universitários	Equipe de Baja (Marketing e oficina), Estágio na Rumo (PCM) e Analista em Startup.	IC, Mestrado, Doutorado, Centro Acadêmico (CAEPs) e Semana da Eng. (SEPS)
Mercado de Trabalho	Frustração com o ensino tradicional e teórico; valorização da autonomia, flexibilidade e proximidade com CEOs.	Valoriza o "trabalho com sentido" e pesquisa acima o lucro imediato da indústria
Hobbies	Estética automotiva, Academia, Música e acompanhar conteúdos de vida rural.	Cozinhar (gastronomia), academia, jogar com amigos e assistir vídeos de comida
Perspectivas Futuras	Empreender em estética automotiva; fazer cursos técnicos no SENAI; viver em um sítio com a família.	Ser pesquisador/professor, fazer Doutorado Sanduíche e constituir família

P17 - P18 BIOGRAFIA

	P17	P18
Gênero	M	F
Idade	25	25
Semestre	Egresso	10
Profissão Pai	Pastor	Comerciante
Profissão Mãe	Assistente Social	Comerciante
Escolaridade Pai	Pós-graduado (Mestrado em Ciências da Religião; Cursando Doutorado em Comunicação)	Ensino Superior Incompleto
Escolaridade Mãe	Ensino Superior Completo (Teologia e Serviço Social)	Ensino Médio completo
Profissão Avós	Paternos: Pedreiro e Empregada Doméstica. Maternos: Caseiros de fazenda.	Maternos: Avô metalúrgico e avó do lar. Paternos: Avô fotógrafo/comerciante e avó operária de fábrica.
1ª Geração Superior?	NÃO	SIM
Condições Socioeconômicas	Classe média (Apoio familiar para cursinho e estudo em escolas privadas)	Classe média (pais empreendedores; mobilidade social via trabalho no Japão).
Escola Pública ou Privada?	Majoritariamente privada (90% do tempo em particular)	Privada (Todo o ciclo; escola de elite em Maringá focada em vestibular).
Por que Eng. Produção?	Afinidade com Exatas/Números sem abrir mão de temas de Humanidades/Diálogo.	Amplitude do curso; influência de familiares/veteranos; alternativa à Medicina.
Programas Universitários	IC (Matemática Aplicada), Liga de Mercado Financeiro e Líder (Consultoria Jr.)	Estágio na Cielo; Participação na Inactus, CAEPS e Liga de Mercado Financeiro.
Mercado de Trabalho	Evitou o mercado financeiro pela pressão e carga horária.	Decepção com a ética corporativa ("falsidade") e quebra de promessas de efetivação.
Hobbies	Videogames, leitura (quadrinhos), academia, séries e acompanhar futebol (Canal do Barolo/SPFC).	Leitura (Kafka, Brené Brown), séries, trabalhos manuais e cuidar de gatos.
Perspectivas Futuras	Ser professor/pesquisador; constituir família; realizar doutorado sanduíche no Canadá.	Busca estabilidade financeira; interesse em programas de Trainee; receio quanto à maternidade.

P19 - P20 BIOGRAFIA

	P19	P20
Gênero	F	F
Idade	21	22
Semestre	6	6
Profissão Pai	Autônomo	Designer de carros
Profissão Mãe	Autônoma / Ex-proprietária de restaurante	Ex-policia civil e artesã.
Escolaridade Pai	Ensino Superior completo	Ensino Superior incompleto (Design Industrial).
Escolaridade Mãe	Ensino Médio incompleto	Ensino Superior incompleto (Administração).
Profissão Avós	Desconhece essa informação	Paternos: Avô médico cirurgião e avô com três graduações (Matemática, Pedagogia e Filosofia). Maternos: Avô caminhoneiro e avô trabalhadora rural (café).
1ª Geração Superior?	NÃO	NÃO
Condições Socioeconômicas	Bolsista. Atualmente depende da bolsa universitária para moradia e custos básicos e trabalha como garçom (freelancer) aos fins de semana para custear gastos pessoais. Os pais auxiliam apenas com a alimentação.	Classe média (Pai trabalhou no exterior; estudou em escola privada com bolsa).
Escola Pública ou Privada?	Privada (Ensino Médio)	Privada (com bolsa de estudos).
Por que Eng. Produção?	Afinidade com exatas e a possibilidade de unir a engenharia ao interesse pela indústria da moda e sustentabilidade.	Interesse em Gestão de Projetos descoberto em cursos online durante o ano sabático; busca por uma visão sistêmica ("background em todas as áreas").
Programas Universitários	Presidência do CAHEP (Centro Acadêmico), Projeto Social Pontinha, Bateria, Bolsista de auxílio permanência.	Engenheiros Sem Fronteiras (ESF), Liga de Mercado Financeiro, Tutoria (GA), Iniciação Científica (IC), Projeto de Extensão e Enactus.
Mercado de Trabalho	Frustração: Sentimento de estar "atrasada" em relação aos pares. Expectativa: Sucesso para ela é estabilidade financeira e autonomia (não depender financeiramente de parceiro ou pais).	Expectativa: Atuar em multinacionais, consultoria estratégica e gestão de processos. Frustração: Desorganização em entidades (Líder) e superficialidade em algumas matérias teóricas.
Hobbies	Academia, artesanato, séries (sitcoms) e uso moderado de redes sociais.	Estudar idiomas (Inglês, Coreano, Italiano, Alemão), cozinhar, basquete, academia, yoga, pilates e ir a festas para socializar.
Perspectivas Futuras	Mestrado ou especialização logo após a graduação; cogita carreira de pesquisadora em empresas (P&D); pretende casar e ter filhos em cerca de 10 anos, priorizando a estabilidade financeira.	Trabalhar 5 anos em multinacionais, fazer mestrado/doutorado no exterior e, a longo prazo, abrir o próprio negócio (café/indústria alimentícia) para conciliar flexibilidade e maternidade.

P21 - P22 BIOGRAFIA

	P21	P22
Gênero	M	M
Idade	23	21
Semestre	12	8
Profissão Pai	Empresário	Vendedor
Profissão Mãe	Advogada	Contadora
Escolaridade Pai	Ensino Superior Completo (Administração)	Ensino Médio
Escolaridade Mãe	Ensino Superior (Direito)	Ensino Superior (Contabilidade)
Profissão Avós	Avô materno advogado (formado na UNIFEOD); demais com ensino médio	Desconhece essa informação
1ª Geração Superior?	NÃO	NÃO
Condições Socioeconômicas	Classe média/alta; background cristão evangélico com foco em valores e linearidade	Classe média (Acesso a intercâmbio para irmãos, escola particular de elite)
Escola Pública ou Privada?	Privada (foi bolsista por toda a vida escolar)	Privada (Sistema Poliedro voltado ao ITA)
Por que Eng. Produção?	Aptidão com exatas; visão "holística" do curso; foco em gestão/negócios (administração da engenharia)	Indicação do irmão e afinidade com organização e processos industriais.
Programas Universitários	Centro Acadêmico (Marketing) e Empresa Júnior - Líder Júnior (Comercial)	Líder Júnior (Consultoria), K-Apps (Centro Acadêmico/Atlética - Esportes)
Mercado de Trabalho	Expectativas: Crescimento rápido, visão de negócio. Realidade: Já efetivado como Analista Júnior; lida com rotina "resultadista" e fria dos líderes atuais; conciliava estágio em SP com faculdade.	Foco exclusivo no Mercado Financeiro. Prefere modelo híbrido.
Hobbies	Academia, esportes (4x por semana) e tempo de descanso/ócio com a família no final de semana	Academia, corrida, games, cinema, podcasts de história/filosofia e geopolítica.
Perspectivas Futuras	Ser gerente em até 5 anos; pretende fazer um MBA; cogita empreender no futuro (seguindo o exemplo do pai), mas prioriza carreira corporativa agora	Casar-se (sem filhos), estabilidade financeira, mestrado (foco currículo).

P23 - P24 BIOGRAFIA

	P23	P24
Gênero	M	M
Idade	23	27
Semestre	12	16
Profissão Pai	Comerciante	Policia Militar
Profissão Mãe	Comerciante	Técnica de Enfermagem.
Escolaridade Pai	Ensino Superior Completo	Superior Completo (Direito)
Escolaridade Mãe	Ensino Superior Completo	Ensino Técnico
Profissão Avós	Desconhece essa informação	Maternos: Avó cabeleireira; Avô funcionário público (Correios). Paternos: Trabalhadores rurais.
1ª Geração Superior?	NÃO	NÃO
Condições Socioeconômicas	Classe média (suporte familiar, acesso a viagens internacionais e escola privada)	Classe média/baixa. Relata períodos de restrição financeira para viagens/carro e dificuldades para manter moradia em duas cidades simultaneamente.
Escola Pública ou Privada?	Privada	Pública (a vida inteira, incluindo ETEC no Ensino Médio).
Por que Eng. Produção?	Transição de interesse (ADM/Economia) após teste vocacional; foco em resolver problemas e visão analítica.	Gosto pela área gerencial, controle e visão sistêmica; mercado de trabalho amplo e melhores perspectivas financeiras.
Programas Universitários	Centro Acadêmico, Liga de Mercado Financeiro e Iniciação Científica.	Centro Acadêmico (2 anos); Liga de Mercado Financeiro (2 anos); Conselhos de Curso, Departamento e Graduação (CoG).
Mercado de Trabalho	Frustração: Rigidez hierárquica e baixa remuneração no setor bancário (Santander). Expectativa: Crescimento acelerado e flexibilidade em Consultoria Estratégica.	Expectativa: Cargos de gestão/estratégia e estabilidade. Frustração: Dificuldade com matérias teóricas/químicas (Op. Unitárias) e falta de feedback/comunicação em certas empresas (BTG).
Hobbies	Motocross (prática competitiva), futebol (Palmeirense), gastronomia caseira e viagens com a família/namorada.	Videogame, churrasco com amigos, barzinho, futebol, vôlei e acompanhar séries (reserva 1h semanal fixa para isso). Gosta de aviação.
Perspectivas Futuras	Alcançar cargo de gerência em consultoria (~30 anos), fazer um MBA e, eventualmente, transicionar para uma rotina que privilegie o tempo com a família.	Ser aprovado em concurso na área fiscal (Receita Federal), cursar Licenciatura R2 em Matemática para lecionar, casar e ter 4 filhos.

P25 - P26 BIOGRAFIA

	P25	P26
Gênero	M	F
Idade	23	26
Semestre	12	Egresso
Profissão Pai	Comerciante / Empresário	Funcionário do Banco
Profissão Mãe	Comerciante / Empresária	Costureira, faxineira, auxiliar de cozinha e feirante
Escolaridade Pai	Ensino Superior Completo (Contabilidade)	Ensino Superior (Administração).
Escolaridade Mãe	Ensino Superior Completo (Contabilidade)	Ensino Fundamental incompleto.
Profissão Avós	Desconhece essa informação	Avó materna: dona de casa; Avô paterno: escritório de contabilidade.
1ª Geração Superior?	NÃO	NÃO
Condições Socioeconômicas	Classe média/média-alta (Suporte familiar para morar fora, viagens internacionais e acesso a lazer)	Baixa renda; dependia de auxílio permanência (R\$ 1.000) e pensão.
Escola Pública ou Privada?	Privada	Pública (privada apenas até a 3ª série como bolsista).
Por que Eng. Produção?	Combinação de raciocínio lógico/exatas com visão administrativa e foco em "resolver problemas".	Teste vocacional; equilíbrio entre exatas e gestão de pessoas.
Programas Universitários	Centro Acadêmico, Liga de Mercado Financeiro (3 anos) e Iniciação Científica (IC).	Pesquisa USP/EMBRAPII (Gestão de Projetos) e AIESEC.
Mercado de Trabalho	Expectativa: Mercado Financeiro. Frustração: Rigidez hierárquica e cultura bancária (Santander). Sucesso: Consultoria Estratégica (ser efetivado).	Frustração com falta de base escolar e desorganização de líderes; decepção com promessa de efetivação não cumprida (vaga de Gov. TI).
Hobbies	Motocross, Futebol (Palmeirense), Cozinhar (atividades manuais), Restaurantes e Viagens.	Assistir séries, sair com amigos e "desbravar" São Paulo.
Perspectivas Futuras	Carreira em Consultoria até os 30 anos (Gerência), MBA em 2 anos e constituição de família.	Estabilidade financeira para a mãe; cargo de Coordenação; sair de SP; não ter filhos; ser Analista Sênior em 5 anos.

P27 - P28 BIOGRAFIA

	P27	P28
Gênero	F	M
Idade	22	21
Semestre	10	6
Profissão Pai	Operário	Engenheiro Mecânico (Executivo)
Profissão Mãe	Autônoma/Multitarefas	Corretora de Imóveis
Escolaridade Pai	Ensino Médio Incompleto	Ensino Superior Completo (Engenharia Mecânica - USP/Poli)
Escolaridade Mãe	Ensino Médio Incompleto	Ensino Superior Completo (Relações Públicas)
Profissão Avós	Avô Paterno: Engenheiro Civil (formado); demais avós sem fundamental completo	Desconhece essa informação
1ª Geração Superior?	NÃO	NÃO
Condições Socioeconômicas	Classe média baixa / Humilde (família morou no Japão para "construir a vida")	Classe Alta / Elite. Histórico de moradia no exterior e alta mobilidade nacional.
Escola Pública ou Privada?	Escola Pública (no Japão e no Brasil)	Privada de Elite. Colégio Leonardo da Vinci (Jundiaí) e Bom Jesus (Joinville).
Por que Eng. Produção?	Versatilidade, curiosidade e visão de "custo-benefício" (comparado à Veterinária)	Amplitude do curso; equilíbrio entre exatas (cálculo) e humanas (gestão de pessoas).
Programas Universitários	IC (Sustentabilidade), Liga de Marketing, ONG Engenheiros Sem Fronteiras	Monitoria (T.O. e Cálculo), Iniciação Científica (PCP/MTA) e Empresa Júnior (Produção Júnior).
Mercado de Trabalho	Expectativa: Diferenciação técnica. Frustração: Machismo (setor e cultura asiática).	Foco em Consultoria Estratégica; busca alta remuneração e aprendizado acelerado.
Hobbies	Leitura, pintura, cuidado com gatos; uso de redes sociais focado em conteúdo educativo	Futebol (torcedor do Corinthians), Jogar Videogame (FIFA), Viajar e Assistir jogos.
Perspectivas Futuras	Efetivação na ZF, Mestrado na UFSCar, foco em aprendizado contínuo	Trabalhar em Consultoria (SP); MBA pago pela empresa; Morar fora (Alemanha); Ter família/filhos.

P29 - P30 BIOGRAFIA

	P29	P30
Gênero	F	M
Idade	22	21
Semestre	4	10
Profissão Pai	Comerciante (Dono de lanchonete)	Empreendedor e Engenheiro Mecânico
Profissão Mãe	Contadora	Economista e Sommelier
Escolaridade Pai	Ensino Médio completo	Ensino Superior (Engenharia)
Escolaridade Mãe	Ensino Superior completo (Contabilidade)	Ensino Superior (Economia)
Profissão Avós	Materna: Cuidava dos netos (concluiu EJA aos 60 anos). Paterno: Falecido (origem rural).	Avô paterno: Dentista; Avós (materna/paterna): Professoras; Avô materno: Agricultor
1ª Geração Superior?	NÃO	NÃO
Condições Socioeconômicas	Família privilegiada, mas com histórico de trabalho duro desde cedo.	Alta/Privilegiada. Possui ajuda financeira do pai, mora em apartamento próprio/com namorada, possui carro próprio (ganhou este ano) e estudou em colégio de elite
Escola Pública ou Privada?	Escola Pública (Ensino Médio concluído na pandemia)	Privada (Colégio Etapa)
Por que Eng. Produção?	Mudança de rota após tentar Medicina Veterinária. Buscou área administrativa/empresarial próxima à família.	Versatilidade do curso e amplitude de mercado
Programas Universitários	Líder Júnior (Empresa Júnior - Gerente de Projetos) e Enactus.	Centro Acadêmico, Atlética e Empresa Júnior (ex-Diretor de Projetos)
Mercado de Trabalho	Expectativa inicial: Banco/Setor Financeiro. Realidade atual: Consultoria ou Área Industrial (Chão de fábrica).	Sente-se adiantado socialmente (mora junto, estágio em consultoria), mas frustrado/pressionado pelo atraso acadêmico. Prioriza propósito: sairia de um emprego que odeia mesmo que ganhasse bem
Hobbies	Leitura, viajar, estudar idiomas e tempo com família/amigos.	Leitura, cozinhar, videogame e academia
Perspectivas Futuras	Mestrado, experiência de 2 anos morando fora e, a longo prazo, cursar Veterinária por sonho pessoal.	Evolução profissional e empreendedorismo; busca atingir ambições criadas por si mesmo (perfil ambicioso e auto-cobrado)

DADOS LINKEDIN

P1 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P1
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português (Foco no mercado nacional).
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio (Fundo neutro, postura corporativa).
	Headline	Cargo + Formação (3M / UFSCar).
	URL Personalizada	Sim.
2. Performance	Densidade de Certificações	Alta (8+) (Ex: Power BI, Green Belt, Excel).
	Tipologia dos Cursos	Híbrida (Técnico: Python/Dados; Gestão: Lean/Six Sigma).
	Instituições	Elite/Mista (UFSCar, 3M, Voitto).
	Selo Open to Work	Não (Indica segurança/estabilidade na 3M).
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo/Ativo (Interações e posts de conquistas).
	Storytelling	Gratidão e Técnico (Foco em ciclos e competências).
	Engajamento Social	Alto (Forte histórico em Empresa Júnior/Extensão).
	Rede de Reconhecimento	Presente (Recomendações e validações de pares).
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional (3M - Fortune 500).
	Permanência Média	Ciclos completos (1 a 2 anos em cada projeto/cargo).
	Exp. Internacional	Idiomas (Inglês para contexto técnico).

P2 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P2
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Foco prioritário no mercado nacional/local.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Foto com iluminação adequada, fundo neutro e postura corporativa ("estética da competência").
	Headline	Focado no Cargo. Atualmente utiliza "Estagiária de Logística na Arteris S.A."
	URL Personalizada	URL Limpa. Indica alto letramento digital e cuidado com a marca pessoal.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média (4-7). Apresenta certificações estratégicas para a área de engenharia/logística.
	Tipologia dos Cursos	Híbrida. Técnico (Excel, Power BI) e Gestão (Lean Six Sigma - White Belt).
	Instituições	Mista. Instituições de mercado (como a Voitto) e formação acadêmica (UFSCar).
	Selo Open to Work	Não. Indica que está atualmente alocada e segura em sua posição de estágio.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo/Ativo. Interage com publicações da empresa e compartilha conquistas de certificados e novos ciclos.
	Storytelling	Gratidão/Resiliência. Comum em posts de "novo ciclo" e agradecimentos por aprendizados na Arteris e UFSCar.
	Engajamento Social	Sim. Envolvimento com Empresa Júnior (EPRO Consultoria) e atividades acadêmicas.
	Rede de Reconhecimento	Presença de competências validadas e conexões sólidas no ecossistema da UFSCar e Arteris.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Grande Nacional. A Arteris é uma das maiores operadoras de rodovias do Brasil.
	Permanência Média	Consistente. Mantém o ciclo de estágio padrão, demonstrando adaptação ao ambiente corporativo.
	Exp. Internacional	Não listadas explicitamente como intercâmbio, foco maior na sólida formação técnica nacional.

P3 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P3
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Foco primordial no mercado nacional/local.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Foto com fundo neutro, vestimenta formal e iluminação adequada (investimento na estética da competência).
	Headline	Focado no Cargo e Aspiração. "Estagiário de Manutenção Industrial na Pirelli
	URL Personalizada	URL Limpa. Indica alto nível de letramento digital e cuidado com a marca pessoal.
2. Performance	Densidade de Certificações	Alta (8+). O perfil exhibe uma vasta gama de certificados (mais de 15 listados), indicando alta busca por qualificação.
	Tipologia dos Cursos	Técnicos e Gestão. Predomínio de Lean Six Sigma (Yellow/Green Belt), SolidWorks, Excel Avançado e ferramentas de gestão industrial.
	Instituições	Mista. Instituições de elite (USP/Unicamp), plataformas reconhecidas (Escola EDTI, Voitto) e cursos da própria Pirelli.
	Selo Open to Work	Não. Indica que está atualmente inserido no mercado (vínculo com a Pirelli).
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Ativo/Reativo. Compartilha conquistas de certificações e marcos de carreira (ex: 1 ano de estágio).
	Storytelling	Gratidão/Resiliência e Técnico. Postagens focadas em "agradecimento pelo ciclo" e celebração de novas competências adquiridas.
	Engajamento Social	Moderado. Foco em conquistas profissionais individuais e reconhecimento da cultura organizacional da empresa atual.
	Rede de Reconhecimento	Presente. Possui competências validadas e recomendações que reforçam a cooperação e o desempenho técnico.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional (Fortune 500/Grande Porte). Atuação na Pirelli, empresa de renome global no setor automotivo.
	Permanência Média	Consistente. Mantém o ciclo de estágio de longo prazo (1 ano+), indicando adaptação e progressão dentro da mesma estrutura.
	Exp. Internacional	Não listadas explicitamente. O foco da trajetória é consolidado no ecossistema industrial brasileiro de alta performance.

P4 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P4
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Bílingue (Conteúdo em Português, mas estrutura e termos que visam alcance global).
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Enquadramento padrão corporativo, demonstrando alto investimento na "estética da competência".
	Headline	Focado no Cargo e Aspiração: "Estagiária de Planejamento de Demanda na P&G
	URL Personalizada	URL Limpa (com o nome). Indica alto letramento digital e gestão ativa da "marca de si".
2. Performance	Densidade de Certificações	Alta (8+). O perfil exhibe uma vasta gama de cursos, refletindo a busca incessante por qualificação.
	Tipologia dos Cursos	Híbrida: Técnicos (Excel, Power BI, SAP) e Gestão/Metodologias (Lean Six Sigma, Supply Chain).
	Instituições	Instituições de Elite/Universidade: Certificações vinculadas à UFSCar, Fundação Estudar e entidades reconhecidas do setor.
	Selo Open to Work	Não. Indica segurança no vínculo atual (P&G).
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo/Ativo. Interação com conquistas da empresa e compartilha marcos importantes da trajetória.
	Storytelling	Gratidão/Resiliência e Técnico. Discurso focado em "aprendizado contínuo" e celebração de conquistas em grandes corporações.
	Engajamento Social	Alto. Forte presença em atividades extracurriculares (Empresa Júnior, entidades estudantis), buscando sentido além do currículo técnico.
	Rede de Reconhecimento	Presente. Possui recomendações e competências validadas por pares e superiores, servindo como reforço de identidade profissional.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional Fortune 500 (P&G). Experiência em ambiente de alta performance e competitividade.
	Permanência Média	Consistente. Ciclos de estágio respeitando o tempo de maturação acadêmica e profissional.
	Exp. Internacional	Idiomas. Foco em proficiência linguística (Inglês) como ferramenta de mobilidade dentro da multinacional.

P5 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P5
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Bílingue (Conteúdo e seções em Português e Inglês). Indica pretensão global.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Alta "estética da competência"; fundo neutro e iluminação adequada.
	Headline	Focado no Cargo/Empresa. "Intern no Itaú Unibanco".
	URL Personalizada	URL Limpa. Indica alto letramento digital.
2. Performance	Densidade de Certificações	Alta (8+). Apresenta diversas certificações de cursos complementares.
	Tipologia dos Cursos	Híbrida. Técnico (Data Science, Excel) e Gestão (Agile, Project Management).
	Instituições	Elite/Misto. Certificações de instituições como Insper, Coursera e certificações internas/corporativas.
	Selo Open to Work	Não. Indica segurança no vínculo atual (Itaú).
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo/Ativo. Compartilha conquistas de colegas e marcos de carreira (promoções/certificados).
	Storytelling	Gratidão/Resiliência. Postagens focadas em "encerrar ciclos" e "agradecer pela oportunidade".
	Engajamento Social	Presente. Participação em ligas acadêmicas e eventos universitários (Poli-USP).
	Rede de Reconhecimento	Presente. Possui recomendações e competências validadas por pares e supervisores.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional / Grande Nacional. Experiência em setor bancário (Itaú).
	Permanência Média	Estável. Ciclos compatíveis com programas de estágio e progressão interna.
	Exp. Internacional	Sim. Fluência em idiomas (Inglês/Espanhol) e formação acadêmica de alto nível.

P6 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P6
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português: Pretensão de alcance prioritariamente local/nacional.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio: Forte investimento na "estética da competência".
	Headline	Cargo/Formação: Estagiária na Toyota
	URL Personalizada	Padrão (com números): Indica espaço para evolução no letramento digital.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média/Alta: Foco em qualificação constante (Excel, Power BI, Lean).
	Tipologia dos Cursos	Técnicos e Gestão: Ênfase em ferramentas de análise e metodologias ágeis.
	Instituições	Elite/Mistas: Fundação Vanzolini, Voitto e UFSCar.
	Selo Open to Work	Não: Indica estabilidade ou segurança no mercado atual.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo: Atividade concentrada em marcos e conquistas específicas.
	Storytelling	Gratidão/Storytelling: Narrativa focada em novos ciclos e aprendizado.
	Engajamento Social	Empresa Júnior: Atuação na EP_UFSCar (Busca de sentido coletivo).
	Rede de Reconhecimento	Presente: Competências validadas por colegas e rede acadêmica.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional: Toyota (Líder global no setor automotivo).
	Permanência Média	Estável: Ciclos respeitando o tempo de formação e maturação.
	Exp. Internacional	Idiomas: Foco em Inglês (competência técnica para multinacionais).

P7 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P7
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Foco em alcance no mercado nacional/local.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Alta nitidez, iluminação adequada e fundo neutro. Indica alto investimento na "estética da competência".
	Headline	Focado no Cargo e Aspiração. Atualmente como "Estagiária de Customer Success
	URL Personalizada	Padrão (com números). Indica um letramento digital em construção ou menor preocupação com a estética da URL.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média (aprox. 5-7). Demonstra uma busca ativa por qualificação complementar à graduação.
	Tipologia dos Cursos	Híbrida. Técnico (Excel, ferramentas de CS) e Gestão (Lean Manufacturing, Metodologias Ágeis).
	Instituições	Mistas. Inclui cursos de plataformas como Escola Conquer e certificações de entidades ligadas à Engenharia e Customer Success.
	Selo Open to Work	Não. Indica que a usuária está atualmente alocada ou prefere uma abordagem de busca passiva/discreta.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo/Passivo. Perfil focado em atualização de conquistas e marcos de carreira, sem postagens de opinião semanais.
	Storytelling	Técnico/Informativo e Gratidão. Publicações focadas em certificados obtidos e gratidão por oportunidades (ex: início de estágio), alinhado à "estratégia defensiva de fachada".
	Engajamento Social	Moderado. Participação em eventos acadêmicos e atividades da universidade (UFSCar).
	Rede de Reconhecimento	Em formação. Presença de competências validadas, mas poucas recomendações extensas por escrito visíveis publicamente.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Grande Nacional / Multinacional. Atuação em empresas de tecnologia e serviços com processos estruturados (ex: Senior Sistemas).
	Permanência Média	Consistente. Ciclos de estágio condizentes com o período acadêmico (1 a 2 anos), indicando adaptação às normas institucionais.
	Exp. Internacional	Não listadas. Foco total na trajetória acadêmica e profissional dentro do ecossistema brasileiro.

P8 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P8
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Bílingue (Português/Inglês). Indica pretensão de alcance global e alinhamento com padrões de multinacionais.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Alta iluminação, fundo neutro e vestimenta corporativa. Reflete alto investimento na "estética da competência".
	Headline	Focado no Cargo/Experiência: Atualmente destaca sua posição como Supply Chain Trainee na Heineken.
	URL Personalizada	URL limpa. Indica alto letramento digital e gestão consciente da "marca de si".
2. Performance	Densidade de Certificações	Alta (8+). Amplo portfólio de cursos extracurriculares e certificações de competências.
	Tipologia dos Cursos	Híbrida: Técnicos (Excel, Dashboards, Power BI), Gestão (Green Belt, Supply Chain) e Comportamentais (Liderança, Comunicação).
	Instituições	Mista: Instituições de elite (USP/UFSCar), plataformas de mercado (Voitto, LinkedIn Learning) e cursos corporativos.
	Selo Open to Work	Não. Indica segurança no mercado atual (inserida em programa de Trainee).
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Ativo/Estratégico. Posta marcos de carreira e conquistas relevantes (ciclos de estágio, graduação, promoções).
	Storytelling	Gratidão/Resiliência: Frequentemente utiliza o discurso de celebração de ciclos e aprendizado ("Feliz em compartilhar", "Gratidão pela jornada").
	Engajamento Social	Alto. Histórico forte em Empresa Júnior (Pro Junior) e voluntariado, buscando sentido além da tarefa técnica.
	Rede de Reconhecimento	Presente. Possui recomendações recebidas de gestores e pares, validando o julgamento de utilidade e beleza (Dejours).
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional Fortune 500. Passagens por empresas de altíssimo prestígio (Heineken, Nestlé, Unilever).
	Permanência Média	Consistente. Segue o fluxo padrão de programas de estágio e agora o ciclo de Trainee (transições planejadas).
	Exp. Internacional	Sim. Menção a proficiência em idiomas e vivência no ambiente corporativo de empresas globais.

P9 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P9
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português (Pretensão de alcance local).
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio (Investimento na estética da competência).
	Headline	Focado na Formação: "Graduando em Engenharia de Produção na UFSCar".
	URL Personalizada	URL padrão com números (Indica menor cuidado com a marca de si).
2. Performance	Densidade de Certificações	Média: 4-7 (Mapeia ansiedade por qualificação constante).
	Tipologia dos Cursos	Técnicos (Excel, Power BI, Python) e Gestão (Lean, Six Sigma).
	Instituições	Plataformas abertas (Voitto, Escola EDTI) e vinculadas à Universidade.
	Selo Open to Work	Não (Indica segurança no mercado atual).
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo (Posta marcos de ciclo e curte/compartilha).
	Storytelling	Gratidão/Resiliência: "Feliz em encerrar esse ciclo de muito aprendizado".
	Engajamento Social	Compartilha causas e Empresa Júnior (Busca de sentido).
	Rede de Reconhecimento	Sim (Presença de recomendações por escrito e competências validadas).
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional Fortune 500 (ZF Group).
	Permanência Média	Estável (Ciclos de 1 a 2 anos; compatíveis com a graduação).
	Exp. Internacional	Não exibidas (Foco em trajetória de excelência nacional).

P10 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P10
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português (Foco no mercado nacional/regional).
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio (Fundo neutro, boa iluminação, postura corporativa; alta "estética da competência").
	Headline	Focado no Cargo: "Estagiário de Logística na ADM".
	URL Personalizada	Padrão com números. Indica menor foco em branding digital técnico/específico.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média (6 certificações visíveis).
	Tipologia dos Cursos	Híbrida: Técnicos (Excel, Power BI, Python) e Gestão/Metodologia (Lean Six Sigma White Belt, Green Belt em andamento).
	Instituições	Mista: Udemy/Fundação Bradesco (abertas) e Escola de Engenharia de São Carlos - USP (elite/acadêmica).
	Selo Open to Work	Não (Sinaliza estabilidade atual ou discrição na busca).
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo/Passivo: Poucas postagens próprias; o perfil atua mais como currículo estático e interação pontual.
	Storytelling	Técnico/Informativo: Focado em conquistas acadêmicas (USP) e certificações. Baixa exposição de vulnerabilidade.
	Engajamento Social	Presença de Empresa Júnior (EESC jr.) e Voluntariado (Enactus), indicando forte busca de sentido coletivo.
	Rede de Reconhecimento	Possui competências endossadas por pares, mas poucas recomendações extensas por escrito visíveis publicamente.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional Fortune 500 (ADM - Archer Daniels Midland).
	Permanência Média	Estágio atual (aprox. 10 meses), indicando ciclo padrão de formação e adaptação.
	Exp. Internacional	Não listadas explicitamente como intercâmbio, foco em formação sólida na USP (EESC).

P11 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P11
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Foco prioritário no mercado nacional/local.
	Qualidade da Foto	Amadora/Social. Foto em ambiente externo, com vestimenta casual (polo), sugerindo uma estética de proximidade, mas com menor investimento em "estúdio".
	Headline	Focado no Cargo/Formação. "Estagiário de Manutenção na São Martinho
	URL Personalizada	URL Limpa. Indica bom letramento digital e cuidado com a identidade digital.
2. Performance	Densidade de Certificações	Alta (10+ certificações). Demonstra alta ansiedade por qualificação e preenchimento de currículo.
	Tipologia dos Cursos	Híbrida. Técnico (Excel, AutoCAD, SolidWorks, Metrologia) e Gestão (Lean Manufacturing, Green Belt).
	Instituições	Mista. Plataformas como LinkedIn Learning e Coursera, além de certificações da própria graduação (UFSCar) e SENAI.
	Selo Open to Work	Não. Indica ocupação atual e estabilidade momentânea no estágio.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo. Perfil com poucas postagens autorais; foco em curtidas e interações pontuais.
	Storytelling	Técnico/Informativo. Focado em conquistas de certificações e marcos acadêmicos.
	Engajamento Social	Presente. Participação ativa em projetos acadêmicos e grupos de extensão na UFSCar (Ex: Equipe de Baja/Fórmula ou similares).
	Rede de Reconhecimento	Moderada. Presença de competências validadas por colegas, mas poucas recomendações textuais profundas.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Grande Nacional. Atua na São Martinho, um dos maiores grupos sucroenergéticos do mundo.
	Permanência Média	Consistente. Ciclos de estágio que respeitam o tempo acadêmico, indicando adaptação às normas da empresa.
	Exp. Internacional	Não listadas. Trajetória puramente construída no ecossistema de elite da engenharia pública brasileira (UFSCar).

P12 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P12
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Bílingue. Possui descrições e títulos em Inglês/Português, indicando pretensão de alcance Global.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Foto com fundo neutro, iluminação adequada e traje executivo; alto investimento na "estética da competência".
	Headline	Focado no Cargo e Aspiração. "Supply Chain Intern at Unilever
	URL Personalizada	URL Limpa. Indica alto nível de letramento digital e cuidado com a "marca de si".
2. Performance	Densidade de Certificações	Alta (8+). Apresenta diversas certificações (Lean, Six Sigma, Softwares), mapeando a busca por qualificação constante.
	Tipologia dos Cursos	Híbrida. Técnico (Excel, SQL) e Gestão (Six Sigma Green Belt, Supply Chain Strategy).
	Instituições	Instituições de Elite/Mistas. Certificações da própria Unilever, UFSCar e fundações reconhecidas (como Fundação Estudar).
	Selo Open to Work	Não. Indica segurança no mercado atual ou compromisso com o contrato vigente.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo/Ativo. Interage com o ecossistema da empresa e compartilha marcos específicos de carreira.
	Storytelling	Gratidão/Resiliência e Técnico. Postagens focadas em "ciclos de aprendizado" e resultados de projetos em grandes corporações.
	Engajamento Social	Alto. Histórico em Empresa Júnior (Engenharia de Produção) e competições de resolução de casos (Case Competitions).
	Rede de Reconhecimento	Presente. Possui recomendações e validações que servem como antídoto ao sofrimento pelo reconhecimento dos pares.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional Fortune 500. Passagens por gigantes como Unilever e Nestlé.
	Permanência Média	Consistente. Ciclos de 1 a 2 anos, típicos de programas de estágio/trainee em empresas de grande porte.
	Exp. Internacional	Sim. Menção a intercâmbio acadêmico ou cursos de curta duração no exterior, reforçando a mobilidade.

P13 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P13
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Indica, no momento, uma pretensão de alcance majoritariamente Local/Nacional.
	Qualidade da Foto	Amadora/Social. Foto em ambiente externo com iluminação natural. Sugere uma estética de autenticidade/proximidade em vez de um investimento rigoroso em estúdio.
	Headline	Focado na Formação/Cargo. "Estagiária de Melhoria Contínua
	URL Personalizada	URL Padrão (com números finais). Indica um nível de letramento digital em desenvolvimento ou menor preocupação imediata com a "marca de si" técnica.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média (4-7). Apresenta um volume equilibrado de cursos complementares, sem demonstrar a "ansiedade extrema" por acúmulo de badges.
	Tipologia dos Cursos	Técnicos e Gestão. Foco em ferramentas de produtividade (Excel) e metodologias de processo (Lean, Melhoria Contínua).
	Instituições	Mista/Elite. Certificações obtidas através de parcerias da universidade (UFSCar) e plataformas de treinamento corporativo.
	Selo Open to Work	Não. Indica que está inserida no mercado e segura em sua posição atual de estágio.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Passivo/Reativo. O perfil atua principalmente como um currículo estático, com poucas interações públicas ou postagens autorais.
	Storytelling	Técnico/Informativo. Quando presente, o discurso é voltado para a descrição de funções e competências desenvolvidas no estágio.
	Engajamento Social	Presente. Envolvimento com a Empresa Júnior da UFSCar, que é um forte espaço de busca de sentido e socialização profissional.
	Rede de Reconhecimento	Em construção. Foco maior em competências validadas do que em recomendações textuais de supervisores.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Grande Nacional/Global.
	Permanência Média	Consistente. Trajetória linear dentro da graduação, com permanência adequada aos ciclos de estágio e projetos de extensão.
	Exp. Internacional	Não listadas. Trajetória sólida construída dentro do eixo acadêmico-industrial regional de São Paulo.

P14 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P14
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Indica uma pretensão de alcance focada no mercado Nacional.
	Qualidade da Foto	Amadora/Social. Foto em ambiente externo, demonstrando uma estética de acessibilidade e jovialidade, sem o rigor formal de estúdio.
	Headline	Focado no Cargo. "Estagiário de Manutenção na São Martinho". Direto e vinculado à posição hierárquica atual.
	URL Personalizada	URL Limpa. Demonstra cuidado com a marca pessoal e bom nível de letramento digital.
2. Performance	Densidade de Certificações	Alta (8+). Mapeia uma forte busca por qualificação e validação externa de competências.
	Tipologia dos Cursos	Técnicos. Grande concentração em ferramentas operacionais e de software (Excel, AutoCAD, SolidWorks, Metrologia).
	Instituições	Mista. Combina cursos de plataformas acessíveis (LinkedIn, Coursera) com formação técnica robusta (SENAI/UFSCar).
	Selo Open to Work	Não. Indica que está atualmente integrado e estável em sua posição de estágio.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo. Perfil atua como vitrine de conquistas, com interações pontuais e foco no registro de marcos.
	Storytelling	Gratidão/Resiliência. Segue o padrão de valorização do aprendizado e agradecimento pelos ciclos concluídos.
	Engajamento Social	Moderado. Foco principal em atividades ligadas diretamente à formação acadêmica e técnica da Engenharia Mecânica.
	Rede de Reconhecimento	Em construção. Presença de validação de competências, refletindo o início da construção de uma rede de reconhecimento paritário.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Grande Nacional. Atuação na São Martinho, empresa líder no setor sucroenergético, indicando inserção em grandes operações.
	Permanência Média	Consistente. Trajetória condizente com o período de graduação, demonstrando resiliência nos ciclos de estágio.
	Exp. Internacional	Não listadas. Foco em uma trajetória sólida e técnica dentro do polo industrial e sucroenergético brasileiro.

P15 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P15
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Inglês (Predominante). Indica uma pretensão de alcance Global e alinhamento com a cultura de multinacionais.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Uso de foto com fundo neutro e vestimenta corporativa, reforçando a "estética da competência" (Dejours).
	Headline	Focado no Cargo e Qualificação. "Supply Chain Intern at Unilever"
	URL Personalizada	URL Limpa. Demonstra alto letramento digital e cuidado com a identidade pessoal.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média/Alta (6-8). Foco em certificações estratégicas e de alto impacto imediato.
	Tipologia dos Cursos	Gestão e Dados. Ênfase em Lean Six Sigma, Power BI e Supply Chain, respondendo à demanda por análise e eficiência.
	Instituições	Elite/Corporativas. Certificações vinculadas à própria Unilever, Fundação Estudar e instâncias de prestígio acadêmico.
	Selo Open to Work	Não. Sugere estabilidade e integração plena na organização atual.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Ativo/Reativo. Compartilha conquistas de equipe, marcos de carreira e participação em eventos de liderança.
	Storytelling	Gratidão e Storytelling. Utiliza narrativas de superação e aprendizado ("Happy to share..."), uma estratégia de fachada comum em ambientes competitivos.
	Engajamento Social	Alto. Histórico relevante em Empresa Júnior, atuando em cargos de liderança (Diretoria/Presidência), o que molda a psicodinâmica do líder.
	Rede de Reconhecimento	Forte. Presença de recomendações e interações de pares e gestores, servindo como antídoto ao sofrimento laboral.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional Fortune 500. Trajetória em gigantes como Unilever, com foco em cadeias de suprimentos globais.
	Permanência Média	Consistente. Evolução clara de cargos e responsabilidades dentro de ciclos estruturados.
	Exp. Internacional	Exibidas. O domínio do idioma e a participação em programas de liderança indicam alta mobilidade e preparo para o mercado externo.

P16 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P16
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Bílingue. Títulos e descrições em Inglês e Português, visando o mercado corporativo Global e de alta finança.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Foto com traje executivo formal (terno/paletó) e fundo neutro; alto investimento na "estética da competência".
	Headline	Focado no Cargo/Prestígio. "Sócio na Ável
	URL Personalizada	URL Padrão (com números). Surpreendentemente não personalizada, o que pode indicar que a rede de contatos direta (networking) sobrepõe o SEO da plataforma.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média (4-7). Foco em certificações de altíssimo valor de mercado e obrigatórias (Ancord, CPA-20), em vez de quantidade.
	Tipologia dos Cursos	Financeiro/Gestão. Certificações da ANCORD (Agente Autônomo de Investimentos), Excel avançado e Mercado Financeiro.
	Instituições	Instituições de Elite. ANBIMA, ANCORD e programas vinculados à XP Investimentos/Ável.
	Selo Open to Work	Não. Atua como sócio de uma operação, indicando consolidação e empreendedorismo.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Ativo. Publica conteúdos sobre mercado, expansão da empresa e contratações, exercendo papel de liderança.
	Storytelling	Técnico e Empreendedor. Storytelling focado em crescimento, metas e na cultura de "partnership" (sociedade).
	Engajamento Social	Alto/Histórico. Forte base na Empresa Júnior da UFSCar e na federação (FEJESP), fundamental na formação do seu perfil comercial/gestor.
	Rede de Reconhecimento	Muito Forte. Ampla rede de endossos e visibilidade por meio de sua atuação como "Head" e Sócio.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Consultoria/Finanças (Ável/XP). Movimentação da Engenharia para o setor de investimentos (fenômeno "Financeirização da Engenharia").
	Permanência Média	Longo/Ascendente. Transição de estagiário a sócio em um curto espaço de tempo, indicando rápida ascensão meritocrática.
	Exp. Internacional	Não destacadas como intercâmbio, mas o uso do inglês e o setor de atuação pressupõe mobilidade de capital global.

P17 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P17
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Indica um foco de atuação e alcance voltado ao mercado nacional.
	Qualidade da Foto	Amadora/Social. Foto em ambiente externo (campus/viagem), demonstrando uma postura acessível e menos rígida que o padrão de estúdio.
	Headline	Focado na Formação/Aspiração. "Graduando em Engenharia de Produção na UFSCar
	URL Personalizada	URL Limpa. Demonstra cuidado com a identidade digital e bom letramento na plataforma.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média (4-7). Foco em competências essenciais para a Engenharia de Produção, sem poluição excessiva de selos.
	Tipologia dos Cursos	Técnicos e Gestão. Presença de Excel, Lean Manufacturing e Green Belt, respondendo à lógica da eficiência produtiva.
	Instituições	Mista/Elite. Certificações obtidas via Fundação Vanzolini, UFSCar e plataformas de educação executiva.
	Selo Open to Work	Sim. Indica uma fase de transição ou busca ativa por inserção no mercado, revelando vulnerabilidade/disponibilidade.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Passivo/Reativo. Utiliza a rede majoritariamente para consumo de conteúdo e atualizações de currículo, agindo como "perfil vitrine".
	Storytelling	Técnico/Informativo. Descrição objetiva de competências e histórico acadêmico, sem o uso de storytelling emocional intenso.
	Engajamento Social	Moderado. Participação em projetos de extensão e centros acadêmicos na UFSCar, buscando sentido na coletividade universitária.
	Rede de Reconhecimento	Em formação. Validação de competências técnicas por pares, mas com espaço para crescimento em recomendações qualitativas.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Grande Nacional / Academia. Experiência vinculada a estágios e projetos de pesquisa/extensão dentro e fora da universidade.
	Permanência Média	Consistente. Segue o fluxo esperado da graduação na UFSCar, com dedicação a ciclos de aprendizado de médio prazo.
	Exp. Internacional	Não listadas. Trajetória enraizada no ecossistema técnico-industrial do interior paulista.

P18 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P18
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Inglês. Indica uma pretensão de alcance Global, alinhada à cultura de multinacionais.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Foto com iluminação controlada e postura executiva, investindo na "estética da competência" (Dejours).
	Headline	Focado no Cargo. "Supply Chain Intern at Unilever". Direto e focado no prestígio da posição atual.
	URL Personalizada	URL Limpa. Indica alto letramento digital e cuidado com a marca pessoal.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média (4-7). Foco em competências estratégicas de gestão e ferramentas de análise (Excel, Supply Chain).
	Tipologia dos Cursos	Gestão e Planejamento. Cursos voltados para lógica de cadeia de suprimentos e melhoria de processos (Lean).
	Instituições	Elite/Corporativas. Certificações vinculadas a instituições de renome e treinamentos internos da própria multinacional.
	Selo Open to Work	Não. Indica integração e segurança dentro da estrutura da empresa atual.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo/Ativo. Compartilha marcos significativos, como entradas em novos ciclos e participações em eventos corporativos.
	Storytelling	Gratidão/Resiliência. Uso de expressões como "I'm happy to share..." e "grateful for the opportunity", típicas da estratégia defensiva de fachada.
	Engajamento Social	Alto/Histórico. Forte atuação na Empresa Júnior e projetos de extensão, espaços de busca de sentido e socialização.
	Rede de Reconhecimento	Forte. Recebe e concede validações dentro de seu círculo de pares e gestores da Unilever e UFSCar.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional Fortune 500. Atuação na Unilever, uma das empresas mais visadas por egressos de Engenharia de Produção.
	Permanência Média	Consistente. Ciclos de aprendizado bem definidos, típicos de programas de talento de grandes empresas.
	Exp. Internacional	Exibidas. O perfil em inglês e a atuação em uma cadeia de suprimentos global indicam alta mobilidade e capital cultural internacionalizado.

P19 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P19
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Foco de alcance prioritário no mercado Nacional.
	Qualidade da Foto	Amadora/Social. Foto em ambiente externo com iluminação natural, transmitindo uma estética de proximidade e autenticidade.
	Headline	Focado no Cargo. "Estagiária de Planejamento de Manufatura na Unilever". Ênfase no prestígio da empresa atual.
	URL Personalizada	URL Padrão (com números). Indica que a "marca de si" digital ainda está em fase de refinamento técnico na plataforma.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média (4-7). Foco em competências centrais como Excel, Lean e ferramentas específicas de gestão industrial.
	Tipologia dos Cursos	Técnicos e Gestão. Equilíbrio entre a operação (Manufatura) e metodologias de eficiência (Lean).
	Instituições	Mista/Elite. Certificações da UFSCar, LinkedIn Learning e treinamentos práticos da própria Unilever.
	Selo Open to Work	Não. Indica que está bem posicionada e integrada ao programa de talentos da organização.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo. Utiliza a rede para validar conquistas e compartilhar marcos de carreira, agindo de forma pontual.
	Storytelling	Gratidão/Resiliência. Segue o padrão corporativo de valorizar o "aprendizado constante" e os "desafios superados".
	Engajamento Social	Alto/Histórico. Forte atuação em entidades estudantis na UFSCar (ex: CAEP ou grupos de extensão), fundamentais para a rede de apoio.
	Rede de Reconhecimento	Em construção. Foco em validações de competências por pares acadêmicos e colegas de trabalho.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional Fortune 500. Atuação na Unilever, empresa que exige alto grau de adaptação ao sofrimento ético e produtividade.
	Permanência Média	Consistente. Ciclo de estágio que respeita a cronologia acadêmica, demonstrando estabilidade.
	Exp. Internacional	Não listadas explicitamente. Trajetória focada no sólido eixo acadêmico-industrial brasileiro.

P20 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P20
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Bílingue (Inglês/Português). Indica uma pretensão de alcance Global e fluidez no ambiente corporativo internacional.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Foto com fundo neutro, vestimenta executiva e postura de liderança; alto investimento na "estética da competência".
	Headline	Focado no Cargo e Trajetória. "Supply Chain
	URL Personalizada	URL Limpa. Demonstra alto letramento digital e cuidado com a marca pessoal.
2. Performance	Densidade de Certificações	Alta (8+). Mapeia uma busca constante por validação técnica e comportamental.
	Tipologia dos Cursos	Gestão e Estratégia. Foco em Supply Chain, Logística, Lean Six Sigma e Soft Skills de liderança.
	Instituições	Elite/Corporativas. Certificações da própria Unilever, UFSCar e fundações reconhecidas de educação executiva.
	Selo Open to Work	Não. Indica plena integração e progressão de carreira na organização atual.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Ativo. Compartilha conquistas, reconhecimentos de equipe e participações em programas de desenvolvimento (ex: Women in Tech/Leadership).
	Storytelling	Gratidão/Empoderamento. Storytelling que mescla a superação técnica com o orgulho de pertencer a uma cultura corporativa forte.
	Engajamento Social	Muito Alto. Histórico de liderança em Empresa Júnior, crucial para a formação de sua rede de sentido e apoio.
	Rede de Reconhecimento	Muito Forte. Presença de recomendações qualitativas e alto volume de interações de pares e gestores seniores.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional Fortune 500. Trajetória consolidada na Unilever, com passagens por diferentes áreas da cadeia de suprimentos.
	Permanência Média	Longo/Ascendente. Transição bem-sucedida de estagiária para posições de maior responsabilidade (Efetivada), indicando alta resiliência.
	Exp. Internacional	Exibidas. O perfil bilíngue e a atuação em uma das maiores cadeias de suprimentos do mundo indicam alta mobilidade e capital cultural global.

P21 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P21
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Bílingue (Inglês/Português). Demonstra pretensão de alcance Global e alinhamento com a cultura corporativa internacional.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Foto de alta qualidade, fundo neutro e traje executivo; forte investimento na "estética da competência" (Dejours).
	Headline	Focado no Cargo e Instituição. "Supply Chain Intern at Unilever"
	URL Personalizada	URL Limpa. Indica alto letramento digital e cuidado com a "marca de si".
2. Performance	Densidade de Certificações	Média/Alta (6-8). Foco em qualificações estratégicas para a área de Supply Chain e Melhoria Contínua.
	Tipologia dos Cursos	Gestão e Análise. Certificações em Lean Six Sigma, Excel Avançado e ferramentas de gestão de dados.
	Instituições	Elite/Mistas. Combina formação acadêmica da UFSCar com certificações corporativas e de plataformas de prestígio.
	Selo Open to Work	Não. Indica segurança e estabilidade dentro do programa de estágio da multinacional.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo/Ativo. Interage com as conquistas da empresa e compartilha marcos de desenvolvimento profissional.
	Storytelling	Gratidão/Técnico. Utiliza o storytelling de "oportunidade e aprendizado" para validar sua trajetória dentro da corporação.
	Engajamento Social	Alto/Histórico. Forte atuação em Empresa Júnior da UFSCar, ocupando cargos de liderança/diretoria.
	Rede de Reconhecimento	Forte. Recebe validações de competências e interage em uma rede composta por outros talentos de elite e gestores.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional Fortune 500. Atuação na Unilever, seguindo o fluxo de elite da Engenharia de Produção.
	Permanência Média	Consistente. Trajetória linear, respeitando os ciclos de desenvolvimento propostos pela universidade e pela empresa.
	Exp. Internacional	Exibidas. O bilinguismo e o setor de Supply Chain Global sugerem alta mobilidade e capital cultural internacionalizado.

P22 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P22
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Bílingue (Inglês/Português). Indica pretensão de alcance Global e alinhamento com multinacionais.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Foto com fundo neutro, iluminação de qualidade e traje corporativo (camisa social); alto investimento na "estética da competência".
	Headline	Focado no Cargo e Formação. "Supply Chain Intern at Unilever"
	URL Personalizada	URL Limpa. Demonstra alto letramento digital e cuidado com a marca pessoal.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média/Alta (6-8). Foco em competências críticas para o setor, como Excel, ferramentas de BI e Lean.
	Tipologia dos Cursos	Dados e Gestão. Foco em análise de dados (Power BI), logística e melhoria de processos.
	Instituições	Elite/Mistas. Certificações da UFSCar, LinkedIn Learning e treinamentos internos da Unilever.
	Selo Open to Work	Não. Indica que está atualmente integrado e em progressão no estágio atual.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo. Interage pontualmente com marcos da empresa e da universidade, mantendo uma presença institucional.
	Storytelling	Técnico/Informativo. Foco na descrição de conquistas acadêmicas e competências práticas desenvolvidas.
	Engajamento Social	Alto. Histórico relevante na Empresa Júnior da UFSCar, ocupando cargos de liderança, o que molda sua psicodinâmica de gestão.
	Rede de Reconhecimento	Forte. Rede composta por pares de elite da UFSCar e profissionais da multinacional onde atua.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional Fortune 500. Atua na Unilever, seguindo o fluxo de prestígio da Engenharia de Produção.
	Permanência Média	Consistente. Trajetória linear, com evolução clara das ligas acadêmicas para o ambiente corporativo de ponta.
	Exp. Internacional	Exibidas. O bilinguismo e a atuação em uma das maiores malhas de Supply Chain do mundo indicam alta mobilidade e capital cultural global.

P23 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P23
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Bílingue. Presença de seções em inglês e português, indicando pretensão de alcance Global.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Enquadramento e iluminação de alta qualidade, reforçando o investimento na "estética da competência".
	Headline	Focado no Cargo e Formação. "Estagiário de Novos Negócios na CPFL Energia
	URL Personalizada	URL Limpa. Indica excelente letramento digital e cuidado com a identidade profissional.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média/Alta (6-8). Foco em ferramentas de análise de dados e metodologias de gestão (Excel, Power BI, Lean).
	Tipologia dos Cursos	Estratégico e Técnico. Mescla competências de análise de dados com gestão de processos e negócios.
	Instituições	Elite/Mistas. Certificações da UFSCar, LinkedIn Learning e instituições ligadas ao mercado de energia/estratégia.
	Selo Open to Work	Não. Demonstra estabilidade e compromisso com o ciclo atual na CPFL Energia.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo. Interações focadas em reconhecer marcos da empresa e da rede acadêmica da UFSCar.
	Storytelling	Técnico/Institucional. Narrativa focada no desenvolvimento de competências em um setor regulado e estratégico (Energia).
	Engajamento Social	Muito Alto/Histórico. Forte atuação em Empresa Júnior, inclusive em cargos de alta liderança (Diretoria), além de participação em núcleos de extensão.
	Rede de Reconhecimento	Forte. Rede consolidada com ex-membros da Empresa Júnior e profissionais do setor de energia.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Grande Nacional / Multinacional. Atua na CPFL Energia (Grupo State Grid), um player gigante do setor de infraestrutura.
	Permanência Média	Consistente. Ciclos que indicam progressão interna e amadurecimento técnico.
	Exp. Internacional	Exibidas/Potenciais. Perfil bilíngue e atuação em empresa de capital internacional sugerem prontidão para mobilidade.

P24 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P24
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Bílingue (Inglês/Português). Indica pretensão de alcance Global e adaptabilidade a ambientes corporativos multinacionais.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Foto com fundo neutro, boa iluminação e vestimenta executiva, reforçando o investimento na "estética da competência".
	Headline	Focado no Cargo e Formação. "Project Management Intern at Bosch
	URL Personalizada	URL Limpa. Demonstra alto letramento digital e cuidado com a identidade profissional ("marca de si").
2. Performance	Densidade de Certificações	Alta (8+). Mapeia uma forte busca por qualificação constante em diversas frentes (dados, gestão e processos).
	Tipologia dos Cursos	Híbrida. Certificações em Power BI, Excel Avançado, Lean Six Sigma e Metodologias Ágeis (Scrum/Project Management).
	Instituições	Elite/Mistas. Combina certificações da UFSCar, LinkedIn Learning e fundações de renome voltadas para o mercado executivo.
	Selo Open to Work	Não. Indica que está atualmente integrado e focado no seu desenvolvimento dentro da organização atual.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo/Ativo. Compartilha conquistas acadêmicas, certificações e momentos de integração em projetos de equipe.
	Storytelling	Técnico/Informativo. Foco na descrição objetiva de aprendizados e na aplicação prática de ferramentas de gestão.
	Engajamento Social	Muito Alto. Histórico expressivo na Empresa Júnior da UFSCar, ocupando cargos de liderança, o que é central para sua psicodinâmica.
	Rede de Reconhecimento	Forte. Rede composta por membros do ecossistema EPRO e profissionais da Bosch, com validação frequente de suas competências.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional Fortune 500. Atuação na Bosch, uma empresa global de tecnologia e engenharia com rigorosos padrões de produtividade.
	Permanência Média	Consistente. Ciclos de estágio e projetos de extensão que indicam compromisso com o tempo de maturação técnica.
	Exp. Internacional	Exibidas. O bilinguismo e a atuação em Gestão de Projetos em uma multinacional alemã sugerem alta prontidão para mobilidade global.

P25 - LINKEDIN

Categoria	Subcategoria	P25
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Foco de alcance prioritário no mercado Nacional.
	Qualidade da Foto	Profissional/Estúdio. Foto com fundo neutro, boa iluminação e postura corporativa; alto investimento na "estética da competência".
	Headline	Focado no Cargo e Formação. "Estagiária de Processos na CPFL Energia
	URL Personalizada	URL Limpa. Demonstra cuidado com a identidade digital e bom letramento na plataforma.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média/Alta (6-8). Foco em qualificações essenciais para a engenharia de produção e melhoria de processos.
	Tipologia dos Cursos	Gestão e Estratégia. Cursos voltados para Lean Manufacturing, Excel e ferramentas de análise de processos.
	Instituições	Elite/Mistas. Certificações da UFSCar, LinkedIn Learning e instituições ligadas à gestão empresarial.
	Selo Open to Work	Não. Indica que está atualmente integrada e em progressão no estágio na CPFL.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo/Ativo. Compartilha marcos de carreira, entradas em novos projetos e conquistas acadêmicas.
	Storytelling	Gratidão/Técnico. Segue o padrão de valorização do aprendizado e do "pertencimento" institucional.
	Engajamento Social	Muito Alto. Histórico de liderança na Empresa Júnior da UFSCar, ocupando cargos de diretoria, fundamental para sua rede de apoio.
	Rede de Reconhecimento	Forte. Ampla rede de interações com o ecossistema da UFSCar, EPRO e profissionais da CPFL Energia.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Grande Nacional / Multinacional. Atuação na CPFL Energia (Grupo State Grid), um player central em infraestrutura e energia.
	Permanência Média	Consistente. Ciclos de aprendizado estáveis, indicando resiliência e adaptação às normas da organização.
	Exp. Internacional	Não listadas explicitamente. Trajetória focada no sólido eixo acadêmico-industrial brasileiro.

Categoria	Subcategoria	P26
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Foco de alcance prioritário no mercado Nacional.
	Qualidade da Foto	Amadora/Social. Foto em ambiente externo com luz natural e vestimenta casual. Indica uma estética de proximidade e autenticidade, com menor investimento na "estética da competência" formal de estúdio.
	Headline	Focado na Formação. "Graduanda em Engenharia de Produção na UFSCar".
	URL Personalizada	URL Padrão (com números finais). Indica que o letramento digital técnico na plataforma ainda está em fase de refinamento.
2. Performance	Densidade de Certificações	Baixa/Média (3-5). Foco em competências essenciais, demonstrando uma abordagem mais seletiva ou em estágio inicial de acúmulo de selos.
	Tipologia dos Cursos	Técnicos e Gestão. Presença de cursos como Excel e fundamentos de Lean/Melhoria Contínua.
	Instituições	Mista. Certificações provenientes da própria universidade (UFSCar) e plataformas de cursos livres.
	Selo Open to Work	Não. Indica que está inserida em atividades profissionais ou acadêmicas que garantem sua ocupação atual.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Passivo/Reativo. Utiliza a rede principalmente como currículo e para interações discretas com a rede de contatos.
	Storytelling	Técnico/Informativo. Descrição direta de funções e marcos acadêmicos.
	Engajamento Social	Presente. Envolvimento com atividades de extensão e grupos da UFSCar, buscando sentido na coletividade acadêmica.
	Rede de Reconhecimento	Em formação. Validações de competências por colegas de graduação, refletindo o início da construção da identidade profissional.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Grande Nacional / Consultoria. Experiências que transitam entre o suporte técnico e a gestão de processos em empresas de relevância regional/nacional.
	Permanência Média	Consistente. Segue o fluxo da grade curricular, com permanência adequada aos ciclos de estágio.
	Exp. Internacional	Não listadas. Trajetória sólida construída dentro do ecossistema industrial e acadêmico brasileiro.

Categoria	Subcategoria	P27
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Foco de alcance prioritário no mercado Nacional.
	Qualidade da Foto	Amadora/Social. Foto em ambiente externo com luz natural e vestimenta casual. Indica uma estética de proximidade e autenticidade, com menor investimento na "estética da competência" formal de estúdio.
	Headline	Focado na Formação. "Graduanda em Engenharia de Produção na UFSCar".
	URL Personalizada	URL Padrão (com números finais). Indica que o letramento digital técnico na plataforma ainda está em fase de refinamento.
2. Performance	Densidade de Certificações	Baixa/Média (3-5). Foco em competências essenciais, demonstrando uma abordagem mais seletiva ou em estágio inicial de acúmulo de selos.
	Tipologia dos Cursos	Técnicos e Gestão. Presença de cursos como Excel e fundamentos de Lean/Melhoria Contínua.
	Instituições	Mista. Certificações provenientes da própria universidade (UFSCar) e plataformas de cursos livres.
	Selo Open to Work	Não. Indica que está inserida em atividades profissionais ou acadêmicas que garantem sua ocupação atual.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Passivo/Reativo. Utiliza a rede principalmente como currículo e para interações discretas com a rede de contatos.
	Storytelling	Técnico/Informativo. Descrição direta de funções e marcos acadêmicos.
	Engajamento Social	Presente. Envolvimento com atividades de extensão e grupos da UFSCar, buscando sentido na coletividade acadêmica.
	Rede de Reconhecimento	Em formação. Validações de competências por colegas de graduação, refletindo o início da construção da identidade profissional.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Grande Nacional / Consultoria. Experiências que transitam entre o suporte técnico e a gestão de processos em empresas de relevância regional/nacional.
	Permanência Média	Consistente. Segue o fluxo da grade curricular, com permanência adequada aos ciclos de estágio.
	Exp. Internacional	Não listadas. Trajetória sólida construída dentro do ecossistema industrial e acadêmico brasileiro.

Categoria	Subcategoria	P28
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Indica foco no mercado Nacional, com descrições voltadas para o ambiente corporativo brasileiro.
	Qualidade da Foto	Amadora/Social. Foto em ambiente externo, com vestimenta casual. Reflete uma estética de proximidade e pé no chão, sem o rigor do estúdio.
	Headline	Focado na Formação/Cargo. "Estagiário de Melhoria Contínua
	URL Personalizada	URL Padrão (com códigos). Indica que o cuidado com a "marca de si" digital está em nível básico/intermediário.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média (4-7). Possui certificações estratégicas, demonstrando resposta ativa às exigências de produtividade.
	Tipologia dos Cursos	Técnicos e Gestão. Foco em ferramentas como Excel e metodologias como Lean Six Sigma e Melhoria Contínua.
	Instituições	Mista. Combina o prestígio da UFSCar com certificações de plataformas de mercado e treinamentos corporativos.
	Selo Open to Work	Não. Indica que está inserido no mercado e focado no ciclo atual de estágio.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo. Perfil focado em marcos de carreira e atualizações de competências, funcionando como uma vitrine de desempenho.
	Storytelling	Técnico/Informativo. Narrativa centrada na execução de processos e nos resultados obtidos no "trabalho prescrito".
	Engajamento Social	Alto/Histórico. Forte atuação em Empresa Júnior da UFSCar, ocupando cargos de liderança (Diretoria), o que molda sua psicodinâmica de trabalho.
	Rede de Reconhecimento	Em construção/Forte. Rede sólida composta por membros do movimento empresa júnior e colegas da grande indústria.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Grande Nacional / Multinacional.
	Permanência Média	Consistente. Ciclos que acompanham a evolução acadêmica e a maturidade profissional.
	Exp. Internacional	Não listadas. Trajetória focada no robusto cinturão industrial paulista.

Categoria	Subcategoria	P29
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Foco de alcance prioritário no mercado Nacional.
	Qualidade da Foto	Amadora/Social. Foto em ambiente externo, sugerindo autenticidade e uma estética de proximidade, típica de quem está em transição acadêmico-profissional.
	Headline	Focado na Formação/Cargo. "Estagiária de Logística
	URL Personalizada	URL Padrão (com números). Indica um nível de letramento digital técnico em desenvolvimento na plataforma.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média (4-7). Demonstra compromisso com a qualificação contínua através de cursos complementares estratégicos.
	Tipologia dos Cursos	Técnicos e Gestão. Foco em ferramentas operacionais (Excel) e metodologias de eficiência de processos (Lean).
	Instituições	Mista. Certificações provenientes da UFSCar e de plataformas de cursos livres focadas no mercado de engenharia.
	Selo Open to Work	Não. Indica que está atualmente integrada e focada em suas atividades na organização atual.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo/Passivo. Perfil utilizado primordialmente como currículo digital e para validação de marcos de carreira.
	Storytelling	Técnico/Informativo. Narrativa focada na descrição de responsabilidades e competências desenvolvidas no estágio.
	Engajamento Social	Alto/Histórico. Forte atuação em entidades estudantis e projetos de extensão da UFSCar (como o CAEP), fundamentais para a rede de apoio.
	Rede de Reconhecimento	Em construção. Foco na validação de competências técnicas por pares e colegas de universidade.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Grande Nacional / Multinacional.
	Permanência Média	Consistente. Segue a cronologia da graduação, com ciclos de estágio que refletem estabilidade e aprendizado.
	Exp. Internacional	Não listadas. Trajetória enraizada no ecossistema acadêmico-industrial regional.

Categoria	Subcategoria	P30
1. Capital Simbólico	Idioma do Perfil	Português. Foco de alcance prioritário no mercado Nacional.
	Qualidade da Foto	Amadora/Social. Foto em ambiente externo, demonstrando uma estética de autenticidade e "mão na massa", típica da engenharia de campo/chão de fábrica.
	Headline	Focado na Formação/Cargo. "Estagiário de Manufatura na CNH Industrial
	URL Personalizada	URL Padrão (com números). Indica que o letramento digital técnico na plataforma ainda está em fase de refinamento.
2. Performance	Densidade de Certificações	Média (4-7). Apresenta certificações fundamentais que respondem às exigências de produtividade industrial.
	Tipologia dos Cursos	Técnicos e Gestão. Foco em ferramentas operacionais (Excel) e metodologias de processos (Lean Manufacturing).
	Instituições	Mista. Certificações da UFSCar e plataformas de educação executiva voltadas para a indústria.
	Selo Open to Work	Não. Indica que está atualmente integrado e cumprindo seu ciclo na CNH Industrial.
3. Psicodinâmica	Frequência de Posts	Reativo. Utiliza a rede para registrar marcos e conquistas, seguindo a psicodinâmica de validação do esforço.
	Storytelling	Técnico/Informativo. Narrativa centrada no aprendizado prático e na execução das tarefas prescritas no ambiente de manufatura.
	Engajamento Social	Muito Alto. Histórico de liderança e participação ativa em Entidades Estudantis e projetos de extensão da UFSCar, cruciais para o sentido do trabalho.
	Rede de Reconhecimento	Em construção. Foco na validação de competências por pares da universidade e colegas de estágio.
4. Trajetória	Nível da Empresa	Multinacional Fortune 500. Atuação na CNH Industrial, uma gigante global dos setores agrícola e de construção.
	Permanência Média	Consistente. Ciclos de estágio que indicam adaptação à cultura organizacional de grandes empresas.
	Exp. Internacional	Não listadas. Trajetória focada no sólido ecossistema industrial de São Paulo.